

# INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO

POR

*José Joaquim Junqueira Freire*

SEGUNDA EDIÇÃO

CORRECTA E ACCRESCENTADA COM UM

## JUÍZO CRÍTICO

POR

*J. M. Pereira da Silva*



COIMBRA

Imprensa da Universidade

1867

# INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO

O que intenderdes que é util, podeis sem receio publicar-o.

COURIER;

A natureza d'esta publicação exige de si algumas palavras de explicação. Este prologo é filho da necessidade tamsonmente. Longe de mim a vaidade dos discursos ociosos.

As poesias presentes agradarão a bem poucos: agradarão apenas a algumas almas fortes, que não poderam ainda ser eivadas nem do cancro do septicismo, nem da mania do mysticismo: agradarão apenas a alguns homens completamente livres, que não sujeitaram-se ainda, si não ás luzes da razão. Ora, estes homens sam bem raros na sociedade actual, porque a hyperbole dos systemas e das crenças traz em si não sei que talisman, qué arrasta todos os espíritos, por bem formados que sejam. O eclecticismo nas opiniões, que não sam essencialmente philosophicas, repugna ainda aos animos, e é chrismado de absurdo.

Eu tenho, por tanto, a maioria dos homens por meus inimigos.

Pela mão invisível da Providencia fui arrojado ha três annos para o coração do claustro. Por essa inclassificavel acção, de que hoje me espanto, tive as benções de uns e os escarneos de outros. Eram ainda os homens mysticos e os scepticos que louvavam-me ou vituperavam-me. Pela mão invisível da Providencia fui arrojado outra vez para o torvelinho da sociedade. Por isso tive a maldição de quasi todos. Eram ainda os mysticos, que não pejavam-se de cantar a palinodia dos louvores, que me haviam magnificamente dispensado,— eram os scepticos, que compunham d'este accotecimento um marcialico epigramma.

Hoje, entre tanto, venho offerecer ao publico o complemento de meus pensamentos durante meu triennio claustral.

Serei recebido pelos mesmos homens: — por tanto, muito mal.

Não importa.

Nos paizes eminentemente illustrados não aguarda-se mais pelo juizo da posteridade. Vivendo-se, goza-se já do nome, que antigamente depositava-se nas ares mysteriosas do porvir. No Brazil, porem, não é ainda assim. Eu tenho — graças a Deus,— o consolo de poder esperar pelo futuro em minha patria!

N'este sonho sedativo da consciencia,— seja uma illusão embora,— adormecerei tranquillo.

Entre tanto,— fervam os pensamentos da paixão. Os escriptos poeticos, que apresento, não foram formados em delírio. Enthusiasma da raiva! que tenho eu com tigo ?

A hora da inspiração é um mysterio de luz que passa inappercebivel. Com tudo, eu tenho consciência de que, por mais ethereo que seja aquelle momento, cantei tamsomente o que o imperativo da razão inspirava-me como justo. Não exclui, na verdade, o sentimento n'estas composições a que presidia a solidão, porque ninguém o pode,— mas também não sou cabalmente um poeta. Ha em mim alguma cousa de menos para completar o anjo das harmonias terrestre. Ha, por ventura, a reflexão gelada de Montaigne, que apaga os impetos, que matta ás vezes a mesma sublimidade. Klostok, eu não posso acompanhar teus vãos!

Pelo lado da arte, meus versos, segundo me parece, aspiram a cazar-se com a proza medida dos antigos.

Sabe-se que os latinos modulavam os periodos do discurso. Sabe-se que os italianos, em seu seculo classico, imitaram miudamente aquelles, de quem tinham herdado a litteratura. Sabe-se que os primeiros escriptores portuguezes cadenciavam igualmente suas construcções. Sabe-se que, attingindo a musica prozaica a uma perfeição absurda, desterrou-se completamente do discurso todo o artificio. A versificação triumphou sobre as ruinas da proza. Bocage deixa de ser poeta, para ser musico. A proza tinha expirado.

Começa-se entam a procurar um accôrdo. O modulo dos latinos, estudado e seguido pelos italianos, quasi aperfei-

-coado pelos portuguezes, tinha algum tanto de justo e de bello. A proza recobrou os seus direitos.

Tudo isto traz com sigo algumas perguntas necessarias:

Athe onde irá a melodia da proza ? Será a proza um dia tam acabada de melodia, de rythmo, de harmonia mesma, que venha a ser inútil a musica da fôrma poetica ? Chegará um dia a litteratura a um tal grau, que distinga a proza e a poesia tamsomente pelo nuance dos pensamentos ? Nascerá um dia d'estas duas expressões mais ou menos bellas uma fôrma intermediaria, que expose tanto da singeleza da proza, quanto do artificio da versificação ? Será o futuro o mesmo que o passado,— e a proza, em um circulo constantemente vicioso, voltará para a poesia, e a poesia de novo para a proza ? O Telemaco de Fenelon, os Martyres de Chateaubriand, os Dramas modernos, os Romances mesmos de agora, que sam por ventura arremêdos de epepeas, não se levantam, como brados magestosos, contra esta ultima hypothese? Teremos de viver continuamente no gyro desesperador que descreveu o Ecclesiastes ? O que foi será o mesmo que ha de ser em toda a sua amplitude,— ou aquelle axioma sagrado admite restricções ? Meu Deus! o vosso Christo, descendo de vosso eterno e fecundo seio, não trouxe á humanidade alguma idea nova, algum factio que inda não tivesse sido?

Presentemente,— cuido eu,— nem uma resposta póde dar-se a estas questões, si não uma duvida. Pois bem: — meus versos representam esta hesitação, segundo penso. Procuram,, a pezar meu, a naturalidade da proza, e recêam desprezar completamente a cadência bocagiana.

Alem d'isto, a quem canta pela razão, e pouco talvez pelo sentimento, esta fôrma singela, quasi não trabalhada, por ventura mais severa, é que melhor lhe póde convir.

O aspecto social, que parecem ter estas composições, obrigam-me ainda a não finalizar de subito este prologo.

O que cantas ? — perguntar-me-ão.

O que podia eu cantar, incerrado nas muralhas solitárias de um claustro, ouvindo a cada hora os toques continuados de um sino que chama á oração, vendo uma turma de ho-

mens com vestidos talares negros, que levavam-me â recordação dos costumes dos tempos antigos, passeando sempre sôbre um chão povoado de sepulchros, conversando com o silencio do dia e a solidão da noute?

Cantei o monge e a morte. .

Cantei o monge, porque elle soffre,— soffre muito.

Cantei o monge, por que o mundo o despreza. Cantei o monge, porque elle é hoje uma cousa inutil e ociosa, em consequencia de suas instituições anachronicas. Cantei o monge, por que elle não tem culpa de ser mau, nem pôde por si só ser bom. Cantei o monge, por que elle poderia ser uma personagem quasi necessária, dando-se-lhe as leis communs da humanidade.

Cantei o monge, por que elle é infeliz. Cantei o monge, por que elle é escravo, não da cruz, mas do arbitrio estúpido de outro homem. Cantei o monge, por que não ha ninguém, que se ocupe de cantal-o.

E por isso que cantei o monge, cantei também a morte. É ella o epilogo mais bello de sua vida: é seu único triumpho.

Na verdade, ao homem sincero amante de sua patria, doe-lhe dentro da alma ver tanta gente estaccionada, sem nada fazer, podendo produzir tanto bem. Não ! a charidade que o Christo insinou, não é egoista : — imagem real do pelicano, que arranca o coração para dal-o aos filhos !

Muitos, a quem tomam o cuidado de chamar — impios, — censuram o monge no monge. Eu deploro-o somente, por que elle não é criminoso. A instituição, a instituição é que, depois de lhe tirar o trabalho, hoj'em dia já não precizo, de rotear montanhas, não lhe forneceu outro qualquer em ordem ás necessidades da epocha, mas antes convidou-o : a uma espécie de ócio, no qual elle não pôde ser mais, que | mau e desgraçado.

Eu fallo com o coração entre as mãos acerca de todas essas qusas,— de todos esses padecimentos.

Quorum pars magna fui.

Como esse Eneas, desenhado pela imaginação de Virgilio, sahindo do boqueirão das chammas, que ainda lavram, posso, — graças a Deus! — fallar de Troya, sem correr seus riscos.

Oh monges,— feitos assim como estais, constituídos d'este modo,— que sois mais que estas arvores infructíferas, de que falla o evangelho, que não servem, si não para o fogo? . Si o homem Deus passasse por vós, como passou pela figueira esteril, não vos destruiria pela raiz, como o raio fulminante da maldição eterna ?

Sêde jesuítas, como sois, sêde-o: mas sêde-o também, como os Anchiettas, os Nobregas, os Vieiras. Por que não?

Olhae : — ahi estam nossos sertões, nossas florestas seculares, sombreando immenso gentio, acubertando um culto infame, defendendo barbaros costumes, balouçando de terror e de esperança. Ide, apóstolos do Unigenito do Eterno, atirae-vos a essas mattas, pregae o evangelho, civilizae! Não é esta a vossa missão?

A civilização do mundo ainda carece de vós. Os Thomés ainda sam necessarios.

Ide, atletas da charidade, marchae para a conquista do pensamento christão. Que vos falta ? Vosso mestre vos inviava ás nações — unidos tamsomente da palavra.

Os Nobregas não tinham mais do que vós,— e nós,— não nos invergonhemos,— fomos civilizados por elles.

Eis-aqui porque a memoria dos filhos de Loyola me é cara, eis-aqui por que eu os canto também a elles, pelo que fizeram,— como vos canto a vós, pelo que podieis fazer.

Commetteram erros, elles: mas não é um dos axiomas da historia — que os que imprehem grandes cousas, cqmmettam egualmente grandes erros ? .

Por essas convicções,— não escureço,— achar-me-ão sem duvida em contradicção nos meus cantares.

Meditae, porem, examinae o fundo, e lá encontrareis a unidade, o foco, o centro, o principio da luz, embora o prisma represente raios de diversas cores.

O seculo passado para mim é sempre um século magnanimo de crimes: mas nem um seculo escoou-se debalde no percorrer dos tempos : o seculo passado é também um século intelligente e progressista. Remontando-me algumas vezes ao seio d'elle, eu, com a alma fundida na educação do seculo dezenove, arripio-me de horror, e canto a cha-

ridade christan, que lá incontro menoscabada. Procuo entam revestir-me com os ademães dos homens catholicos daquelle epocha, esqueço-me exteriormente de mim, detesto-lhe a moda absurda de impiedade, e maldigo aquelle circulo de ferro, em que circumscreveu-se aquelle periodo de torpeza. Os meus — Claustros— e algumas composições mais assumiram esta cor. Quando, porem, limito-me ao meio-seculo, em que tenho apparecido, e deparo com tudo o que me cerca, digo: — Respeitemos nossos pais.— Si elles olharam para a charidade christan, para a fé evangelica, como para estatuas de irrizão,— collocaram todavia em um altar a liberdade. A liberdade tambem é filha do Christo. O meu poemeto — O monge — representa principalmente este estado.

Eis-ahi, pois, a definição de meu trabalho. Julgae-o por essa maneira,— e sêde rigorosos, sim,— porem justos.

A despeito de toda esta minha confissão, eu sinto, como por instincto, que muitos, lendo este livro segundo seus proprios gostos, e não segundo o espirito que por todo elle domina, dirão que é uma collecção de orações e blasphemias. Não! eu não direi isto. Lembrarei somente que esta é a obra de um joven educado no seio de uma corporação religiosa. É esta toda a minha apologia.

Não posso concluir este prologo sem cumprir com o dever sagrado do agradecimento para com o Rvm. Sr. conego José Joaquim da Fonseca Lima, e padre mestre Domingos José de Britto, pelas lisongeiras expressões de animação e benevolencia, que me dirigiram por vezes nas columnas do *Noticiador Catholico*. O illustrado publicista Sr. José Pedro Xavier Pinheiro é tambem para com migo credor de muita estima e gratidão, pelo modo distincto e acoroçador, com que tractou-me em sua *Revista* no periódico *Justiça*. O Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Dunt penhorou-me igualmente com as palavras de alento, que dispensou largamente com migo, na *Aurora Paulistana*. Julgo preencher um compromisso bem difficil, estampando n'esta pagina a abundancia de minha gratidão, muito mais ainda quando os liames da amizade não me estreitam a nem um d'elles.



## JOSÉ JOAQUIM JUNQUEIRA FREIRE

Era joven, e bem joven, o Bahiano Junqueira Freire! Nascido no dia 31 de Dezembro de 1832, entrou para o convento dos Benedictinos na idade de 19 annos, e nelle passou o tempo precioso da juventude. Conseguiu porem secularisar-se em 1854, trocando então a solidão pela sociedade, e deixando a cellula do monge para se atirar na existencia contrariada do mundo.

A parca cruel arrebatou-lhe a vida immediatamente; ceifou-a assim em flor, sem nenhuma piedade e no momento em que, ao desabrochar, já espargia tanto aroma, e promettia á terra da pátria um genio admirável!

Desappareceu do claustro; não era porem o mundo destinado para elle; desappareceu logo do mundo; deixou todavia para memória um livro, pouco volumoso, mas rico de inspirações elevadas, de pequeno numero de paginas, e resplandecente de poesia, e poesia verdadeira!

São tão raros os poetas! Não faltam versificadores, principalmente nas línguas do meio-dia da Europa, cujas palavras se prestam excellentemente á rima, e é a phrase já por si harmoniosa e cadente; os poetas que todavia nascem inspirados, e que a natureza enriquece com imaginação espantosa; os poetas verdadeiros, raros são, porque a Providencia tem predilectos, e não podem ser estes numerosos.

Era Junqueira Freire poeta! O pequeno livro das INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO o demonstra; ardia-lhe no cérebro a chamma divina; ainda quente deve estar o seu corpo, si bem que já sepultado na terra, e já d'elle fallámos como de uma cousa que foi, de uma nuvem que passou, e de um som que se sumiu no espaço.

Parece que teve um presentimento de morte precoce: sabido do claustro, publicou o bebo livro das inspirações, e logo que o entregou ao mundo, como para deixar-lhe a dor e a saudade, feixou os olhos, e desceu á sepultura!

Não é novo este acontecimento na historia litteraria: Chatterton morreu antes de 18 annos de idade, Gilbert chegou apenas aos 29.

Como Chatterton e Gilbert, sentia o poeta Junqueira Freire intensa necessidade de olhar para o céo e para a eternidade; no meio de suas dores do claustro, como aquelles seus irmãos, no meio das angustias da fome, appellava o vate para Deos, e no seio immenso do Creador do mundo encontrava abrigo e consolações:

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
E vaga, e vaga, aligera e perdida  
Pelas soidões do Armamento ethereo,  
Bem como o seraphim, que esguarda os mundos,  
Livre os celestes paramos percorre?  
Porque penetra, ás vezes arrojada,  
Nos mysterios reconditos do eterno,  
E toda entorna-se a seus pés,—bem como  
O alabastro de nardo aos pés do Christo?  
Porque se abraça em incorporeo amplexo  
Co'os angélicos seres de alem-astros,  
E, como as chaves das eternas portas,  
Abre os thesouros do poder do Altíssimo,  
E nelles bebe inexhauriveis gozos?

Extasia-se assim Junqueira Freire, o poeta que a Bahia e o Brazil acabam de perder, quando á mente lhe fulgurava a imagem solemne da immensidade; sonhava, delirava, adivinhava, como sonham, deliram e adivinham os grandes genios que nascem feitos e não se formam no mundo.

Poeta, que vida fora a tua ? tu o dizes quando pintas as dores do claustro. Ali se quebrou a tua juventude como o aço ao roçar da pedra; perderam-se os teus gemidos pelos

longos corredores e sombrias cellas: ajoelhado ao pé do altar, e em cima de sepulturas, é que te vinha o allivio, a esperança, e a voz do anjo, que te chamava para outro mundo, que devia ser o teu, pois que é o mundo que te merecia.

Gosto de meditar, de noite, ás vezes,  
 Como um infante,  
 Espasmado no olhar, fitando o corpo  
 Que tem diante<sup>1</sup>.

Entre tantos canticos e pela maxima parte canticos de dor, que lhe arranca a solidão, parece que não ha escolha ; contêm quasi todos bellezas que denunciam um genio poetico da primeira plana: imaginação, sentimento, ideas, paixões, inspiração sublime, tudo se allia perfeitamente com a selecção da palavra, o apropriado da phrase, a maviosidade do verso e a justeza da rima.

Junqueira Freire, si pela imaginação pertencia á eschola de Sousa Caldas, Francisco Manuel, Almeida Garrett e Diniz, pela fórma, vestes exteriores, e metriificação, recebeu de certo lições de Gonzaga, Camões, Garção, Bocage e José Basilio da Gama.

Como é lindo e melancólico o cântico intitulado — *Um pedido*<sup>2</sup> !

Com este cantico rivalisam em doçura e tristeza o da profissão de frei João das Mercês Ramos, a canção intitulada — *Ella*, — os versos aos jesuítas, cheios d'uma côr local brazileira, que muilo agradam, e as elégias — *Flor murcha do altar, Freira, e Devota*; derrama-se a poesia por todas as strophes, versos, phrases, e palavras; sente-se com a sua leitura, e sente-se profundamente, a perda d'um genio que começava os seus vôos, que já se podem chamar — vôos de águia!

Ah! si a dura morte se não apressasse a riscal-o do numero dos viventes; si este joven de 22 annos tivesse

<sup>1</sup> Vid. pag. 11.

<sup>2</sup> Vid. pag. 14.

tempo de amadurar o seu ingenho, moderar e regularisar a sua inspiração, colher no estudo mais profundeza de pensamentos, que grande poeta que fôra, e quanta gloria deramaria sobre o seu paiz natal!

O cântico á profissão de frei João das Mercês denota o sentimento, magoa e dôr, que já haviam começado a apoderar-se do seu espirito, e desbotar-lhe as côres mais suaves; o isolamento do claustro não poderá vencer as paixões do joven, e quebrar-lhes os brios naturaes; affigurava-se-lhe o claustro um inferno medonho, aonde lhe haviam enterrado a existência para lh'a amargar e emmurcheçar; no meio das suas angustias exhalava suspiros desesperados como os *Claustros*, *Apóstata*, *Converso*, e *Misanthropo*; ás vezes felizmente o salvava o sopro divino, arrebatando-lhe o espirito e vôos para as ideas melancholicas, religiosas e moraes, que brilham e resplandecem primorosamente na *Meditação*, *Incenso do altar*, *Irmãos de caridade*, e *Pobre soberbo*.

Quereis ouvir como se perdia aquelle espirito poetico, quando balançando entre a desesperação do isolamento e as crenças religiosas, entre as saudades da vida humana e a prisão da cellula, fazia soar a lyra com arrebatamentos dolorosos? Lêde o *Cântico á profissão de frei João das Mercês*<sup>1</sup>.

Versos expressivos tem tambem o cantico da *Meditação*; ha um doer constante, e penar contemplativo, que se observa nesta existencia juvenil e ardente, que fere e rasga o peito, e chama as lagrimas aos olhos.

Oh! morra o coração — germen fecundo  
De mil tormentos;  
Desfalleçam-lhe as fibras — espedacem-se  
Os filamentos.

Isenta de paixões — de amor, ou odio,  
Surja a razão;  
Não obedeça escrava aos sentimentos  
Do coração.

<sup>1</sup> Vid. pag. 159.

Torne-se o coração lampada extincta,  
 Cinza no lar;  
 E deixe que a razão veleje livre  
 Em largo mar.

Creia n'um Deus — e dos dulçores goze  
 De almo ascetismo;  
 Não mais lhe rôa as visceras o cancro  
 Do scepticismo.

A divida infernal, batendo as azas,  
 Perdendo as cores,  
 Precepíte-se súbito nas chammas  
 Exteriores.

E Deus, que vivifica o alvar pinheiro,  
 E a tenra planta ;  
 Que os soberbos calcina, e que os humildes  
 Do pó levanta;

De minha vil baixeza, como os homens,  
 Ah ! — não se peja;  
 Que elle mão cheia de mil dons em todos  
 Largo despeja.

Mas si té'qui parece deslembrado,  
 Triste de mim!  
 Si não manda a guardar minh'alma dubia  
 Um cherubim!

Si nunca se lembrar que um ente existe  
 N'essa amargura!  
 Melhor não fôra me gelasse o sangue  
 A morte dura ?

Bastam estes extractos para conhecer-se o genio poetico  
 que se escondia sob as vestes do monge; servem elles para

deplorar-se o passamento prematuro de uma existencia tão cheia de futuro, de um engenho tão ricamente mimoseado pela Providencia divina. Como era joven não podia escapar á sorte humana e aos defeitos da mocidade; ha nos seus canticos alguma exaggeração de sentimentos, alguma extravagancia de ideias: é defeito da idade. É tambem influxo da eschola de Lord Byron, cuja leitura se tem espalhado por todo o mundo, e produz nos cerebros juvenis tendencias desordenadas, que só a idade, e a razão amadurecida sabem evitar.

O talento e o genio poetico nascem espontaneamente, recebem porem da educação, do tempo, do estudo, e do mundo, o aperfeiçoamento necessario que lhe troca as vestes brilhantes e sedutoras do fogo ardente pelos vãos acertados e sublimes do entusiasmo reflectido.

Tem canções que revelam qualidades de Juvenal: a cantata a Frei Bastos, que parece que ajuntava os dotes da poesia e oratoria a vicios immundos que lhe estragavam o corpo e desseccavam-lhe o espirito, é interessantissima, alem de pittoresca: denuncia a força do poeta, e a elevação do espirito que o animava<sup>1</sup>.

Não foi infelizmente Junqueira Freire o unico poeta dos nossos dias e da nossa terra que a morte ceifou na juventude, roubando á litteratura brazileira escriptos, que prometia gloriosos o genio das florestas americanas. Dutra e Mello, Alvares de Azevedo, Francisco Bernardino, Pinheiro Guimarães, e Casimiro d'Abreu já tambem desceram ao sepulchro, legando poesias inacabadas, que provam todavia que sobre este solo não espargiu sómente o Creador da natureza favores divinos para o bem estar, crescimento, e riqueza do povo, que o habita. Pretendeu tambem, em sua infinita bondade, que o espirito se elevasse, e a imaginação dos homens subisse á comprehensão dos seus mysterios, podendo satisfazer as precisões moraes da sociedade, que si necessita de marchar physicamente, não consegue forta-

<sup>1</sup> Vid.pag. 108.

lecer-se, e medrar sem o alimento para a alma, e a instrucção para o pensamento immaterial, que dirige o homem.

Durante os tempos coloniaes enriqueceu-se a litteratura portugueza com os productos dos genios, que creou a sua conquista dos Tropicos. Era de razão, porque formavamos todos o mesmo paiz, e um só reino. Basilio da Gama, Sousa Caldas, Durão, Alexandre de Gusmão, Antonio José, Rocha Pitta, os dous Alvarengas, Gregorio de Mattos, Benevides, os bispos de Coimbra e Elvas, Moraes, Bartholomeu Gusmão, Cláudio Manuel, Mello Franco, São Carlos, Antonio de Sá, Vidal de Negreiros, Camaras, Conceição Velloso, e tantos engenhos mais, nascidos no Brazil, enriqueceram as paginas da historia portugueza nas artes, sciencias, letras, e politica; nos campos sanguinolentos da guerra, e nas agradaveis planicies da paz. Ergue-se com a sua emancipação politica uma nação nova, á qual D. Pedro I e José Bonifacio ensinam os primeiros passos, e illustra o visconde de Cayrú com a sua instrucção variada.

Brilham já a tribuna sagrada e parlamentar com uma gloria propria. Uma historia nacional se ergue á parte, e caminha o paiz para os seus destinos particulares. Animam associações litterarias o desenvolvimento espirital.

São Leopoldo practica o ramo historico, acompanhado por J. F. Lisboa, e Varnhagem, Januario, e Pedro Branca entôam canticos agradaveis. Abre Magalhães espaços novos para a poesia. Seguem-no Gonçalves Dias, Porto-Megre, Firmino, Norberto, Macedo, e tantos jovens talentos que fulguram no horizonte da patria. Reune e publica o Instituto materiaes os mais importantes para a historia e geographia. Já mesmo no theatro apparecem engenhos originaes, que traçam scenas copiadas do povo com quem vivem.

Brilham ainda hoje mais as letras, na verdade, no seio da antiga metropoli; não estão porem n'ella mais adiantadas as sciencias practicas e abstractas: e os progressos materiaes no Brazil tomaram sem duvida a dianteira; a liberdade politica ganhou mais profundas raizes; e a amor ás instituições tornou-se mais universal, e seguro.

Corra o tempo. Desappareçam todas as rivalidades, filhas de prejuizos antigos e hoje sem a menor base. A lingua é a mesma; e ajudando-se ambas as litteraturas, honrar-se-ha cada uma das duas nações com o que é seu próprio, e lutarão, sem o mesquinho espirito da inveja e despeito, no vasto e brilhante theatro da intelligencia humana, elogiando-se e estimando-se mutuamente.

Assim o praticam os Estados-Unidos da America do Norte, e não deram elles á Inglaterra, durante os tempos coloniaes, vultos notáveis, que honrassem a mãe patria, como o fez o Brazil para com Portugal. A independência das colônias britannicas forneceu-lhes occasião então de tornar conhecidos Franklin e Washington. A nacionalidade que criaram, devem o impulso e movimento que recebem os espiritos actualmente. Irving, Cooper, Story, Longfellow, Webster, Prescott, Bancroft, Wheaton e Maury, são vivas demonstrações de que a terra americana produz também talentos que honram a lingua ingleza, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Distingue-se porem a litteratura propriamente da America; forma já uma espécie de nacionalidade; guarda como que uma autonomia. Ha no colorido, na expressão, e no próprio desenho a especialidade do compatriota de Washington; differem as sociedades em pontos sensíveis, como pode a litteratura deixar de acompanhal-as, quando não é ella mais do que a imagem intellectual das sociedades?

Possue a Grã-Bretanha os seus clans e montanhezes, as suas luctas civis, e torneios do cavalheirismo, para que um Walter Scott os pinte, e poetise um Shakspeare, historiadores nacionaes mais profundos do que Hume e Robertson. Apresenta a America do Norte os seus indios bravios, com os pittorescos costumes, e hábitos originaes, guerreando constantemente os invasores europeus, que vinham roubar-lhes a terra, a caça, os lagos e os rios, aonde viviam e viveram os seus avós: é esta a primeira differença, histórica inteiramente. Nasce a segunda do estado actual do governo, instituições, leis, usos e tendências: que separação immensa entre os dois povos! Apparece ainda uma terceira,



e notavelmente grave. O americano de hoje não é mais o descendente do inglez, é tão inglez como é este normando; procede o povo inglez de hoje de uma única raça, saxonica, normanda, ou da primitiva, que encontraram os romanos, quando, no seu tempo de dominio universal, se apoderaram das ilhas d'alem da Mancha ? De certo, não. Formou-se uma nação original da agglomeração de todos os povos, que para alli se dirigiram, e que, inimigos ao principio, se foram, depois das successivas conquistas, approximando e aluando, reunindo elementos heterogeneos, e fundindo as raças. É assim hoje o povo americano. A origem foi, em geral, britannica; mas a torrente de colonisação, e as tendencias da democracia, a tem metamorphoseado já, de modo a nem reconhecer-se talvez mais a tintura primitiva. Amálgama de Allemão, Inglez, Francez. Hespanhol, Italiano, e até de gente do Norte, tornou-se uma raça nova e distincta, cujos traços se manifestam á primeira vista, apesar da homogeneidade da lingua. Não pode portanto escapar a sua litteratura ás divergências sensíveis e graves, que separam a sua sociedade da sociedade da antiga metrópole.

Si bem que entre o povo do Brazil e o de Portugal não appareça uma tão grande differença, porque nem as instituições, e governo das duas nações se distinguem em tão larga escala, e nem tem o Brazil modificado a raça conquistadora com a infusão de sangue de outras raças diversas, como succedeu no Norte da America; ha todavia no céu, na terra, nos mares, nos rios, na atmosphaera, na distancia, nas producções da natureza, emfim, uma separação tão palpavel, que já, durante os tempos coloniaes, distinguiram-se alguns poetas nascidos no Brazil, pelas vestes, colorido, e tendencias de seus escriptos, dos vates da Lusitania, si bem que a maior parte, educando-se, e vivendo na Europa, adoptaram inteiramente os habitos portuguezes, e seguiram as inspirações de Ferreira, Quita, e Sá de Miranda.

Souberam todavia tomar differente direcção, Cláudio Manuel, Basilio da Gama, e Durão, que se podem appellidar os chefes da litteratura brazileira, que hoje, com a eman-

cipação politica, e a vida propria da sociedade, desenvolve a sua autonomia, e segue os vôos da aguia, que paira sobre as alcantiladas cordilheiras, que se perdem no espaço, e espantam e embellezam os olhos dos viajantes.

Erga-se pois a mocidade brasileira! Tenha fé nos seus destinos, e inspire-se com a patria admiravel, que lhe coube na partilha que fez da terra a Providencia divina! Desenvolva-se a sua litteratura no meio do seu clima esplendido e soberbo, e encontre ella no seu povo o apoio e protecção, a que tem indisputavel direito!

# PORQUE CANTO?

Vae e clama.

*(Palavra do Senhor a Jeremias).*

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
E vága e vága, aligera e perdida,  
Pelas soidões do Armamento ethereo,  
Bem como o seraphim que esguarda os mundos,  
Livre os celestes páramos percorre?  
Porque penetra, ás vezes arrojada,  
Nos mysterios reconditos do Eterno,  
E toda intorna-se a seus pés,— bem como  
O alabastro de nardo aos pés do Christo ?  
Porque se abraça em incorporeo amplexo  
Co'os angelicos sêres de alem-astros,  
E, como a chave das eternas portas,  
Abre os thesouros do poder do Altissimo,  
E n'elles bebe inexhauriveis gosos?

Porque Deus — substancia eterna —  
D'onde minh'alma baixou,  
Quer ás vezes que ella suba  
Ás delicias, que deixou,

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 E por entre deliquios exaltados.  
 Desce ás fataes, exteriores trevas,  
 Aos in sondaveis boqueirões do inferno,  
 Bem como o anjo da soberba outr'ora  
 Pela invisivel dextra fulminado?  
 Porque prova um prazer terrivel, forte,  
 Em ver a imagem d'esse horror tremendo,  
 Em ver a face d'esse cahos torvado,  
 Em ver o orgulho do peccado iníindo ?  
 Porque no fundo da geenna ardente  
 Sentir procura as emoções mais barbaras,  
 Gostar deseja sensações de fogo,  
 Como procura a fatua mariposa  
 Chammas de luz, que ha de, talvez, queimal-a ?

Porque Deus tambem ás vezes  
 Para os abysmos nos lança,  
 Para vermos seus castigos,  
 Seus thesouros de vingança !

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 E sente em si um vacuo desmedido,  
 Uma infinita inanição ignota,  
 Como talvez o espaço, o qual se estende,  
 Se derrama e se perde a nossos olhos?  
 Porque procura — sequiosa, arfando —  
 Encher esse vazio indefinivel,

Qual para labios torridos, queimados,  
 Enche-se um calix de crystal suave ?  
 Porque procura, um coração extranho,  
 Qualquer embora,— mas que o seu não seja,  
 Para n'elle fundir-se inteiro, inteiro,  
 Como varios metaes de varias sortes  
 Ao mesmo fogo identicos se ligam ?

Porque Deus — saber eterno —  
 Taes a nós nos quiz formar:  
 Quiz a hera unida ao tronco,  
 Quiz a terra unida ao mar.

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
 E vága pelo mundo, e julga os homens,  
 Qual severo juiz, e os escarnece,  
 E compondo um sarcasmo ás phrases suas  
 Co'o riso de Democrito os insulta ?  
 Porque descrê das affeições, que mostram,  
 Francos, singelos, como o rir do infante?  
 Porque despreza um coração de amigo,  
 Que o foi por tempos, na apparencia ao menos,  
 E falsario, traidor, demonio o chama,  
 Por um assomo de suspeita ou cholera ?  
 Porque da criação blasphema ás vezes,  
 E tem por maus os sentimentos de homem,  
 E a natureza dos mortaes exprobra  
 Ante o Senhor, que nol'a deu tam justa ?

Porque Deus tambem ás vezes  
O braço de nós retira,  
Para vêrmos os perigos,  
Em que noss'alma se atira !

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
E n'um inlevo mentiroso sonha,  
E dá no seio de um prazer sem termos,  
Esbarrando no amor, como na imagem  
Da ventura maior que o mundo offerta ?  
Porque se abraça n'este amor terrestre,  
E as emoções mais phisicas apura,  
E as quer, e as busca, e tresloucado as ama  
Co'a mesma devoção, que aos céos dedica ?  
Porque em tal modo o espirito embrutece,  
E vai sua alma estúpida tornando,  
Que ás plantas da mulher, que d'elle zomba,  
Chega a prostrar-se, e jura-lhe perverso  
Paixão eterna, além da campa; — e o corpo  
Dar ao martyrio por amor promette?

Porque Deus deixa a materia  
Ter tambem sua victoria,  
Para que, — quando a alma vença, —  
Brilhe maior sua gloria!

Porque se me extasia a mente ás vezes,  
— E quanto fui beber no ceu, no inferno.

No mundo, em tudo, que medito ou vejo,  
Por meus labios de vate se derrama  
Em torrentes de harmonica linguagem?

Porque Deus poz em meu peito  
Um thesouro de harmonia :  
Deu-me a sina de seus anjos,  
Deu-me o dom da poesia.

Cantarei o ceu, o inferno,  
O mundo,— o que me approuver  
Cantarei a Deus, o homem,  
Os amores da mulher :  
Cantarei, em quanto vivo,  
Porque Deus assim o quer !

# O REMORSO DA INNOCENTE

Á minha irman Maria Augusta

Alma de seraphim, prenda do Eterno,  
Ai! quem te despenhou do céu á terra?

## I

Pelo sinete do crime  
Não é que está desbotada.  
Não chora. Suspira apenas,  
Por seus ais entrecortada.

Tristesinha corre os claustros,  
Tristesinha a suspirar,  
Vai juncto á lousa das freiras  
Ajoelhar-se a rezar.

Reza orações de finados,  
Reza a seu anjo da guarda :  
E da flor dos lábios d'elle  
Perdão aos erros aguarda.



Não sabe o nome dos crimes,  
Ás paixões não dobra o dorso;  
Mas n'aquelle peito ingenuo  
Mora inquieto um remorso!

Como reliquias sagradas.  
Conserva os primores seus;  
Mas doe-lhe não ser ainda  
Toda, toda — só de Deus.

## II

Eil-o, o remorso da virgem,  
O remorso da innocencia,  
Que, como a idea do Eterno,  
Ameiga na consciencia.

Rezou, rezou fervorosa,  
Beijando seu relicario;  
Arfou,— qual luz matutina  
Tremendo no alampadario.

E um sorriso descorado  
Descerrou-lhe labio e labio,  
Como o palor que desenha A  
fronte vasta do sabio.

Beijou a lage da campá,  
 — Da campá, que ha de ser d'ella,  
 E vai scismar merencoria  
 Na gelosia da cella.

— Por simpleza arreceando  
 Que algum phantasma não venha,  
 A correr, aos ares dava  
 Suas vestes de estamenha.  
 Que as trevas do claustro e as tumbas  
 Bafejam tremor sagrado;  
 E as virgens sempre imaginam  
 Erguer-se um morto a seu lado.

### III

Scisma a virgem mansamente  
 Em pensa mentos do céo,  
 Mais candida que as rolinhas,  
 Mais candida qu e seu véo.  
 E scismava : — Ai! que eu não seja  
 Já para Deus menos bella,  
 Como a bonina que murcha  
 Que eu arranco da capella ! —

E scismava : — Ai! que eu não tenha  
 Um crime, sem eu saber!  
 Qual será ? — Hontem de noute  
 Eu não pude adormecer! —

E scismava : — Ai! que eu não seja  
 Menos linda ao meu Senhor! Já hoje  
 eu corri do claustro : Dos mortos tive  
 temor...—

E scismava: — Ai! que eu não seja  
 Ré de um crime que eu não sei,  
 Bem como o insecto escondido  
 Na rosa qu'hontem cortei! —

Eil-a, a scisma da donzella,  
 Da filha da solidão; Eil-o, o  
 remorso que esconde  
 Nas dobras do coração.

#### IV

O remorso do malvado  
 É desespero e loucura,  
 E a reminiscencia d'elle  
 O coração lhe tortura.

Mas o remorso da  
virgem Lhe cala na  
consciência, Como a  
placidez do justo, Como  
a visão da innocencia.

## PEDIDO

Não é verdade que possa-se bem  
escrever, quando se soffre.

CHATEAUBRIAND.

Bello joven, tu vaguêas  
Por campinas de esmeralda.  
Adormentas sobre as flores  
O doce amor que te escalda.

Ainda o céu te apparece  
Vasta abobada de anil.  
A teus olhos não ha nuvem,  
Nem furacão, nem fuzil.

Inda levantas os olhos  
Á tua estrella feliz,  
Lês cada noute em seus raios  
Mil esperanças gentis.

Depois das vizões ditosas  
De teu dourado dormir,  
Acordas falando amores  
Com prazenteiro sorrir.

Ao ardor meridiano  
Ouvem-te ainda cantar.  
Não vês a magoa estampada  
Na face crepuscular.

Pela escada da ventura  
Sobes cad'hora um degrau,  
Tua existência mimosa  
É um contínuo sarau.

Bello joven, — no teu peito  
Não tocou a mão da dor.  
Teu espirito innocente Pode  
bem pensar de amor.

Bello joven,— só tu podes  
Co'os sentimentos na mão,  
Falar palavras ardentes,  
Labaredas de paixão.

Eu que tenho lutado contra a vida,  
Bebido n'outro calice de dores,  
Joven ! — não posso meditar doçuras,  
Cantar ternos amores.

Eu que nunca senti nos olhos d'alma  
O traspasar dos olhos da donzella,  
Joven ! — não posso te pintar ardores  
Que não senti por ella.

E si eu quizera, disfarçando angustias,  
Cantar suave a tua bella Armia,  
Joven! — de todos eu teria em paga  
Um riso de ironia.

## MEDITAÇÃO

Isto pensava, isto escrevo, isto tinha  
n'alma, isto vai no papel: que d'outro  
modo não sei escrever.

GARRETT.

Gósto de meditar de noute, ás vezes,  
    Como um infante,  
Espasmado no olhar, fitando o corpo,  
    Que tem diante.

Gósto de meditar de dia, ás vezes,  
    Como o ancião,  
A quem ideas se erguem do passado  
    Em borbulhão.

O infante, o ancião!—os dous extremos  
    Da existência;  
Um á vida, outro á morte, eguaes amostram  
    Egual tendencia.

Este é planta mimosa, delicada,  
    Esperançosa:  
Aquell'outro hasteada e quasi murcha,  
    Colhida rosa.



Este promette e cheiro e viço e ramas.  
 Flores ao cento;  
 Aquell'outro esgalhar espera as folhas  
 A certo vento.

E muitas vezes o sol cresta a plantinha,  
 Denuada e mata:  
 E vinga a planta antiga,— e quasi morta  
 Revive intacta.

O velho então é como o infante estúpido,  
 Que nasce agora:  
 Magina mil vizões: sem causa ri-se,  
 Sem causa chora.

Si fui infante estúpido e pasmado,  
 Adulto louco:  
 Si hei de ser velho, sem sentir, sem alma,  
 D'aqui a pouco.

Antes quizera ser infante,— quasi  
 Sem sensações:  
 Não tora ao menos conscio de remorsos,  
 Nem decepções.

Fosse por toda a vida infante nescio,  
 Sem consciencia:  
 Morresse alfim apenas circumscripto  
 Em minha essencia.

## I

Porquê e para que rompeu meu corpo  
Do embryão?  
Que melhor que não fôra me abafasse  
A compressão?

Fôra melhor. E o olho vil do hypocrita  
Não me veria :  
Franzindo-me o nariz atrás das costas,  
Não se riria.

Fora melhor. E a seiva de amargores  
Não me coara,  
E a precoce da estação das dores inda  
Não me chegára.

Fôra melhor. E o estigma da tristeza  
Não me sellara.  
Melancholica ronha os rins sensiveis  
Não m'os gastara.

O coração não fôra um grosso livro  
De negras laudas.  
Não me açoutara a hydra dos remorsos  
Co'as ferreas caudas.

Não me fôra sem flores a existencia  
Contínuo hynverno.  
Não me fôra este mundo um campo esteril,  
Páramo eterno.

Onde só nascem, crescem e vicejam  
Males sem conto.  
D'onde se ceifa antecipado pranto,  
Enojo prompto.

Porque e para que rompeu meu corpo  
Do embryão ?  
Pela miseria, e para a morte interna  
Do coração!

E o Deus, que tem por escabello nuvens  
De ouro e marfim,  
De offendido, parece deslebrado,  
— Triste ! — de mim!

Deus! para que tiraste-me do imo  
Do embryão?  
P'ra vida de minha alma,— ou para a morte  
Do coração ?

Oh ! morra o coração,— germen fecundo  
De mil tormentos.  
Desfalleçam-lhe as fibras,— espedacem-se  
Os filamentos.

Exempta de paixões,— de amor, ou odio,  
Surja a razão.  
Não obedeça escrava aos sentimentos  
Do coração.

Torne-se o coração lampada extincta,  
Cinza no lar.  
E deixe que a razão veleje livre  
Em largo mar.

Creia n'um Deus,— e dos dulçores goze  
De almo ascetismo.  
Não mais lhe ròa as vísceras o cancro  
Do scepticismo.

A duvida infernal, batendo as azas,  
Perdendo as cores,  
Precipite-se subito nas chammas  
Exteriores.

Sepulte-se a descrença em negras trevas  
 De negro inferno.  
 Creia a razão convicta nas justiças  
 Do Deus eterno.

Sim: o viburno pequenino, humilde  
 No prado agreste,  
 Vegeta ao pé da realza emphatica  
 De alto cypresto.

E Deus, que vivifica o alvar pinheiro  
 E a terra planta:  
 Que os soberbos calcina, e que os humildes  
 Do pó levanta:

De minha vil baixeza, como os homens,  
 Ah! — não se peja;  
 Que elle mão cheia de mil dons em todos  
 Largo despeja.

Mas si té'qui parece deslembrado,  
 Triste! — de mim :  
 Si não manda aguardar minh'alma dubia  
 Um cherubim:

Si nunca se lembrar que um ente existe  
 N'essa amargura,  
 Melhor não fora me gelasse o sangue  
 A morte dura?

Em sala, onde mil luzes por mil lampadas  
    Reparte o gaz,  
D'ellas a mais pequena que se apague  
Que mal que faz ?

## IV

Qual rapido relampago no espaço  
    Sóe discorrer,  
Tal, sem deixar pegadas de seu vôo,  
    Foge o prazer.

Foge o prazer como a andorinha leve  
    Os ares corta:  
Como o primeiro feto — esperanças suas —  
    A esposa aborta.

Foge o prazer, qual setta que dispara  
    Indio sagaz:  
Qual no deserto a voz, que um echo apenas  
    Nos valles faz.

Alli—bem vejo — alli pompêa esplendida  
    A scena aberta.  
E da platêa os vacuos atacados  
    O povo aperta.

Jubilosas menções, palmas soantes  
Rompem, murmuram.  
Melliflua orchestra, tympanos sonoros  
A dor lhes curam.

Os vates das paixões enamorados,  
Como possessos,  
Trovam, philtrando em todos o requinte  
De seus accessos.

Fugazes fadas no ademan phantastico  
Cysnes gorgêam.  
Depois, prendendo-se a audição aos cantos,  
Todos prantêam.

Arrebatam-se as almas,— magnetizam-se  
Os sentimentos.  
Mudam de sua acção inda os mais frigidios  
Temperamentos.

Lethargia fatal! — ao outro dia  
Calmos accordam.  
E, somnambulos quasi,— aérias formas  
Só lhes recordam.

A miseria da vida se lhes mostra  
Entam real.  
Catam novos prazeres: nem um d'elles  
De mais lhes val'.

Qual rapido relampago no espaço  
 Sóe discorrer,  
 Tal, sem deixar pégadas de seu vôo,  
 Foge o prazer.

## V

Hora da noute,— hora solemne e sacra  
 Á reflexão:  
 Quando do mesmo somno o pobre e o rico  
 Dormindo estão.

Gosto de vós, sombras da noute quêda,  
 Morte do dia,  
 Que me amparais dos callidos esgares  
 Da hypocrisia.

Posso então retrahir-me em minha essencia,  
 Viver commigo.  
 Não me rodêa do traidor a mascara  
 Com côr de amigo.

Profundo o olhar do hypocrita,—profundo  
 Como o oceano.  
 Na retina lhe luz das trevas cegas  
 O anjo insano.



Sorri tambem.—Esto sorriso eslridulo,  
 Oh ente vil,  
 Por dal-o mesmo assim fazes, empregas  
 Esforços mil!

Sorri tambem: e seu sorriso — escarneo —  
 Da natureza.  
 Seu sorriso — um preludio concebido  
 De malvadeza.

Quanta vez viração tepida e fresca  
 Serena os ares,  
 E procella depois revolta horrenda  
 Terras e mares!

Quanta vez mil delicias lá desmancha  
 Vaivem da sorte!  
 Quanta vez o prazer da vida incauta  
 Precede á morte!

Assim sorri o hypocrita um sorriso  
 De furia má.  
 Mentiras, manhas impias seu demonio  
 Grato lhe dá.

Hypocrita, que pizas o palacio  
 E a palhoça e a cella,  
 Deixa de teus furores esquecida  
 Uma parcella.

Não me toques na orla dos vestidos  
Co'a ferrea mão:  
Deixa-me entregue na soidão da noute  
Á reflexão.

17 de novembro de 1831.

# O APOSTOLO ENTRE AS GENTES

## A Antonio Gonçalves Dias

— Foste ao principio  
Sacerdote e propheta:  
Eram nos ceos teus cantos uma prece,  
Na terra um vaticinio.

GONÇALVES DIAS.

### I

Como o brado do anathema gravado  
Sôbre a fronte do reprobado, — nas terras  
Pejado de baldões, invilecido  
Pelos filhos dos homens, que o repellem,  
Que não concebem a grandeza d'alma,  
Que não escutam o pulsar dos peitos,  
Que não attingem ao sublime e ao Sancto,  
— O ministro de Deus, — entregue ao mundo,  
A senda do viver percorre breve,  
Como o rocio, que no albor do dia  
Salpica as flores, e ao calor se estanca.  
E dorme o eterno somno em campa escura,  
Placido, — como o espirito do justo:  
E ainda no olvido d'essa mesma campa

Penetra o riso moíador dos homens,  
 E o molejo do callido philosopho,  
 Presumido de si, — como a ignorancia,  
 Que lhe preside aos erros e aos sophismas.  
 — Nem se queixa: — que é findo o seu martyrio,  
 Unica herança, que ao nascer lhe coube!

## II

O varão do Senhor, — Moysés, o justo,  
 Pulsou primeiro os nervos do psalterion.  
 E o estro virgem resumbrou-lhe aos labios,  
 Como a torrente, — impetuoso e sancto.  
 Subiu aos céos, nas azas dos archanjos,  
 Um hymno a Deus, que lhe accendera a mente.  
 E o typo entam de sua omnipotencia  
 Ao ser finito transmittiu-se.— O povo  
 Ouviu na terra a incognita linguagem,  
 — A linguagem do Eterno. Ouviu-a extatico  
 O mundo inteiro, no estupor do espanto,  
 Como a explosão volcanica primeira.  
 Estreme que era o fogo do propheta,  
 E a voz e os olhos e o accento e o cenho!  
 Justiça do Senhor ! — Após os tergos  
 Sepultado o cavallo e o cavalleiro  
 Nas aguas do mar-rubro : — o d'ante os olhos  
 Esses vergeis da intacta Palestina,

Promettendo delicias suavissimas,  
Como os olhos da noiva espreguiçados  
Nas expansivas, rutilas pupillas  
Do paranymphe, que lhe assiste ás bodas  
Ao mando do Senhor, e á noote e ao thoro  
Lhe prophetiza trefegos amores.  
Esses sublimes alcantis e cêrros,  
D'onde desciam por quebradas trêmulas,  
Lambendo os troncos de copudos cedros,  
Beijando as hasteas de mimosas flores,  
Entre os convulsos silices de gemmas,  
De mel e leite os trepidos arroios.

Oh Palestina, oh virgem dos mysterios!  
Quem assentado em teus alpestres pincaros,  
Sentindo o vendaval soprar-lhe a grenha,  
E o cedro secular rompendo as nuvens,  
Como um gigante,— e ao sopé dos montes  
O rio a murmurar, como a donzella  
Juncto do amante a desfazer-se em queixas,  
E ao longe a voz dos vagalhões bramindo  
Horrenda mais que a confusão do inferno,  
— Quem podera deixar de ser poeta  
Ao menos uma vez,— oh patria de anjos,  
Oh Palestina, oh virgem dos mysterios!

## III

Alli foi educado, entre as palmeiras  
E o cedro e o murmurar do regato e as penhas  
E o rugido dos mares e as procellas,  
— O genio enthusiastico do apostolo.  
Elle entre as tribus assomou severo  
Ás portas de Sion, co'a voz constante,  
Como o rugido do leão das selvas.  
Vinha vestido de sinistro sacco,  
E predizia a vinda do Homem-sancto,  
Do máximo dos vates : — mas as tribus,  
As impias tribus, e os rabbis fanaticos  
Escarneceram do pregão do apostolo,  
Escarneceram do poder do Eterno.

## IV

Elle descreu dos homens e da terra,  
E para alçar mais livre aos céos os olhos,  
Subiu tambem aos corucheus altivos  
Das columnas do Egypto, que campêam  
Aqui, alli, a recontar ás eras  
Em seus gastos labores hieroglyphicos  
A vaidade dos reis e a falsa crença.

Em derredor o viajor parava,  
 Fixava n'elle os curiosos olhos,  
 E tremia de ouvir-lhe a voz prophetica.  
 E em torno á fronte lhe brilhava um disco  
 De fogo mais que sancto,— como alquando  
 Moysés descendo do Sinai co'as taboas.  
 Mas os homens alfim o escarneceram,  
 Escarneceram do pregão do apostolo,  
 Escarneceram do poder do Eterno.

## V

Elle escondeu-se na soidão das lapas,  
 Nas desertas montanhas de Cassino,  
 Fugindo Roma,— a dona dos triumphos,  
 Roma, — a senhora das nações da terra,  
 E os bailes d'ella e as civicas delicias  
 E os aulicos salões, onde reinavam  
 A mentira, a traição, o vicio, e o crime,  
 Disfarçados nos rizos dos hypocritas,  
 Nos ademães dos cortezãos immundos.  
 Elle escondeu-se.— E os homens o seguiram,  
 E o viram co'a cabeça reclinada  
 Em pedra rigida,— e deitado em thalamo  
 De urtigas.— Mas alfim o escarneceram,  
 Escarneceram do pregão do apostolo,  
 Escarneceram do poder do Eterno.

Hoje, porem, elle não mais assoma  
 Severo e forte ás portas da eidade,  
 Como o bramido do leão das selvas.  
 Não mais remonta aos corucheus altivos  
 Das columnas do Egypto hieroglyphico,  
 Co'o disco em torno do semblante acceso.  
 Não mais asyla-se ao deserto e ás lapas,  
 Não foge Roma,— a dona dos triumphos,  
 Roma,— a senhora das nações da terra.  
 Mas os filhos dos homens o escarnecem,  
 Inda escarnecem do pregão do apostolo,  
 Inda escarnecem do poder do Eterno.

## VII

Oh destinos do ceu ! — porque não somos  
 Ainda agora os indios das florestas?  
 Porque degenerado em nossas veias  
 Gira tam raro o sangue do tamoyo ?  
 Porque esse fogo irrequieto e vivido,  
 Como o corisco a recortar o ether,  
 — Porque esse fogo, que accendia os olhos,



E o peito immenso do tupi guerreiro,  
 Nos olhos e no peito de seus filhos  
 Estanque e frio e gelido volveu-se ?  
 Barbaros eram.— Mas em ranchos longos,  
 Nos tejupcás pendido das imbiras  
 Desamparando o vibrador tacape,  
 E meneando os collos inlaçados  
 Das correntes das perolas do rio,  
 E assuberbando as pequeninas testas  
 Co'o variegado kanitar nutante,  
 E cingindo ao redor do esbelto corpo  
 As multicores lindas arasoyas,  
 Das araras á purpura roubadas,  
 — Demandavam as ocas tenebrosas  
 Dos severos e ascéticos piagas.  
 E os consultavam nas emprezas arduas,  
 E decoravam seus orac'los sanctos,  
 E decantavam seus poemas mysticos,  
 Gomo o primeiro beijo da donzella  
 Dado furtivo entre o amor e o pejo  
 Nos labios caldos do donzel, que a vida  
 Expandir-se-lhe sente em molles pulsos.  
 — Oh ! que não somos os briosos tapes,  
 Filhos da virgem da guerreira America!

Era o supremo Deus omnipotente  
 Tupá — o sábio auctor da linda lua,  
 Do sol vermelho e das montanhas de ouro  
 E dos busios marinhos, e dos cardos

Que o viajor nos areaes saciam,  
 E do azulado beija-flor das veigas  
 Que trebelha brincão entre os arbustos,  
 Como os desejos sofregos do amante.

Que tinha? — Deus é Deus! — vozes não mudam  
 O ser do Eterno — identico,— immutavel,  
 Nos planetas do ceu — si mundos forem —  
 Ou só na terra, si ella é só no immenso.  
 Jehovah, que expedia o archanjo ethereo  
 Em vante dos exercitos hebraicos  
 Co'o facho acceso em fogo inextinguivel:  
 Brahma, que transmittiu a luz celeste,  
 E o puro espirito e a energia e a fôrma,  
 De que é principio,— aos fabulosos indios :  
 Theos, que deu aos gregos mythologicos  
 Um vasto olympto arcade de myriadas  
 De lindos deuses,— symbolos dos gostos :  
 Tupá, que ingendra no infinito espaço  
 O trovão co'os bulcões vertiginosos  
 E os chuveiros de pedra e o raio e a morte:  
 — Tudo é Deus, tudo é Deus! — o mais sam nomes.

## VIII

Nos adytos do mystico pagode  
 O ministro de Brahma aspira incensos.

O augure de Theos, assentado  
Na tripode tremente, auspicios canta.  
O piaga de Tupá, severo e casto,  
Nas ócas tece os versos dos oraculos.  
E o sacerdote do Senhor,— sosinho,—  
Cuberto de baldões a par do reprobó,  
Ante o mundo ao martyrio o collo curva,  
E aos céus cantando um hymno sacrosancto,  
Como as notas finaes do organ do templo,  
Confessa a Deus; e — confessando — morre.

# O JESUITA

(SECÜLO XVIII)

Deus é que dirige estas cousas : elle  
permitte que existam imperadores e al-  
gozes para que haja sanctos e martyres:  
elle eleva os imperios para que haja la-  
grymas, castiga para regenerar.

LACORDAIRE.

Era longe — bem longe: e eu vim primeiro  
Scindindo as ondas d'esse mar profundo.  
E por amor da Cruz vaguei sosinho  
Nas invias mattas d'esse novo mundo.

O tamoyo gentil hervava as settas,  
Quando pelos vergeis, tam'seus, me via:  
E co'os olhos phosphoricos ardendo  
A taquara fatal a mim tendia.

E tendia a taquara,—mas ao ver-me  
Quam sem temor e quam inerme estava,  
Trocando em doce o sen olhar fogoso,  
O arco e a setta pelo chão rojava.

De mim as tribus barbaras, indomitas,  
De mim o verbo do evangelho ouviram.  
E ergui a cruz nos pincaros dos montes,  
E após o verbo os povos me seguiram!

Eu disse ás tribus: — Todas vós sois ricas,  
— Que o ouro e a prata o solo vosso esmalta.  
Sois ricas tribus,— mas não sois felizes,  
Porque uma crença de um só Deus vos falta.

E eu dei às tribus uma crença doce,  
Qual uma chuva de manná celeste:  
E as tribus foram desde entam felizes,  
Qual flor pomposa que os jardins reveste.

E quando os reis da terra se esqueceram  
Das tribus dadas a seu sceptro forte,  
Eu levantei-me, e disse aos reis da terra,  
— O povo geme: transmudae-lhe a sorte.—

Eternos templos eu ergui sosinho,  
Eternos como a duração da terra.  
E sosinho sagrei altares tantos  
Ao Deus que aos impios c'o trovão atterra.

Eu dei ás tribus uma crença doce,  
Eu levantei alcaceres eternos.  
Deram-me os homens prescripção e morte,  
Deram-me em premio as fezes dos infernos.

# A FLOR MURCHA DO ALTAR

A PEDIDO DE FR. FRANCISCO DA NATIVIDADE CARNEIRO DA CUNHA

— Quem não sabe ser Erasmo é  
que deve pensar em ser Bispo.

LA BRUYERE.

## I

Está murcha : — assim nos foge  
A briza que corre agora.  
Está murcha : — assim o fumo  
Cresce, cresce, — e se evapora.  
Está murcha : — assim o dia  
Em raios affoga a aurora.

Está murcha: — assim a morte  
Do mundo as glorias desfaz:  
Assim um'hora de gosto  
Mil horas de dores traz :  
Assim o dia desmancha  
Os sonhos que a noute faz.

Está murcha.... Ainda agora  
— Eu a vi — não era assim.  
Era linda, era viçosa,  
Accesa como o rubim.  
Reinava, como a rainha,  
Sôbre as flores do jardim.

## II

Foi a donzella mimosa,  
Foi passear entre as flores.  
Foi conversar co'as roseiras,  
Foi-lhes contar seus amores,  
Julgando que sôbre as rosas  
Não se reclinam traidores.

Ella foi co'os pés formosos  
Deixando mimoso rastro,  
Qual no ceu passou de noute,  
Correndo, fulgindo, um astro.  
E esta rosa foi cortada  
Com seus dedos de alabastro.

A rosa ficou mais bella  
N'aquella virginea mão.  
Encheu de perfume os ares,

Talvez com mais expansão.  
Mas a virgem teve á pena  
De pôl-a em seu coração.

Entrou no templo a donzella  
Cuberta co'o veu de renda.  
— Teme que aos olhos dos homens  
Sua modéstia se offenda:  
Como a cortina das aras,  
Que aos impios se não desvenda.

Leva a modéstia na fronte,  
Leva no peito a oração,  
Leva seu livro dourado,  
Leva pura devoção:  
Leva a rosa,— a linda rosa  
Nos dedos da breve mão.

Rezou : — e depois ergueu-se,  
Dirigiu-se ao sanctuario,  
Modesta,— qual sua prece,  
Qual a luz do alampadario:  
E depoz a linda rosa  
Ao pé do sancto calvário.



## III

Os anjos depois vieram,  
Respiraram sôbre a flor.  
A flor cobrou mais beleza,  
Mais gala e mais esplendor.  
Alli ao pé do calvario  
Deu mais expansivo odor.

Alli parecia aos olhos Crescer,  
crescer... Mas agora?  
Agora murcha — tam murcha —  
Não tem a gala de outr'ora.  
— Assim o fumo do tecto  
Cresce, cresce,— e se evapora.

Assim as horas do tempo  
Correndo, correndo vam.  
Assim passou inda ha pouco  
O matutino clarão.  
Assim hontem foste infante,  
Assim hoje és ancião

Murcha, murcha! — não expande  
Jamais seu odor intenso.

Ha de seccar — feliz d'ella —  
Juncto á Cruz do Deus immenso.  
Ha de aspirar sobre as aras  
O cheiro do grato incenso.

Feliz! — seu leito de morte,  
Sobre as aras, ella tem.  
A prece que vai ao ceu,  
Sôbr'ella primeiro vem.  
A myrra que a Deus incensa,  
Incensa a ella também.

(1853).

# O INCENSO DO ALTAR

## I

Os sons do facil organ :  
    A voz dos corypheus  
As orações dos crentes:  
    O susto dos atheus:  
Tudo apregoa e próva:  
    — Aqui domina Deus!—

Silencioso esteve,  
    Ha pouco,— o sanctuario :  
Qual a mudez, que guarda  
    Jazigo mortuario:  
Qual o terror do nauta  
    Em mar tumultuario.

As almas dos finados  
    Erguiam-se do pó:  
Chocando-se torvadas,  
    Cruzando as naves só:  
Contando ás columnatas  
    As ancias de seu dó.

Fugiram já,— fugiram  
 Dos sacros penetraes:  
 Qual foge de repente,  
 Da mente dos mortaes,  
 Do mal a triste idea  
 Com a dos bens reaes.

Purificou-se o ether:  
 Espectros mais não ha.  
 Sôbr'elles cáe a campa,  
 E um ôco baque dá.  
 Sumiram-se no abysmo:  
 Deus não n'os ouve já.

Agora intôa o coro  
 Hymnos de compuncção.  
 Levanta a voz dos crentes  
 Altivola oração.  
 Atheu ! — medita: é tempo  
 De ainda haver perdão.

Não te commovem alma  
 Os cantos dos christãos ?

As notas, que produzem  
Do organista as mãos ?  
As notas, que percorrem  
Do templo pelos vãos ?

Nem das nuvens de incenso  
O quente rescender?  
Que vam nas mãos das auras,  
No tecto esvaecer ? —  
Impio! tu não tens alma,  
Ou não n'a queres ter ?

Vê como sobe o incenso,  
Quaes globos de um bulcão.  
Vê como cresce a reza,  
Quaes lavas de um volcão.  
Vê como incanta a orchestra,  
Qual voz de um furacão.

Vê tanto entusiasmo  
Na face d'esses crentes.  
Vê tanta confiança  
Em almas tão tementes.  
Vê tanta fé em Deus,  
— No Deus que não consentes!

Si não te mente, oh impio,  
Esse systema teu:

Si não é como o rizo  
De ambiguo phariseu:  
Como o fallar do hypocrita,  
Que tambem é atheu:

Que inferno de torturas  
A mente não te cõa!  
Ao doce som do organ,  
Que pelos vãos rebõa!  
Aos cânticos sagrados,  
Que o povo e o coro intõa !

Ás preces do ministro,  
Que ao Christo, por ti, ora!  
Á face d'esse templo,  
Que os lábios te descora!  
Qu'ao Deus,— que negas, impio,—  
E louva e reza e adora!

Compunge-te — e conhece  
De Deus a justa mão.  
Vem commungar do calix  
Dos gosos do christão;  
Que sentirás arroubos,  
Que terás alma entam!

Vê como sobe o incenso,  
Quaes globos de um bulcão!

E pelo tecto rompe,  
    Quaes lavas de um vulcão!  
E aos ceus leva a fragancia,  
    — Veloz, qual um pegão!

Vê como sobe o incenso,  
    Que aromatiza o altar:  
Suave,— qual a briza  
    Entre o fervor do mar:  
Suave,—qual dos anjos  
    O doce respirar.

## III

Ai! — praza a Deus que breve,  
    Tam breve como a flor,  
Ardendo o incenso,— ardendo,  
    Qual virginal rubor,  
Transponha aos céus a alma  
    Do triste trovador!





Na areia da fonte,  
Nas urnas do rio,  
Meu rosto sombrio  
Si encontra co'o seu.  
Ajuncta seus labios,  
Bebendo commigo, —  
Fatal inimigo  
Que o fado me deu.

Correndo assombrado  
Do vulto gravoso,  
Veloz, pressuroso,  
Demando a soidão.  
Mas, inda correndo,  
Si volto co'os olhos,  
Incontro os sobrolhos,  
Da eterna vizão.

E sempre a sorrir-se.  
Qual moça innocente,  
Co'um modo contente  
Dizendo-me adeus.  
Renego-te, oh anjo  
Fatal, sempiterno,  
Ou venhas do inferno,  
Ou venhas de Deus!

## II

Nos raios da aurora,  
Nos trinos das aves,  
Nas brizas suaves,  
Na voz da manhã,  
Em pé, sobre os montes,  
Co'um brado que atterra,  
Maldigo essa terra  
Tam ampla, tam van.

Os homens odeio,  
Com odio profundo,  
Com odio, que o mundo  
Não pôde intender.  
Entam, quanto quero,  
Derramo do peito  
O fel, que, desfeito,  
Não posso conter.

E clamo em discursos,  
Em odes atrozes, E os  
brutos ferozes  
Me temem de ouvir,  
Dos raios que attiro,  
Feridas as selvas,

De folhas, de relvas  
Sè fazem despir.

Maldigo as estreitas,  
As nuvens, a aurora,  
A queixa sonora  
Das aves do ceu.  
Maldigo esse incanto  
Que abysmos incobre,  
— Mulher que se cobre  
Co'as dobras de um veu.

Maldigo a sciencia  
Que os homens tortura,  
— Formosa loucura  
De face louçan;  
Procella da insania,  
Pegão de sophismas,  
Montanha de prismas,  
Figura de Pan.

Maldigo a virtude  
Instável cad'hora,  
Democrito agora,  
Agora Catão:  
Phantasma versatil,  
Extranho, não visto,  
Que ri-se no Christo,  
Que chora em João.

Sedento da raiva  
Que nunca me finda,  
Mais válido ainda,  
Maldigo meus paes.  
Depois, elevando  
A vista ao superno,  
Maldigo do Eterno,  
Por ser dos mortaes.

### III

E sempre esse busto  
De homem que odeio,  
Me vem, sem receio,  
Constante, escutar.  
E a cada discurso,  
Que franco improvizo,  
Responde co'um rizo,  
E põe-se a calar.

No seio das rochas  
Debalde me amparo,  
Que sempre o deparo  
Co'um rizo dos seus.

Castigo infinito,  
Tantalico, eterno.  
Que veiu do inferno  
Por ordem de Deus!

Em cima da rocha  
Me assento ferino  
Com gesto assassino  
Buindo um punhal.  
Mas elle desata,  
Deixando-me em pasmo,  
Com rude sarcasmo,  
Risada brutal.

E corro demente  
Por invias devezas,  
Co'as faces accezas,  
Co'o ferro na mão.  
E o busto sinistro  
Recua voando,  
De frente me olhando  
Co'um rizo brincão,

E sempre a sorrir-se,  
Qual moça innocente,  
Co'um modo contente  
Dizendo-me adeus!

Castigo infinito,  
Tantalico, eterno,  
Que veio do inferno  
Por ordem de Deus!

# A ORPHAN NA COSTURA

Ella lhe ensinou a levantar suas  
mãos puras e innocentes para o ceu,  
a dirigir seus primeiros olhares a seu  
Creador.

FLECHIER.

Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era todo o meu amor.  
Seu cabello era tam louro,  
Que nem uma fita de ouro  
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas  
Lhe cahiam tam cumpridas,  
Que vinham-lhe os pés beijar.  
Quando ouvia as minhas queixas,  
Em suas aureas madeixas  
Ella vinha me imbrulhar.

Tambem quando toda fria  
A minha alma estremecia,  
Quando ausente estava o sol,  
Os seus cabellos cumpridos,

Como fios aquecidos,  
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era todo o meu amor.  
Seus olhos eram suaves,  
Como o gorgueio das aves  
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,  
—Eu me lembro tanto d'elia,  
De tudo quanto era seu!  
Tenho em meu peito guardadas  
Suas palavras sagradas  
Co'os rizos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes  
Foram por largos instantes,  
Insinados pelos seus.  
Os meus labios mudos, quedos  
Abertos pelos seus dedos,  
Pronunciaram-me: — Deus!

Mais tarde — quando accordava  
Quando a aurora despontava,  
Erguia-me sua mão.



Fallando pela voz d'ella,  
Eu repetia singela  
Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,  
— Eu me lembro tanto d'ella,  
De tudo quanto era seu!  
Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,  
Estas quadrinhas que eu rimo,  
Foi ella que me ensinou, As  
vozes que eu pronuncio.  
Os cantos que eu balbucio,  
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe ! — diz-me esta vida,  
Diz-me tambem esta lida,  
Esta retroz, esta lan :  
Minha mãe! — diz-me este canto,  
Minha mãe ! —diz-me este pranto,  
— Tudo me diz: — Minha mãe! —

Minha mãe era mui bella,  
— Eu me lembro tanto d'ella.

De tudo quanto era seu ! Minha mãe era bonita, Era toda a minha dita, Era tudo e tudo meu.

# MEU FILHO NO CLAUSTRO

## CANÇÃO MATERNA

Eu não sou tua mãe que te préza?  
Tu não vês meus cuidados maternos ?  
E me escondes as dores que sentes?  
Não sei eu teus desgostos internos ?

Eu te disse, meu filho, eu te disse  
Que jámais te apartasses de mim.  
Tu quizeste, meu filho, tu foste,  
Tu agora padeces assim.

Tu deixaste meu seio materno,  
Tu deixaste teu pae tam doente!  
Vê teu pae, como, gasto de angustias,  
Chora e geme — perdido e demente.

Tu deixaste os logares da infancia,  
Mais as flores do nosso jardim.  
Já não brotam, não cheiram as flores,  
Já não deitam perfumes assim.

Já não deitam botões as roseiras,  
Já não deitam si quer uma flor.  
Elias sentem, percebem — coitadas —  
Que perderam também seu cultor.

Eu beijei teu fantil jasmineiro,  
E pedi-lhe em teu nome um jasmim,  
Veiu a briza, moveu-lhe a folhagem;  
Percebi que negava-m'o assim.

Tuas plantas bem sabem — coitadas —  
Que perderam seu lindo cultor.  
Elias sabem tambem que tu vives  
Sepultado no abysmo da dor.

Teu presente, meu filho, é tão triste!  
Que será teu futuro e teu fim?  
E quem póde esperar mais horrores  
Quem começa com tantos assim!

Tu quizeste ser monge, tu foste,  
Tu sahiste da casa paterna.  
Insultaste os maternos pedidos,  
Mais a queixa infantil e fraterna.

Teus irmãos levantaram mil vozes  
Com seus lábios de ardente rubim.  
E clamaram, — coitados — chorando,  
Que não ha, como o teu, genio assim!

Tu cortaste os anneis dos cabellos,  
 \_ Teus cabellos, que eu tanto estimava.  
 Eu por elles chorei... tu surriste,  
 Tu mais fero que a fera mais brava!

Eu por elles chorei: — que elles eram  
 Lindos fios de preto setim.  
 Para seus tua irman os queria,  
 Que os não tinha tam bellos assim.

As mãosinhas da irman que te chora  
 Teus cabellos, brincando, alizavam.  
 Quantas vezes meus lábios sedentos  
 Teus cabellos, meu filho, beijavam !

Hoje — que é de teus lindos cabellos,  
 Tam corridos, qual preto setim ?  
 Hoje tens desnuada a cabeça,  
 — E que frio não sentes assim ?

Mas eu tive coragem p'ra ver-te  
 Adornado de crepe feral.  
 E te vi revestido a cadaver,  
 Como a face do genio do mal.

Eu a Deus perguntei: — Pois ao mundo  
 Para as dores somente é que eu vim?  
 Para ver e sentir que meu filho  
 Dá-me tantos martyrios assim?

Nos degraus dos altares ao longo  
Te prostraste co'a face no chão.  
E juraste ao Eterno ante os homens  
Que meu filho não eras mais não.

Blasphemei nesse instante do Christo  
Nos assomos do meu phrenezim.  
— Os amores de pae não sam nada,  
Os extremos de mãe sam assim!

Blasphemei d'esse Deus que arrancava  
De meus braços meu filho querido:  
Que despia-lhe os trajos de seda,  
Para dar-lhe um funereo vestido.

Blasphemei d'esse Deus que lhe impunha  
Ferreos votos, eternos, sem fim:  
Que seus filhos por victimas conta:  
Que quer tantos martyrios assim!

É mentira. Essa lei violenta  
Não foi feita por Nosso Senhor.  
Nosso Deus não nos prende com ferros,  
Mas com laços de docil amor.

Não inveja da mãe os prazeres,  
Como rozas ornando o festim.  
Não lhe dá innocentes filhinhos,  
Para em vida arrancar-lh'os assim.

Blasphemei! — e no reino das chammass  
Dos demonios ouviu-me a cohorte:  
E rompeu n'uma horrível orchestra,  
Digna festa dos filhos da morte!

A minh'alma riscou-a em seu livro  
De meu Deus o cruel cherubim.  
Não faz mal: foi por ti que perdi-a.  
Oxalá que eu ganhasse-te assim!

Mas tormentos opprimem teu peito  
Mais terriveis talvez que este inferno.  
Sim: tu soffres, — eu sei, — mais angustias  
Do que soffre meu peito materno.

Já não brinca o prazer em teus olhos  
Mais travessos, que vivo delphim,  
As tristezas, que affêam teu rosto,  
Não ha d'ellas nos homens assim.

Não me escondas, meu filho, estas penas,  
De pezares communs não me prives.  
Eu bem sei que sem mim — entre extranhos —  
É difficil a vida que vives.

Vem, descerra, meu filho, estes labios,  
Onde vi transpirar-te o carmim.  
Foste ingrato, é verdade: mas sabe  
Que eu te estimo, meu filho, inda assim.

Entre a febre teu pae se revolve  
Nesse leito que outr'ora foi teu.  
Grita, clama, tactêa, procura Só  
por ti — primogênito seu.

Foste ingrato! — deixaste teus lares,  
Teus irmãos, mais teu pae, mais a mim.  
Tu quizeste ser monge, — meu filho,  
Tu agora padeces assim!



# MILTON

## Ao joven poeta Odorico Octavio Odilon

Fôra devida ao genio outra homenagem:  
Mas a offrenda do pobre agrada ao sabio.

Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
Dobrae a curva ante o moderno Homero.  
Nos campos de Albion, tremente e cego,  
Inda tactêa inspirações e carmes.  
Vêde-o: — cançado lá se ar rima á esposa,  
Que num abraço lhe sustenta o corpo.  
Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Co'a pupilla sem luz procura embalde  
Fitar o sol, onde um archanjo habita.  
Vate divino, — elle enxergara outr'ora  
Nos raios d'este sol descendo os anjos.  
N'um de seus raios elle ainda espera  
Que um anjo venha, e lhe esclareça a vista.  
Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Em vão a filha que escreveu-lhe os cantos  
 Dirige os olhos do cantor do Empyreo.  
 Em vão a incerta e tremula retina  
 Crava-se immovel no luzente raio.  
 Não mais o anjo, que elle vira outr'ora,  
 Desliza lá do sol, baixando á terra.  
 Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
 Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Não mais o Éden, como d'antes, flore,  
 Não mais o cedro vai topar co'as nuvens.  
 Não mais o homem, pelos prados livre,  
 Medita Deus, medita amor, — e dorme.  
 Não mais essa mulher perfeita e nua  
 Sonha innocencias, e innocencias falla.  
 Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
 Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Milton, Milton não vê o ceu que canta,  
 Não vê a terra cujas cores pinta.  
 A esposa, a esposa é-lhe invisível mesma;  
 Só pelo espinho reconhece a rosa.  
 Chora entre os cantos, rouxinol celeste:  
 Só pelos prantos reconhece os olhos.  
 Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
 Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Mesmo entre prantos mavioso canta  
 O ceu e a terra e o lobrêgo do inferno.

Abrem-lhe Homero as alvas mãos da esposa.  
Vai-lhe a filhinha transcrevendo os carmes.  
Em meio do labor correm-lhe as lagrymas,  
Que a esposa e a filha inxugam-lhe com osculos  
Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Dorme depois,— e no dormir re-sonha  
Co'os lindos anjos, que pensou de dia.  
Antes do sol accorda,— e vai co'a esposa  
Ao som de cantos despertar a aurora.  
E sempre espera que n'um raio acazo  
Desça algum anjo e lhe illumine a vista.  
Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
Dobrae a curva ante o moderno Homero.

Cromwel no solio venerou tal homem.  
Depois um despota acatou-lhe o orgulho.  
Pobre inda é livre,— como cego e velho  
Inda tactêa inspirações e carmes.  
Limpa-lhe a filha as lagrymas com osculos.  
Sustém-lhe o corpo co'um abraço a esposa.  
Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,  
Dobrae a curva ante o moderno Homero

# POBRE E SUBERBO

— A pobreza orgulhosa explica  
o cynismo do muita gente.

MARQUEZ DE MARICÁ.

## I

Alli n'aquelle alvergue derrocado  
Pela sanha do norte  
Um velho existe,— que libara um dia  
Os osculos da sorte.

Ás portas lhe bateram os prazeres  
Dourados de ventura.  
Surriram-lhe os amores incantados  
Surrizo de doçura.

Infindo pelotão de amigos nobres  
Subia-lhe as escadas.  
Co'esgares de paixão lhe olhavam ternas  
As damas affectadas.

Tocou-lhe um dia na intonada fronte  
O dedo da desgraça.  
E, qual fumo disperso pelos ares,  
Seu fastigio esvoaça.

Desappareceu,— qual vento, a chusma innumera  
 De tanto e tanto amigo.  
 E os filhinhos ao peito, a esposa ao lado,  
 — Chorava sem abrigo.

Dominando a montanha, — hontem viçava  
 Pinheiro alevantado.  
 Rugiu de madrugada o sul teimoso:  
 Eil-o no chão prostrado !

Talvez da providencia a mão piedosa  
 Mostrou-lhe esta choupana.  
 Pelo aceno de Deus talvez a alçaram  
 O côlmo e a agreste canna.

## II

Vegeta o velho alli. Si dorme,— accorda-o  
 Dos filhos o lamento.  
 Si accorda,— escuta a esposa repassada  
 De dor, fome e tormento.

Muito cedo a cabeça incaneceu-lhe  
 Miseria e dissabor.  
 Não sabe trabalhar : — estava feito  
 Á paz, ao somno e amor.

Problema incrível lhe parece ao menos  
 Tam veloz decadencia.  
 E não sabe suster o azar da sorte  
 Com constancia e prudencia.

E não sabe buscar,— de tonto e fatuo,  
 Em Deus consolação.  
 E não sabe incensar os pés do Eterno  
 Co'os fumos da oração.

### III

Hontem de tarde ergueu-se.— A esposa e os filhos  
 Em torno se ajuntaram;  
 E, como ecchôa um frêmito de espectros,  
 — *Fome, fome!* — gritaram.

E pegou do bordão: — qual temulento,  
 Foi caminho d'aldêa.  
 Pedinchando,— era um grande que imperava  
 Com voz ingente e chêa.

O passageiro olhou-lhe os vis andrajos  
 E o sobreceño horrível.  
 Meneou-lhe a cabeça,— e escarneceu-lhe  
 A nobreza rizível.

Avezado a mandar — um potentado  
 Não deve pedir nunca;  
 Embora os rins sensíveis lhe comprima  
 A mão da fome adunca.

Chamam-lhe a isso n'esse mundo os homens  
 — Constância e pundonor.—  
 E, .dos nomes co'a cor, cuidam que apagam  
 Da subergia a côr.

## IV

O velhinho voltou : — injusto e têsto  
 Maldiz o ceu e a terra.  
 E torrentes de affrontas e blasphemias  
 Do peito desincerra.

Assim como um tyranno, que aguardava  
 Da turba a subjeição;  
 Mal-soffrido se assanha, quando escuta  
 Ao seu dictame um «não.»

E grave entrou no alvergue: — os olhos torvos,  
 A catadura má.  
 Hí vai fallar,— e a voz, que a raiva ingasga,  
 Rouco mugido dá.

Nos olhos lhe adivinham os filhinhos  
O bem, ou mal, que traz.  
Physionomistas por precizo instincto  
A natureza os faz.

E a mãe co'os filhos um funereo pranto  
Entam do peito arrancam.  
Só não chorava o velho, — que co'a raiva  
As lagrimas se estancam.

Pranto e pranto de morte alevantaram  
Os filhos,— recordando  
Que sustento mal-são, — herva dos campos  
Ainda irão catando.

Ai! — que entrasse do pobre na guarida  
Benfeitor generoso,  
Que na tripeça lhe deixasse adrede  
Montão de ouro abundoso!

Vel-o-ias — o velho, remoçado,  
Desamparar a choça;  
Na ventura olvidar essa tristeza,  
Que o coração lhe roça.



| Tal em lindo jardim roseira debil,  
     Que o hynverno desnudara,  
 Na primavera já pimpolha ovante,  
     Como si não murchara.

Porém talvez ao benfeitor nas costas  
     Imbebera um punhal:  
 Ou em dourada taça propinara-lhe  
     Um toxico fatal.

Sobre soberbo,— ingrato ! Eil-a do velho  
     Inteira a apologia.  
 Ham de sel-o também os innocentes  
     Filhinhos que elle cria.

Os leõesinhos dos leões aprendem  
 Sanha e sede de sangue:  
 Vam gostando de ver os paes sedentos  
 Tragar a prêa exangue.

E — rarissimo caso,— que entre os trances  
     E os soffrimentos seus,  
 Uma só vez os lábios do velhinho  
     Não invocaram Deus!

O nome do que só,— de seu espirito  
     Deu alma aos ceus e á terra.  
 Quem sabe si no peito o velho, timido,  
     — Como um thesouro, o incerra?

Ou nado em ouro e per'las,— e educado  
 Em luzido salão,  
 Por ventura seus pães não lhe insinaram  
 Siquer uma oração!

Ai! — que vida o velhinho irá vivendo, —  
 Que vida de miseria,  
 Té que se lhe desprenda o lasso espirito  
 Das pêas da materia !

## VI

Mancebos, que passais,— deixae o velho  
 Viver na paz da morte:  
 Que um dia elle já foi,—como vós-outros.  
 Rico dos dons da sorte.

Mancebos, que passais,—deixae o velho  
 Chorar ao pé da porta.  
 Não n'o insulteis,— já que a desgraça d'elle  
 Tam pouco vos importa.

Sêde, oh jovens brincões,— mais generosos,  
 — E não n'o escarneçais.  
 Mais antes venerae nas cans do velho  
 As cans de vossos paes.

Bem vêdel-o tranzido.— A magra fome

As vísceras lhe esfola.

Não lhe olheis a arrogância,— oh bons mancebos,

Mas dae,— dae-lhe uma esmolla.

1851.

# OS CLAUSTROS

(SECULO XVIII)

## A Frei Arsenio da Natividade Moura

Tu, que sabes chorar a crença exangue,  
— Crente ! — desamarás os ais de um crente ?

### I

Dorme, dorme teu somno, oh van cidade,  
Dorme teu somno sensual e podre:  
Que as estrellas e a lua,— de offendidas,  
O inutil brilho em negro veu trocaram.  
Carranca enorme de chumbadas nuvens  
A côr dos céus trocou na côr do abysmo.  
É noite: e noite de pavor é ella,  
Sacra aos mysterios de esquecidos tumulos.  
Sosinho o bardo aqui,—co'a noite e as trevas!  
Só elle aqui: — que o mundo é morto agora  
Nos braços do lethargo,— irmão do nada.

Só elle aqui co'as campas dos finados  
Na latidão dos claustros solitarios.

Que apontando co'o indice da morte  
 Aos carcomidos dísticos das lapidas,  
 Surrindo-se, lhe solvem o problema,  
 —Arduo problema,— do que monta o mundo  
 E a vida e os homens e a vaidade d'elles.  
 Que ahi não haja uma alma, qual a sua,  
 Que ria-se da guerra e paz do mundo,  
 — Ai! que differe a paz da guerra d'elle ? —  
 E,— qual vigia no arraial do exercito,  
 A noute vele entre o dormir das armas,  
 E a sós co'o trovador, co'os seus inlêvos —  
 Venha, arroubada, commungar dos saibos  
 Do absinthio amaro,— que chamaram — vida ?

Não: sosinho — é melhor. Sosinho o cysne  
 No vazio dos ceus mais livre adeja.

Aqui não ha mister de alma bastarda,  
 Impura,— como os vermes do sepulchro,—  
 Que lhe immole a innocencia dos pensaes,  
 Quando na mente se fermentam inda  
 Tumultuosos,— qual do ninho escasso  
 O bando das alcyones garridas  
 Desprega o vôo pelo vão dos ares.  
 Aqui não ha mister de alma bastarda,  
 Que as emoções mais intimas lhe insulte,  
 Antes que saltem as idèas fóra

Do cerebro, que apenas as continha,  
 De pequenino,— e pelos labios francos  
 Em simples fôrma rápidas ressumbrem:  
 Tal ao sereno exposta,— inteira a noute,  
 Amphora cheia do licor mais puro,  
 Lá por ante-manhan, fervendo ao frio,  
 — Aventou com fragor,— e a lympha clara  
 Se expandiu pelo chão, que a foi sorvendo.

Essa abstracção de espirito chymerica,  
 Esse supposto coração de amigo,  
 Existe algures ? — Morará no peito  
 Da pombinha, que affaga entre os arrulhos  
 A colleira do esposo,— e abandonada,  
 Deixando-o no pombal beijando os filhos,  
 Deita a correr traz os cazaes visinhos ?  
 — Ou morará, talvez, no adunco bico  
 Do pelicano, que estrangula as vísceras  
 Para dar a beber seu sangue aos filhos,  
 E sendo adultos, desconhece-os todos?  
 — Este ser ideal, typo dos anjos —  
 Quem concebeu-o, escarneceu dos homens.  
 Ou foi um parto de traição dos incubos  
 Para mais tratar a mente aos vivos,  
 Desesperar,— ganhar a si mais almas.  
 Mas si é certo que existe um tal phantasma,  
 — Ou vive lá com Deos, além dos mundos,  
 Ou foi tolhido ao bardo equal thesouro.—

Antes sosinho ser. Si n'um despenho,  
 De ignorante, cahir,— n'elle pereça  
 De vez p'ra sempre. Assim lascado o seixo  
 Das penedias da fragosa costa  
 Com ruido sonoro ao mar descendo  
 Do gravitar nas azas necessarias,  
 As vagas perfurando,— achou no pego  
 E paz e olvido e supultura eterna:  
 — Não no arranques de lá, braço de ferro,  
 Para dar-lhe depois em troco a morte,  
 — E que morte?—o morrer do renegado!—  
 No amargo travo da traição primeiro,  
 Depois no eculeo dá calúnnia torpe,  
 No vasquejar, alfim, do desespero.

Também agora o ceu está despido  
 Dos astros seus.— Nuvens de cinza o toldam,  
 E os amigos da noute o desamparam.  
 Também agora os claustros estam mudos,  
 E parecem dormir um somno eterno,  
 Quaes solitários paramos infindos,  
 Onde não ha ouvir humano accento.  
 É tudo morte : — e só de quando em quando  
 Quebra um tufão das naves a calada,  
 E vem dizer que a natureza vive.

Oh quanta e quanta vez n'estas deshoras  
 Não viram ellas levantar-se os monges,  
 A transitar nos vácuos corredores,  
 — Como de meigas turturinas aves  
 Compacto bando a revoar nos ares, —  
 Recatados e timidos e graves,  
 Murmurando baixinho um psalmo lindo.

A cantar do Senhor as maravilhas!  
 Quanta vez em silencio respeitoso  
 Não ouviram toada e grave e doce,  
 — Grave como o pensar de ancião edoso,  
 Doce como o fallar de virgem pura, —  
 De hymnos e psalmos e canções propheticas,  
 Perdendo os ecchos na expansão dos ares,  
 Subindo em fumos á mansão do Eterno?  
 Hoj'em dia — esqueleto do deserto, —  
 Que mais ha hi? — o túmulo do nada !

Agora só na negridão das rochas,  
 Um talisman rizivel meneando, Algum  
 alumno, que sobeja ainda,  
 Do fanatismo do caduco Egypto,  
 Evocando os espirites do inferno  
 Nas extorsões do livido semblante,  
 Murmurará ensalmos de demonios.  
 Quem se erguerá do marroquino leito,



Abroquelado de oração piedosa,  
 — Bem como invicto campeão da patria  
 Que a pátria vinga ao imbraçar do escudo, —  
 Para applicar um valioso antidoto  
 Ás sinistras tenções do anjo das trevas, E  
 debellar-lhe os calculos de sangue?  
 — Nem um si quer! — os claustros estão quedos,  
 Como os sepulchros negros, que os povôam,  
 Como as columnas alvas, que os sustentam,  
 — E nem um estalar de organ saudoso  
 Na terra um hymno a Jehovah disfere.

Elles, depois — os cenobitas pios —  
 Também nas azas de orações devotas  
 Baixavam á rudeza d'estas claustros,  
 E um responso feral e diffundido,  
 Qual expansivo rescender de rosas,  
 Cahia sobre a campa dos finados,  
 E do peccado lhes roubava a pena.  
 Entam — óleo de unção — a reza sancta,  
 Em labios puros, — quaes candentes brazas, —  
 Fervendo, -- deslizava internecida.  
 Hoje, que resta ao fervor antigo?  
 — Pallidas preces, a desleixo, e mornas,  
 Bem como a voz do indifferente hypocrita,  
 Calam na lage, e ficam sepultadas.

## III

Modesto velho de mais longes eras,  
— Modesto como os olhos da donzella, —  
Assentado ao luar a sós com migo  
Nos degraus do vestibulo da egreja,  
Fazendo prantos, me contou que houvera  
Arvorado acolá juncto do alpendre  
O dorido supplicio do Deus-Homem.  
Os monges co'os devotos,— co'as velhinhas,  
E as trementes velhinhas conduzindo  
Pela mão os nettinhos innocentes,  
—Vinham beijar-lhe o pé, todos os dias,  
Recitar-lhe uma antiphona eloqüente,  
A qual, a humanas ouças passageira,  
Vistosa aos anjos e formosa ao Eterno,  
Lá no tope da cruz resplandecia,  
— Como cheiroso e lindo ramallete  
De mil corymbos de distinctas flores  
Tecido pelas mãos alfeninadas  
Das meninas donosas da campina.  
Hoje — que é d'ella — a cruz ? — era um escandalo,  
Era, — inda mais, — um fanatismo estúpido,  
Era vergonha aos sábios d'este século,  
— E foi calcada aos pés, lançada ao fogo!

O velho viu ainda a cruz do alpendre,  
 — Teve esse gozo : —inda abraçou-lhe as travas,  
 E quando os maus e os impios, quaes possessos,  
 Entre sanha e blasphemia a espedaçavam,  
 — Elle os olhou choroso e compassivo.  
 E alçando aos montes os quebrados olhos  
 Pediu a Deus inspiração,— incerto  
 No que faria entam. E após um breve  
 Fitar nos céus e meditar comsigo,  
 Perdão balbuciou sobre os sacrilegos,  
 E quedo foi dormir na crença sua.  
 Elle escutou tambem, uns dias antes,  
 — Qual voz do Eterno insurdecendo as vagas,  
 O psalmejar dos monges alta noute,  
 Que lhe accordou do somno, que dormia,  
 — Desceu do leito e foi resar nas contas.  
 Cuidoso alevantou-se ao romper d'alva,  
 No solitário templo entrou,— benzendo-se,—  
 Incostou-se ao festão de uma columna  
 Co'os olhos no portão da sacristia.  
 Esperava que a mão e a voz do preste,  
 — Bem como uncção divina derramada  
 Na cabeça do rei pelo propheta,—  
 Por entre o incenso da oblação mais sancta  
 Lhe abençoasse a incanecida fronte.  
 Esperou, esperou. Não mais os monges  
 Ouviu descer a liza escadaria,  
 Nem subir os degraus das aras sanctas.  
 Qual vaporosa nuvem no horisonte

Pela sanha dos nortes impellida,  
 — Desappareceram n'um relance.— É morto  
 Nos claustros o pudor, no templo o canto.  
 E o bom do velho sossobrado e timido,  
 — Como si a vista e o sizo lhe torvasse  
 O súbito clarão, de um raio ao perto,  
 Tornou aos lares,— foi narral-o á esposa,  
 E pelos olhos deslizando o pranto  
 As faces lhe encheu,— como o oceano!

E os monges — onde iriam ? — Os que unidos,  
 Como nos céus os anjos entre os anjos,  
 Na paz das cellas, na soidão dos claustros,  
 Não sabiam viver, si não comsigo,  
 — Ódio dos povos em paizes barbaros,  
 Escarneo das nações,— hoje divagam  
 A vastidão do mundo — e seus errores.

E vós que do solar bemquisto d'elles  
 Os expellistes,— lhes tolhendo a patria,  
 E nella o resguardar a muda crença,  
 E o socêgo da vida e os pães e amigos,  
 —Vencestes.— Triumphae, entes descridos!  
 Esse monstro do inferno — esse homicida  
 Ri-se co'o sangue da immolada victima.  
 Vossa victoria é tal: — folgae com ella.  
 Folgae em quanto é tempo,— em quanto a morte  
 Os vermes seus não ceva á custa vossa:  
 Em quanto os anjos de Lusbel treitentos

Não vos arrojam de uma vez p'ra sempre  
 Ás cternaes, exteriores chammass;  
 Onde não ha mais luz que o cahos das trevas,  
 Onde não ha mais paz que o desespero,  
 Onde não ha mais eouto que a geenna,  
 Onde não ha mais redempção que o inferno!

Feliz e vezes mil feliz aquelle,  
 Que nos braços de irmãos, nos osc'los d'elles  
 Deu aqui seu arranco derradeiro !  
 Que em mortuaria procissão solemne  
 Desceu de lá da pequenina cella,  
 E veiu aqui jazer entre os finados  
 Sob a campa deserta ha tanto seculo!  
 E, ao romper — d'alva uma oração formosa  
 Cahia,— como o gottejar do orvalho,—  
 Na lage,— e vinha lhe ameigar as penas.

E os filhos dos altares, desherdados,  
 Hoje depararão um só no mundo,  
 Que a secca pedra do sepulchro ignoto  
 Vá borrfifar co'a lagrima da prece ?  
 Meu Deus ! — não ha si quer uma alma pia! —  
 Philosophos — christãos, si o bem fizeram,  
 Não antolhavam recompensa d'elle.

O premio e a c'roa e a gloria a seus martyrios  
 Deus lh'os guarda nos ceus, entre os archanjos.

Já lá passaram as virtudes d'elles,  
 Como chuveiro de ouro em dia breve.  
 Porém as vastas columnatas gothicas  
 D'esse edificio gigantesco e excelso  
 Subejarão para attestar ás eras,  
 Com brado eterno,— os beneficios d'elles.

Nossos pios avós chamando os nettos  
 Ao adro do cazal,— e os reclinando  
 Por sobre a grama, no luar de prata,  
 E em torno as nettas dedilhando os bilros  
 Nas almofadas,— ou gyrando o fuso,  
 Entre longo serão,— lhes vam contando  
 As lendas, que da bocca auctorisada  
 Dos paes beberam: — recitando a historia  
 D'esses heroicos martyres da crença,  
 Que os velhos guardam a-la-par da vida,  
 — Como na mente casta a virgem ama  
 O fagueiro sonhar do amor primeiro.  
 — Assim dos justos a memória vive  
 No recordar das gerações passadas,  
 Como o nauta conserva o ensejo augusto  
 Da salvação nas vascas do naufragio.

## V

Quando este sec'lo de egoismo e vicios,  
Entre o rugido e o horror do passamento  
Derradeiro, ancian,— bem como o dia  
Cede, morrendo, ao tremulo crepusculo,  
E o crepusculo á noute,— então que herança  
Que legará nas vespervas da morte  
Aos filhos seus,— aos seculos por vir ?  
E qual será seu testamento ? Oh ! esse,  
— Obra de sangue e parto dos infernos,—  
Ha de sellal-o o anjo dos terrores!  
E só tres nomes conterà : — tres nomes  
Que ham de no mundo reboar maldictos,  
Como o trovão arrebetando os polos.  
Em ferreas lettras ham de ler-lhe os filhos:  
FATUIDADE E SACRILEGIO E SANGUE!  
Os nettos do futuro,—os nossos nettos  
Ham de amaldiçoar com mão de fogo  
Aos livres do presente,— e ao patrimonio  
De infamia, que os avós lhes assignâmos.

## VI

Eu, entretanto,—o bardo, que não vivo,  
Mas duro apenas n'essa ferrea idade,

A qual minha não é,— como do nauta  
 Não sam as vagas, que singrando trilha, —  
 N'essa idade vilan,— pela qual passo,  
 Como a fumaça que o galerno extingue,  
 Eu me consolo.—Do cantor mesquinho,  
 Q'aos homens não,— a Deus ergue seus hymnos,  
 — Na bastecida turma dos poetas,  
 Que os thronos, os saraus, o amor celebram,  
 Qual o pranto se esquece entre delicias,  
 — Assim d'elle tambem,— vate dos luctos,  
 Ha de memoria se perder.— Ao menos  
 Que ninguem saiba a invilecida patria,  
 Que o abortou, para que visse ácinte  
 Sua miseria e dó : — torrão esteril,  
 Onde immurchece o innocente e o justo,  
 Como a roseira em tremedal plantada,  
 E o mau e o impio a florescer nas hasteas,  
 Como o cedro alteando o cimo ás nuvens.  
 Que ninguem saiba o seculo maldicto,  
 Que o viu — nas urzes, pullular da tunica,  
 Que o viu — nas urzes, vegetar do tronco,  
 Que o viu — nas urzes, defínhar das ramas.  
 Eil-o final thesouro de ventura,  
 Que a par da salvação — anciã o bardo,  
 — Miserrimo! — que já não mais amima  
 Na terra um sonho de bonança e gloria:  
 A quem os lábios rubros da esperança  
 Não mais surriem seu sorrir de graças.

Não : — que lhe sobra uma esperança : — o tumulo!



— Similhante á bonina das campinas,  
 Que, abrindo o calix, entre nova e murcha,  
 Sauda a tarde e prophetiza a noute,  
 E a morte sua ao avançar do dia.  
 Eil-a a flor derradeira de ventura,  
 Que produz, moribunda, a debil arvore  
 Dos inlêvos do bardo,—melancholica,  
 Como o silencio e a negridão dos claustros.

## VII

Ai — claustros, claustros! — si faltar podesseis  
 Aos seculos por vir — que testemunho,  
 Que não darieis, das virtudes altas  
 D'esses heroes, que um dia vos alçaram!  
 Materiaes de pedernal,— sois mudos!  
 Não podeis levantar um brado ingente  
 Para fazer ouvir ao mundo inteiro  
 A defesa de vossos fundadores  
 Calumniados, pobres e proscriptos!  
 Sim: foram maus: — muito de mais amaram,  
 Com puro amor,— religião e patria.  
 Sim: foram maus: — obedeceram, livres,  
 No mundo a Deus,— na patria a seu monarcha,  
 Sem rojarem-se ás plantas inlodadas  
 De usurpadores, nem vilões tyrannos.  
 Sim: foram maus: — comprehenderain, sabios,

O espirito sublime do evangelho,  
 — Da magestade d'essa crença nova,  
 A qual,— na voz e nas acções do Verbo —  
 Co'a regeneração,—nos deu profusa  
 — Dons não gostados pelo velho mundo,—  
 — *A liberdade co'o saber gozal-a,*  
*E a charidade e o egualar os homens.*

## VIII

Oh perseguidos martyres da crença  
 De nossos paes ! — eu, pequenino bardo,  
 Sentei-me ao pés do tumulos dos vossos,  
 Arredio dos vivos, e cortado  
 Vos mando meu saudar por entre angustias!

## IX

E vós outros, oh sabios d'este seculo,  
 Talvez agora,— entre o dormir torvado,—  
 Sonhais na perdição dos servos crentes,  
 Dos servos do Senhor, que restam inda.  
 Adejando co'as asas estanhadas  
 Por sobre o leito commodo e felpudo  
 Os enviados de Lusbel vos pintam,

— Como n'um quadro energico e fallante  
 Da ceifadora guerra e seus horrores,—  
 Varios desenhos de maldade varia  
 Contra a mal firme fé da Cruz divina.

## X

Sim : — quereis reformar, oh philantropos,  
 A natureza e a indole dos homens,  
 E o sentimento innato e a fé co'a crença, —  
 Que em vosso vago e tumido vasconço  
 Nomeais — *ignorancia e prejuizo.*—  
 Reformae, reformae : — mas os phenomenos  
 Das mãos do Eterno pendero, quaes d'antes.  
 No aceno d'Elle as leis da natureza  
 Se librarão,— como nos dedos dextros  
 Do menestrel as notas do psalterion.  
 E surdo a vosso mando presumpçoso  
 O trovão rugirá — tremendo os impios,  
 O raio baixará queimando o ether,  
 Por sobre o ovante vertice do hypocrita,  
 Ao prasme do que rege os ceus e a terra.  
 E como Deus os quiz na mente excelsa,  
 Taes os homens serão,— até que um dia  
 Na voz dos cherubins disser — *não quero !* —  
 Para levar ao cabo a vossa empreza,  
 Tornal-a digna do pensar de um sabio,

É preciso sustar as leis constantes,  
 Que o mundo em seu volver resguarda inteiras,  
 Como o pobre christão na mente adora  
 Do bemfeitor, que o arrancou do abysmo,  
 A voz e o rizo e o apertar da dextra,  
 Quando, modesto, lhe fugiu dos olhos  
 — Anjo de luz entre o terror das trevas.  
 Mau grado vosso,— a omnipotencia d'Elle  
 Será provada na impotencia vossa,  
 Como entre os dedos de affanoso artifice  
 No crysol, que não mente, o ouro impuro.  
 Mudae,— si podeis tanío,— a natureza,  
 Arrematae perfeita a obra vossa,  
 Arrebalae das mãos de Deus o sceptro,  
 — E cantareis victoria,— oh philantropos!

## XI

Talvez eu tenha de sobrar ainda  
 Para ver o remate iniquo e torpe  
 Dos planos sestros que machina o impio.  
 Vel-o-ei arrojarse, blasphemando,  
 Como as hostes na sanha da mattança,  
 Ás clausuras da paz do eremiterio,  
 — Sello da contrieção dos meus e minha :  
 Entrar, fulo de raiva, o sacro templo,  
 Qual soberbo invasor de alheios muros, —

Combalir, derribar a cruz das aras,  
 — Penhor, que herdámos de mais longes eras,  
 Da fé de nossos simplices maiores,  
 — Testamento da crença assignalado  
 Co'o sangue d'elles, em cachoes jorrado,  
 Como precipitosa catadupa,  
 Crystaes golfando,— vastas chans alaga!

## XII

Oh ! — si rolar por terra a cruz do claustro,  
 Expire o bardo seu nos braços d'ella!  
 Mas ai de vós,— varões da nova edade,  
 Mais sabios do que Deus, mais fortes que elle!  
 Tramae, tramae co'a furia dos demonios,  
 Tramae contra o Senhor e os crentes n'elle ;  
 Balda loucura; — a cruz espesinhada  
 Ha de erguer-se maior n'outro calvario!

1851.

# SOROR-ANGELA

(ERA DE 1823)

## Canção dedicada ás virgens da Soledade

Com fervor os guerreiros victoriosos  
As de primor subido, ufanos colhem,  
Capellas immurxaveis, em que noutes  
Lidaste, e inteiro um dia, Angela igreja.

PARAGUASSÚ.

Foi Deus — e não outrem — que os braços dos nossos  
Regeu no conflicto,— regeu na victoria.

Foi Deus — e não outrem ! benedicto o seu nome,  
Que aos nossos deu honra, deu fama, deu gloria!

Capellas formemos das vestes das aves,  
Das pennas das lindas araras rubentes.  
Capellas formemos p'ra as frentes sublimes  
Dos nossos guerreiros, dos nossos valentes.

E os nossos valentes por Deus,— pela patria  
Façanhas obraram de eterna memoria.  
Foi Deus que inspirou-as: — benedicto o seu nome,  
Que aos nossos deu honra, deu fama deu gloria !

Capellas formemos das folhas da patria,  
 Das folhas virentes do quente café...  
 — Que caixos tam rubros, que flores tam alvas,  
 Que as virgens colheram-lhe agora de pé!

Irmans, trabalhemos, concordes e sempre  
 Durante esta vida ficticia,— illusoria.  
 Deus ama, Deus manda, Deus benze o trabalho,  
 Deus paga o trabalho co'os premios da gloria.

Os jovens guerreiros entrando em triumpho  
 As têstas adornem co'as nossas capellas.  
 As nossas capellas sam verdes, bem verdes,  
 Sam feitas por dedos de castas donzellas.

Os jovens guerreiros que venham tingidos  
 Das folhas da patria,— da patria vangloria.  
 — Que venham ao templo do Deus infinito,  
 Que deu-lhes triumphos e cantos de gloria.

Ao templo, oh guerreiros! — ao templo do Eterno,  
 Que aos povos oppressos liberta n'um dia!  
 Joelhos em terra! — que vam nossas vozes  
 Unir-se co'as vossas em doce harmonia!

Louvores Áquelle que humilha os senhores,  
 Que os servos humildes levanta da escoria:  
 Que os sceptros arranca de altivos monarchas,  
 Que ao povo escolhido deu honra, deu gloria!

O Deus das batalhas nos dias antigos  
Viu servos seus filhos,— e servos de extranhos:  
Viu servos seus filhos,— olhou seu opprobrio,  
Olhou-os carpindo seus males tamanhos.

E o Deus das batalhas fechou seus imigos  
Em urna insondavel, maritima, equorea!  
— Louvores, guerreiros ! ao Deus das batalhas,  
Que deu-vos triumphos e cantos de gloria!

— Assim nós diremos aos nossos guerreiros,  
Quando elles entrarem nos templos sagrados.  
Hosanna, oh donzellas! — o Christo remiu-nos:  
Não mais nossos templos serão profanados!

A face medonha dos barbaros crimes  
Não mais será vista na brázila historia.  
Os crimes fugiram co'os homens da guerra,  
Na patria ficou-nos o sceptro da gloria.

Por arcos de folhas e flores da patria  
Os nossos guerreiros terão de passar.  
E nós, das janellas mais altas do côro,  
Mais flores havemos sôbr'elles jogar.

Não somos romanos: — tropheus não erguemos,  
Nem louros, nem pompas de futil vangloria :  
Só folhas da pátria—cafés e pitangas —  
Taes sam nossos arcos,— tal é nossa gloria !



A patria saudemos ! — e o nome de patria  
Juntemos, guerreiros, ao nome de Deus.  
Não sentem, não sabem, não dizem tal nome  
Os impios somente,— somente os atheus!

Irmans, trabalhemos: — formemos capellas  
P'ra as testas dos filhos da nobre victoria.  
— Tambem seus triumphos, seus cantos sam nossos,  
Tambem nos pertence metade da gloria !

# A FREIRA

Crescei e multiplicaie-vos.

PALAVRA DE DEUS.

Eu joven freira, bem triste choro  
Aqui cozida co'a cruz de Deus.  
Aqui sosinha, ninguem não sabe  
Dos meus desejos, dos males meus.

Qual no deserto se praz a rôla,  
Cuidam que a freira seja feliz.  
E a pobre freira, dentro da cella,  
Ninguem não sabe que se maldiz.

Em quanto a vida não se desdobra,  
E apenas rompe, roseo botão,  
A freira insonte pratêa de astros,  
Povôa de anjos sua soidão.

Uma palavra que ella profere  
 É sempre um ente que ella creou.  
 Uma florzinha que colhe acaso  
 É uma amiga que ella encontrou.

Conversa á noute co'a estrella vésper,  
 Ama o opaco de seu clarão.  
 E sente chamma que julga dores,  
 E o peito aperta co'a nivea mão.

Ella não sabe que a estrella vésper  
 Inílue nas almas lascivo ardor:  
 Que, não sem causa, no tempo antigo,  
 A estrella vésper chamou-se — Amor.

A estrella vésper produz nas virgens  
 Extranho incendio, volcão fatal:  
 Quer seja freira — do Christo filha,  
 Quer seja antiga pagan vestal.

A estrella vésper... Fugi, meninas,  
 Fugi dos raios do seu candor.  
 A estrella vésper influe volúpia,  
 A estrella vésper chama-se — Amor.

E a casta freira, co'a mão na face,  
 Por longas horas demora alli.  
 E os tredos raios da estrella vésper  
 Ella innocente recebe em si.

E quando o sino locou matinas,  
Ella tremeu de seu fragor.  
E a pobre moça — da vez primeira —  
Das rezas quasi sentia horror.

E os olhos d'ella ficaram meigos,  
Como quem soffre doce pezar.  
Não mais pulavam, delphins nas ondas,  
E mal podiam brando oscillar.

E os lábios d'ella — cravina ha pouco —  
Não mais vestiam carminea côr.  
E só nas faces lhe assomam rosas,  
Mas não são rosas de almo pudor.

Entam a freira em vão se abraça,  
Em vão se coze co'a cruz de Deus.  
Entam a freira procura em tudo  
A causa, o allivio dos males seus.

Mas ella o sabe. Não é o Christo  
De que ella espera algum signal.  
O Christo deu-nos remido o mundo:  
E o bem que ha n'elle supéra o mal.

O mundo, o mundo... eu freira afflicta,  
Eu vejo o mundo... como é gentil!  
Ah ! eu preciso d'essa palavra  
Que arrasta os homens aos mil e aos mil!

Palavra immensa, divina e sancta,  
Que inspira aos homens tanto labor!  
Palavra fértil, fecunda e grande,  
Mysterio, influxo, talvez, de amor!

Porém as velhas, que me aconselham,  
E que se dizem cheias de Deus,  
Clamam — não cessam — clamam que o mundo  
É todo feito de vãos atheus.

Mas ah! quem sente chammas no peito  
Por uma bella palavra só :  
Quem á porfia corre por ella,  
Rompendo globos de grosso pó :

Quem verte prantos na mão do pobre,  
Que a Deus e á sorte reproches dá:  
Quem trava o braço d'outrem, que passa,  
Temendo o abysmo, que vê mais lá:

Quem toma ao seio mulher, que firme  
No seio d'elle deixa o pudor:  
Quem entre beijos lhe ensina aos labios  
Caudaes palavras de áureo licor:

Ah ! não, não póde — como ellas dizem —  
Ser insensivel, ser vão atheu.  
O atheu não sente, não verte prantos.  
O amor não entra no peito seu.

O mundo, o mundo... eu freira afflicta,  
Eu vejo o mundo... como é gentil!  
Não, não lhe inxergo aberto o abysmo.  
Tu mentes, mentes, alma senil!

Sim : velhas sanctas, velhas ufanas,  
Que vos dizeis cheias de Deus,  
Não ! — este mundo que Deus remiu  
Não é composto de vãos atheus.

O mundo, o mundo... eu freira afflicta,  
Eu vejo o mundo... como é gentil!  
Mas eu fechada na esteril cella  
Existo preza n'um ocio vil!

Aos mornos raios da estrella vésper  
Minha innocencia toda perdi.  
Inteiras noutes de acerba scisma  
Eu, nescia amante, passei alli.

A estrella vésper tem certos raios  
Que traiçoeiros voltam p'ra lá.  
Fugi, meninas, da estrella vésper,  
Temei dos gostos que ella vos dá.

Ha certos raios da estrella vésper  
Que sam vampyros de argentea côr :  
De nossos labios — com vitreos beijos —  
Extrahem, sugam todo o rubor.

Aos mornos raios da estrella vésper  
Minha innocencia toda perdi.  
Mas a innocencia, que sai da infancia,  
Ai! não se perde somente alli!

A estrella vésper, amphora solta,  
Boia de prata em mar de annil,  
Clama incançavel — Amae, donzellas,—  
E as fibras lavra flamma subtil.

Entam lá dentro da afflictta virgem  
Salta um desejo, ferve um pesar.  
Tenta um allivio, acha uma angustia,  
Lympha em brazido, volcão no mar.

Mas a innocencia que a moça immola  
No altar sagrado de um peito equal,  
Malta o desejo, fôrma o remanso,  
Offerta um gozo sempre real.

Quando a virginea côr se esvaece,  
Murcho o carmineo, roseo botão,  
A estrella vésper que fez o estrago,  
A estrella vésper não basta não.

O mundo, o mundo... eu freira afflictta,  
Eu vejo o mundo... como é gentil!  
Não, não lhe enxergo aberto o abysmo,  
Não lhe deparo volções aos mil.

O mundo, o mundo... só n'elle eu posso  
 Achar a parte a quem faltei.  
 Eu devo, eu devo pagar ao homem  
 Esse pedaço que lhe arranquei.

Seu coração — nobre fragmento —  
 Sente um vazio, que ha de doer.  
 Mesmo sua alma geme incompleta.  
 Quasi roubei-lhe todo o seu ser.

O paranympo — anjo o mais bello,—  
 Anjo das nupcias, feito por Deus,  
 Por Deus guiado, conduz as virgens  
 Para os pedaços que sam mais seus.

Leva-me oh anjo,— que é tempo: — eu quero  
 Achar a parte a quem faltei.  
 Eu devo, eu devo pagar ao homem  
 Esse pedaço que lhe arranquei.

Ao mundo, ao mundo... Leva-me, oh anjo.  
 Abre estas azas : vou sobre ti.  
 Interno impulso me diz, meu anjo,  
 Que não vás longe,— que basta alli.

Minha sanguinea côr se esvaece,  
 Perdi as rosas de almo pudor.  
 A estrella vésper — com vitreos beijos —  
 Sugou-me aos labios todo o rubor.



Leva-me, oh anjo. Tenho no peito  
Que me trasborda — vasta porção.  
A estrella vésper que fez-me o estrago,  
Nem cruz, nem claustros, não bastam não.

## A DEVOTA

A summa perfeição consiste em  
vagar o espirito para Deus.  
S. THOMAZ.

Que rezas, que rezas,— tremendo co'os labios,  
Co'a baça pupilla nas corneas immota ?  
Battendo nos peitos co'as mãos descarnadas,  
Co'as mãos no rosario,— velhinha devota ?

Coitada da velha,— que ou sinta pezares,  
Ou sinta dulçores, não sabe chorar!  
Que o sorvo da vida, de aceticos travos,  
O pranto nos olhos lh'o poude estancar!

Agora só reza nas contas bemdictas,  
Só reza constricta,— que pode mais al ?  
Que o tempo, que as rugas, que os annos que foram,  
Continuo lhe faliam da lousa final.

Que a vida, que vivem os homens na terra,  
É sonho, que a infancia sonhou, a scismar.  
Feliz quem mais soube dormir este somno,  
Quem soube este sonho mais longo sonhar!

Ai — quem me poderá sondar os arcanos  
 Do peito da velha ! — Que rica seara,  
 Que messe tam vasta de tanta verdade,  
 Que o joven não sega, não rega, não ara!

Qual vôo do tempo nas asas das eras,  
 Tal é da sciencia do velho o condão:  
 Que quantos mais dias de vida lhe excorrem,  
 Mais largas verdades crescendo lhe vam.

Velhinha,— é tam noute! —no chão do cruzeiro  
 Que rezas,— sustendo dos nortes o açoute ?  
 Oh — não te arrecêas das ruas desertas,  
 Oh — não te amedrentam as larvas da noute ?

Não sentes, devota,— pressões nem arfagens,  
 Quaes vagas dos mares,— no peito torpente ?  
 O mau sobreceño da morta velhice  
 Torrou-te os sentidos d'esta alma fervente?

Oh — sim: — como a estrada que os sec'los trilharam,  
 Está callejado teu bom coração :  
 E das penedias na silice alpestre  
 Tornou-se-te a tua senil sensação.

Que braço tam forte de ferro abysmou-te  
 Das penas no fogo,— dos males no fundo?  
 Quem n'esta tristura,— volcão que devora,—  
 Quem n'esta tristura lançou-te ? — este mundo!

Por isso ao cruzeiro levantas os olhos,  
 Co'a baça pupilla nas corneas immota :  
 Por isso acarinhas um só pensamento,  
 — A imagem do Eterno,— velhinha devota!

A imagem do Eterno,— qual canno brazido,  
 Qual tocha das aras,— te brilha no aspeito.  
 A imagem do Eterno, — que o mundo repelle,  
 Adoras, — qual mimo de amores, no peito.

E o chão do cruzeiro co'os nortes, que zunem,  
 Soprando os cabellos da velha tremente:  
 E a noute co'as larvas medonhas,— tam feias,  
 E o ether cerrado de nevoa somente:

E as aves nocturnas co'os cantos de agouro,  
 Nos vãos do cruzeiro,— nos seus corucheus:  
 Lhe faliam de um Ente, — que os homens esquecem,  
 Lhe faliam na terra de um Deus que ha nos ceus!

Oh — beija fervente mil vezes, velhinha,  
 Sim,— beija os emblemas de teu relicario.  
 Recita,— tremendo, recita essas rezas,  
 Correndo nos dedos o grosso rosario.

E vós — oh donzellas gabadas de lindas,  
 Que tanto vos rides da velha — coitada ?  
 Deixae-a que suas camaldulas gyre,  
 No frio ladrilho da cruz assentada.

É calvo o cruzeiro,— tam alto, tam alvo,  
Qual de caramelos lucente alcantil:  
É como um espectro: fugi oh donzellas,  
Do espectro, que topa co'o arco de annil!

E todo este quadro de horrenda poesia,  
De assombros,— não trava de seu coração.  
Sua alma não teme phantasticos trasgos,  
Sustida nas asas de linda oração.

É seu gozo todo: — prostrar-se nas lages,  
Nas lages marmoreas d'aquelle calvario:  
Liberta das vistas viperias do mundo  
Rezar mais devota no bento roزاری.

Um dia,— era joven, mimosa dos homens,—  
Os homens lhe deram um throno real.  
Mas hoje,— velhinha,— co'os pés do cruzeiro  
Se abraça constricta,— que pode mais al ?

# FREI BASTOS

Anjo de luz, porque te despenhaste  
no inferno? — A historia escrevia o teu  
nome na pagina das bênçãos: tu mesmo  
o riscaste, e o foste escrever na pa-  
gina das maldições.

ALEXANDRE HERCULANO.

Parque te affogas, Bossuet brazileo,  
No immundo pego da lascivia impura?  
Porque teus louros triumphaes nodôas  
Co'as roxas fezes do azedado vinho ?  
Porque continuo tua gloria assopras  
Nos leves bafos do charuto ardendo ?  
Porque te affogas, Bossuet brazileo,  
No immundo pégo da lascivia impura ?

Desces do altar á crapula homicida,  
Sobes da crapula aos fulmineos pulpitos,  
Alli teu brado lizonjêa os vicios,  
Aqui atrôa, apavorando os crimes.  
E os labios rubros dos femineos beijos  
Desparam raios que as paixões atterram.  
Porque te affogas, Bossuet brazileo,  
No immundo pégo da lascivia impura ?

No alcouce infame que assassina o genio  
 As horas passas que a sciencia chora.  
 No fofa leito que os instantes mancham  
 Os ceus insultas co'o burel que extendes.  
 Nos torpes versos que o prazer te inspira  
 O inferno evocas,— e os demonios brincam.  
 Porque te affogas, Bossuet brasileiro,  
 No immundo pégo da lascivia impura?

Para as canções que celebraram Milton  
 Deu-te o Senhor poetica ardentia.  
 Para esses dons que Bossuet vestiram  
 Deu-te o Senhor o fulmen da eloquencia.  
 Duas coroas te intrançava a gloria:  
 Duas corôas desmanchou teu genio.  
 Porque te affogas, Bossuet brasileiro,  
 No immundo pégo da lascivia impura?

Lá sobre os astros Bossuet te amava,  
 Ao escutar-te os estasis primeiros.  
 Tirava o resplendor da argentea fronte,  
 D'onde a Turenne a convicção partira.  
 Ia c'roar a testa igual á d'elle,  
 Que o novo mundo produzia quasi.  
 Porque te affogas, Bossuet brasileiro,  
 No immundo pégo da lascivia impura ?

O cego de Albion tambem te olhava  
 Co'os novos olhos que no ceu lhe deram.  
 Elle esperava — e os seraphins com elle —  
 Um Paraizo incógnito, mais bello.  
 Depois, te achando sepultado em lama,  
 A Lamartine reservou seus louros.  
 Porque te affogas, Bossuet brazileo,  
 No immundo pégo da lascivia impura?

Ah ! Bossuet sobre as estrellas pára.  
 Quanto é difficil a subida aos montes!  
 Voltaire abriu um boqueirão na terra.  
 Oh! como é facil o pendor do abysmo!  
 Mas tu subiste a Bossuet a um tempo,  
 E ao mesmo tempo té Voltaire descias.  
 Porque te affogas, Bossuet brazileo,  
 No immundo pégo da lascivia impura ?

Salve, poeta, que teus vicios cantas,  
 Que a noute e a plebe e a crápula desejam!  
 Salve, orador, que os pulpitos respeitam,  
 Que anathemas irônicos desferes !  
 Mescla atrevida de sublime e baixo, Bossuet  
 com Voltaire, tres vezes salve !  
 Salve por mim,— oh malfadado genio,  
 Onde as cidades nem os claustros cabem!  
 Tu, poeta, orador,— porque te affogas  
 No immundo pégo da lascivia impura ?



# O RENEGADO

## Canção do judeu

### I

Vae, impio bastardo,  
Vae, monstro sem crença!  
É vasta, é immensa  
A estrada que vês.  
Pendida se inclina  
Por lubrica esteira,  
Suave ladeira  
P'ra as chammas, talvez.

Teu pae te renega  
Na voz do propheta  
Co'a bocca repleta  
De atroz maldição.  
Cuberto de cinza,  
Co'o sacco vestido,  
Com pranto dorido  
Se prostra no chão.

A mãe, que te amava  
Com tanta ardentia,  
Maldiz de teu dia  
Co'os carmes de Job.  
Hebréa formosa,  
De rosto ingraçado,  
Por ti, malfadado,  
Se cobre de dó.

Com penna de ferro  
Teu nome riscado  
Do livro segrado,  
Da lei de Moysés!  
Teu nome famoso,  
Das tribus querido,  
Agora exprimido  
Debaixo dos pés!

Oh tu, desgraçado,  
Mesquinho perjuro,  
Que abraças impuro  
Uns erros fataes!  
Que insino a teus filhos,  
Que exemplo que legas!  
Na lei que renegas,  
Renegas teus paes!

## II

Talvez mais que os nossos,  
Irás vagabundo  
De rastros no mundo  
Sem termo, sem fim!  
Nas selvas, nas côrtes  
Os homens com gosto  
Lerão em teu rosto  
Signal de Caim.

Na jura que quebras,  
No crime que attentas,  
Excitas, augmentas  
Dos nossos a dor.  
Pizando nas tábuas,  
Que foram-te intregues,  
Affrontas, persegues  
Ao mesmo Senhor.

## III

Outr'ora no Egypto  
Nascemos escravos,

Valentes e bravos,  
Sofrendo sem dó.  
Contentes nos tractos,  
Vivendo na penuria,  
Cuspimos na furia  
Do mau Pharaó.

Depois nos erguemos  
No meio da praça,  
Em rude ameaça  
Battendo co'os pés.  
E o rei por dez vezes  
Tremeu contemplando  
Um Deus pelejando  
Na mão de Moysés.

Depois nossos crimes,  
Qual chuva de settas,  
Mau grado aos prophetas,  
Encheram o ar.  
Castigo do Eterno,  
Sentimos na frente  
O alfange furente  
De Salmanazar.

E o campo tres vezes  
Vestiu-se de ossadas,  
Ao longo espalhadas  
Por Nabuzardan.

E, farto de crimes,  
Tornou-se demonio  
O rei babilonio,  
Progenie de Can.

Soffrendo, esperamos,  
Dos tempos no gyro,  
O nome de Cyro,  
Surrizo de Deus.  
Previsto, anciado  
Na voz do vidente,  
Chegou de repente,  
Livrando os hebreus.

Ao jugo dos gregos  
Curvando-nos quasi,  
Beijámos a baze  
Do idolo Ammon.  
Depois adorámos  
Go'um medo mais feio  
O monstro que veiu  
De lá de Ascalon.

Não basta, não faria  
Ao ceu irritado  
O sangue espalhado  
Dos bons Macchabeus.  
Não basta que Tito,  
Que Roma viessem,

Que até desfizessem  
O templo de Deus.

Errantes, dispersos,  
— Castigo que pasma ! —  
Andâmos phantasma  
Por toda a nação.  
Ha mais de mil annos  
Soffremos calados  
Por crimes passados  
De abominação.

E vâmos correndo,  
Correndo na terra  
De incontro co'a guerra  
Terrivel, cruel.  
E vamos correndo,  
Nós povo escolhido,  
Nós povo querido  
Do Deus de Israel.

Ah ! foram mui grandes  
Os erros passados,  
Os altos peccados  
Do povo immortal!  
A voz dos prophetas  
Perpetua se cala:  
Não clama, não falla  
Nem mesmo de mal.

Do vate dos threnos,  
Do filho de Helcia  
A crua elegia  
Faria-nos bem.  
Choraramos junctos  
Com sancta saudade  
A vidua cidade  
De Jerusalém.

Mas sempre nas eras  
Paternas que lemos,  
Luctámos, vencemos  
As perseguições.  
Talvez que bem cêdo  
Tenhamos completas  
Dos nossos prophetas  
As aureas vizões.

E agora no mundo,  
De ha tanto previsto,  
Assome esse Christo,  
Messias real.  
E ajuncte n'um ponto  
Com phrases de brazas  
Debaixo das azas  
O povo immortal.

E venha c'um sceptro  
Mais bello, mais novo

Tirar o seu povo  
Do abysmo de dó.  
E cumpra-se á lettra  
O carne jucundo,  
Que, já moribundo,  
Nos disse Jacob.

E agora meu filho,  
Nas tábuas cuspindo,  
Nos deixa, sorrindo,  
— Meu filho! que dor!  
E vae tresloucado  
Seguindo, adorando  
Um idolo infando,  
Um Christo impostor.

Escuta, meu filho,  
O brado materno,  
E ao rosto paterno,  
Vem, tira-lhe o dó.  
Si o Christo que abraças  
Não fôra loucura,  
Seria impostura  
A voz de Jacob.



O Christo que abraças,  
Os erros que arrogas,  
Por mil synagogas  
Damnados estam.  
Ha mais de mil annos  
Que sam reprovados  
Por sabios sagrados  
Da crença de Abram.

Têem sido julgados  
Por sanctos doctores,  
Profundos leitores  
Da lei de Moysés.  
E os nossos rabbinos,  
Co'a raiva do velho,  
O falso evangelho  
Pizaram aos pés.

Escuta, meu filho,  
O brado materno,  
E ao rosto paterno,  
Vem, tira-lhe o dó.  
O Christo dos nossos  
Não vem perseguir-nos,  
Vem antes unir-nos  
N'um povo, n'um só.

Ah! volta, meu filho,  
Á mãe que te chora,

Ao pae que te adora,  
Que geme por ti.  
Ah ! entra de novo  
No nosso conjuncto,  
E canta compuncto  
Os ais de David.

## V

Mas ah! renegado,  
Bastardo, descrente,  
Mais impio que a mente  
Do impio Caim!  
Riscou-se, apagou-se  
Teu nome execrado  
Em pleno, sagrado,  
Geral Synhedrim.

Ah! reprobado infame,  
Nem mesmo compuncto,  
No nosso conjuncto  
Não podes entrar!  
Ja leio em teu rosto  
O estigma candente,  
Que te ha de na frente  
Perpetuo ficar.

Nem patria conservas,  
Nem nome paterno,  
E o povo do Eterno  
Teu povo não é.  
Vae, impio! — e que, ao ires,  
Era meio á viagem,  
Te ingula a voragem  
Que abriu-se a Coré.

# O MONGE

(SÉCULO XIX)

## I

De embate aos sinos, pelos vãos da torre,  
Nocturnas aves correm. Surdo dôbro  
Era quasi seu choque incerto e vago  
Nos ôcos bronzes. A soidão profunda  
Augmentava o pavor, crescendo a noute.  
Alli a mente, em extasis prendida,  
Prolongava estes sons, pensando n'elles.

Ninguem vivia: a profundez do somno  
Tinha co'os mortos irmanado os vivos.

Eu te saúdo, viração da noute,  
Frescor suave e triste ! As tuas pennas  
Sam duras settas de gelado ferro,  
Que, os cabellos riçando, entra por elles,  
E nullifica o cerebro, passando,  
E vai ao coração que pensa angustias.  
Facil não toca a neve aqui no peito.  
Não toca ? — Sim: mas não inrija as fibras,  
Mas não extingue o sentimento nunca.

Vem recolher-se aqui, fugindo ao gelo,  
 Inteiro, inteiro o espirito,— de fraco.  
 Eu te saúdo, viração da noute!  
 Que som me trazes de pesados passos,  
 Quebrando esta soidão! N'estas deshoras  
 Podem viver somente o louco e o vate.

Não! nem um d'elles. Viração da noute,  
 Transporta-me seu nome. O louco e o vate  
 Não amam sós as trevas e o silencio.  
 Também o desgraçado estima a noute.

## II

Bella aragem da noute ! uns labios de anjos  
 Não é que te respiram ? Teus anhelos  
 Não sam de um gênio bom que Deus nos manda ?  
 O teu sereno arfar alembra aos homens  
 Quasi um gozo do ceu. Lá n'outras eras  
 Algum sentiu-te assim, desfez-se, em lagrimas,  
 Pensou poeta e plácido em teu seio,  
 Sobre teu dorso esperdiçou seus males,  
 Consolou-se talvez,— e crente e altivo  
 Chamou-te quasi um Deus.— Mentiu-te ao todo ?  
 D'onde o consolo que nas asas libras  
 Tacito e sancto assim, descer-nos pode,  
 Si não de Ia do ceu ? Dentro em minh'alma

Eu sinto, eu sinto o impulso de adorar-te.  
Sê minha musa, oh viração da noute!

Leva-me, pois, extasiado e livre  
Aos lares do infeliz. Si alguém se queixa,  
Quero co'os d'elle compartir meus males.

Vejo uma cruz: entrelaçado n'ella  
Ferreo cilicio com sanguineas manchas.  
O livro do christão na tosca meza  
Os queixumes de Job mostrava aos olhos.  
Esplendidas de pranto as próprias lettras  
Estavam inda,— e a pagina molhada  
Das torrentes de dor de alguém que leu-a  
Quasi por si imprecações fallava,  
Quasi bramia, ao ver-se. A luz, tremendo,  
De espaço a espaço a crepitar, gemia,  
Gomo intendendo a voz que enchia outr'ora  
De maldições, de lagrimas, de preces  
Os campos de Hus.

Oh plaga que geraste  
Uma alma pura de poeta e de anjo,  
Salve por mim! Tu pelo Eterno foste  
Abençoada um dia, antes que livre

A mão de Satanaz te ardesse a terra.  
Segunda vez abençoou-te o Eterno,  
E deste a gramma e o cyparizo e as flores.  
Por mim, solo immortal, trez vezes salve!

Talvez pensava assim, cruzando a cella,  
Extasiado um monge. Eu vi seu rosto,  
E li seu coração, seu pensamento.  
Eram-lhe as faces maceradas, lividas  
Co'os livores da dor. Forçados sulcos  
Cavou-lhe fundo o percorrer do pranto.  
Não foi o tempo que incolheu seus vizos.  
De enorme vastidão — dos gregos copia —  
Parecia-lhe o cerebro um gravame,  
Que apenas sustentava. Os cilios grossos  
Dos olhos o fuzil lhe escureciam,  
Mais do que a nuvem que não cobre o raio

E passeava em rapidas pégadas,  
Fallando ás vezes, e parando a instantes.

Christo — exclamou — tu padeceste um dia  
Quanto, milhões de seculos vivendo,  
Não podia sofrer somente um homem:  
Porém remiste a humanidade inteira.

Eu, parte d'ella, sou remido,— e soffro  
 Debaixo de teu nome. O meu martyrio,  
 Férreo phantasma que pezado marcha  
 Co'o vagar do que vai degraus da forza  
 Que mãos de infames lá no ceu prenderam,  
 É vão, é vão. O sangue, que destillo  
 Gotta por gotta das rasgadas veias,  
 Cai inútil no chão. Regada d'elle  
 A linda hervinha, horripilando, expira.  
 Eu mesmo, eu vejo arripiar-se a terra,  
 Si uma golphada d'este sangue a insoppa.  
 Tudo reprova o sacrificio estéril!

Deus! teu filho deixou teu seio eterno  
 Para salvar a humanidade,—e eu soffro  
 Debaixo de teu nome inúteis penas!

Despotas d'alma, déspotas do peito  
 Subjeitaram á dor, á raiva, ao crime  
 Os simplices do Christo. A natureza,  
 Norma por Deus nos corações plantada  
 Áquem e alem da vida, em rudos tractos,  
 — Não, não morreu,— mas transformou-se ao  
 todo.

Nas praças de Sião, montões de povo  
 De vario modo-entre clamor seguiam  
 O heroe da redempção. Fallando aos homens  
 Co'esse estylo aos Demosthenes ignoto  
 Pronunciou uma palavra,— e as selvas,



As solidões, os leoninos antros  
 Pareceram gemer co'o pezo de homens.  
 As cidades christans, co'a mão na face,  
 Com redomas de sangue em torno aos olhos,  
 O flebil grito de Raquel sem filhos  
 Levantaram de novo. Orphans mesquinhas  
 Aos altos da montanha em âncias sobem.  
 Clamam de lá pelo cantor dos thrénos.  
 Cançam em breve,— e descançar procuram  
 Sôbre o tronco do cedro. O espectro negro...  
 Seu nome — ASSOLAÇÃO—... co'a immensa mole  
 Surgiu de um boqueirão que abriu o inferno.  
 Seu collo reclinou lá no oriente,  
 E co'a ponta de um pé bateu no occaso,  
 Onde inclinado o sol tremeu três horas.  
 E as cidades christans, co'a mão na face,  
 Com redomas de sangue em tórno aos olhos,  
 Espavoridas, por seus filhos clamam,  
 — Clamam, fugindo e lamentando em balde.

Voltae, voltae das solidões, das selvas,  
 Piedosos christãos. Alguém mentiu-vos,  
 Alguém vos disse o que não disse o Christo.  
 Deus não é mysanthropo: estima a todos,  
 Como outr'ora os formou nos campos de Ásia.

Por seus dedos mirificos formado  
 Foi a família o molde do universo.  
 Conselho aos anjos — não liame eterno —  
 Foi do Christo a palavra. Impios devotos,

Peiores que os atheus, mancharam tudo.  
 Té com seu Deus hypocritas sophismam.  
 Deus não é misantropo: estima os homens,  
 Como outr'ora os formou nos campos de Ásia.

— Não sophismámos, não. Essa palavra  
 Lêde-a no livro eterno: intacta existe.  
 Ninguém, ninguém pode augmentar-lhe um apice.  
 Sam immutaveis sempre as lettras d'elle.  
 Lêde outra vez, e meditaes mais serio,  
 E depois conclui.—

Sim! que eu conclua  
 O opprobrio a vós ou a blasphemia ao Christo!  
 Oh! que infames que sois! Co'a face em rizos  
 Podeis guardar tam atro fel no peito!  
 Quereis a conclusão ? — tomæ-a, hypocritas,  
 Tomæ-a em mim.

Não vêdes nos meus olhos  
 Fervendo a insania? e exasperado o monge  
 Té ao meio da fronte alçava os cilios.—  
 Não vedes manchas de livor de ferro  
 No concavo das faces, onde outr'ora  
 Pintou-me a natureza ardentes rozas ?  
 Não ouvis minha voz? profunda e rouca,  
 — Como incontrando espedaçados órgãos,  
 No peito forma-se e lá mesmo expira.  
 Quereis saber a causa? ouvi-me, hypocritas.

## V

Em bagas de suor banhado o rosto  
Estava o monge. Os increspados cilios  
Ora emendavam-se ao topete acima,  
Ora desciam occultando os olhos,  
Como dous fachos moveis, suspendidos  
Na vastidão da pallidez da fronte  
Por uma occulta linha. As mãos, o corpo  
Tremiam... que abysmei-me!

Estanque e mudo

Algum tempo ficou. Depois olhando  
Em derredor de si, qual ante o povo  
Lá na tribuna o orador prepara,  
Para romper, os ademães co'a idea,  
Abriu de novo os resequidos labios  
Co'um gesto que punhal cortou-me as fibras.

Antes de abrir-se-me a paixão no peito,  
Quando em botão as affecções me estavam,  
Fui arrojado aos cárceres eternos.  
Inda incerta a razão, timida e néscia,  
Balbuciava apenas. Tenra infante  
Pronunciava, arremedando os homens,  
Qualquer primeira voz que ouvia acaso:

Perdido viajor, no campo á noute  
 Ao longe divisando a luz que a terra  
 De seus hálitos pútridos accende,  
 Lá vai, lá corre em ancias após ella,  
 E chega, e topa co'a illusão, co'o nada.  
 Phantasia infantil era-me tudo.  
 Julgava o pyrilampo estrella em terra,  
 Anjos do mar a rutila ardentia,  
 Palacio de ouro o sol, estofo as nuvens,  
 Mágica fada a virgem que eu amava,  
 Que eu temia depois, fugindo d"ella  
 Co'o peito acceso de paixões ignotas,  
 Que parecia-me aguçadas dores,  
 Tanto que eu cria na justiça humana,  
 Tanto que eu respeitava a Deus e aos velhos!  
 E um velho... um velho...— atroador remorso,  
 Si és um supplicio, vingame d'aquelle,—  
 Um velho me fallou. Qual no deserto,  
 Querendo Satanaz tentar ao Christo,  
 Subindo ao alto, lhe amostrava o mundo,  
 Tal sequioso me agarrara o velho  
 Para apontar-me ao ceu. Depois tremendo  
 — Impio! nem o porvir falta ao remorso,—  
 Mostrou-me o templo não — mostrou-me horrendo  
 Um edificio negro, erguido e vasto,  
 Manchando o azul do ceu.

Que vês, infante?

Elle m'o perguntou.

Que vejo ? — aquella  
 Pasta de lama escurecendo os ares.

Amas o ceu ?

E porque não, bom velho  
 Não é tam bello o ceu ? O annil que o pinta  
 Não é melhor de perto ? A estrella d'alva,  
 Que vem correndo assim antes da aurora,  
 Não é, talvez, um parsaro de prata,  
 Que eu poderei prender, chegando a elle?  
 Não é um berço tam bonito a lua,  
 Que sempre, e sem que pare, imbala a infantes ?  
 Não posso um dia, de manhan, sosinho,  
 Sem accordar ninguém, chegar-lhe á beira,  
 Algumas gottas aparar de orvalho,  
 Lavar-lhe aquellas nodoas,— e mais bella  
 Tornal-a depois disto ? — Ah, velho, escuta :  
 Eu quero o ceu: mas dizem que p'ra tel-o  
 É preciso morrer ?

Pobre innocente,  
 Não é preciso, não. Querel-o basta.  
 Querer somente e entrar. Não vês, infante?  
 Vai-se p'ra lá por terra : — a porta .d'elle  
 Eil-a visível acolá bem franca.

Tam feia, velho? — a porta d'elle — aquella  
 Pasta de lama escurecendo os ares?

Por fóra, infante...

E, velho, é só por fóra?

Mas ah! por fóra eu vejo o ceu tam lindo!

E toda a tarde me chamava o velho,  
E me apontava ao ceu,— qual no deserto,  
Querendo Satanaz tentar ao Christo,  
Subindo ao alto lhe amostrava o mundo.

E acostumou-me: — e eu ja chamava aquella  
Pasta de lama escurecendo os ares  
Co'o nome, oh! sim, de ceu. Infante ainda  
Blasphemei, blasphemei co'os lábios do impio.

Tu foste criminoso, oh velho indigno,  
De meus nefandos obrigados actos.  
És réu, és reu,— Atroador remorso,  
Si és um supplicio, vingame d'aquelle.

Tu, anjo atterrador, que o somno travas  
Do mau que apenas adormece, e accorda  
Anxio, torvado nas vizões que inspiras,  
Á minha justa voz das trevas surge,  
Corre, vem com teu séquito de fúrias,  
Tu, ministro das choleras do Eterno.  
Povôa o leito seu de horríveis serpes,  
De vizões, de tortor: — vingame d'elle.

Basta-lhe só na vida este castigo,  
O mais tenha-o depois no inferno mesmo.

E vim depois,— e n'um furor sagrado,  
Louco religioso, entrei n'um templo.  
Com lagrymas de amor — devota insania! —  
Prostrei-me soluçando ao pè das aras,  
No jaspe dos degraus. Alli co'o choque  
Do corpo ardente em flammis de delírio  
Sôbre o frio do chão, senti... Quem pode  
Verter esse mysterio em lingua de homem?  
Não! alli, sem acção, cahido ao longo,  
Não, não morri. Minh'alma tam somente  
Sem ideas parou: pensar não poude.  
Sumiu-se, aéreo pô, a intelligencia.  
Ficou-me o coração fervendo em sangue,  
Volcão represso,— e congelado o corpo  
Unido alli co'a pedra. Estatua em terra,  
Idolo gêsseo que do altar cahira,  
Não sei que mundo foi, não sei que abysmo  
Que confuso habitei. Súbito estrala  
Funereo canto que evocou-me á vida,  
Dizendo — morto — em destroçadas vozes.  
Depois alguma dextra ergueu-me o corpo,  
E vi... Não sei que vi... Cegou-me os olhos  
O vitreo grosso das sanguíneas lagrymas.  
Pulverea sombra de subtil memória  
Faz-me pensar que li. Prece ou contracto  
Não sei que foi. Um juramento eterno

Fiz ao Senhor sôbre os altares d'elle?  
 Não lembra-me, não sei. Somente o dizem  
 Extranhos homens, de negror vestidos,  
 — Homens? quem sabe si demonios eram?  
 Seraphins infernaes, do inferno fallam,  
 E seu irmão, satânicos, me chamam!  
 Co'a voz tremenda, ameaçando as fúrias,  
 Dizem que fiz um immortal protesto,  
 Que ha de seguir-me ao ceu que ouviu-me as vozes,  
 Que ha de seguir-me aos penetraes do abysmo.  
 Clamam — infames! — que co'as próprias unhas  
 Rasguei, abri o coração ao Christo,  
 E com seu sangue borrifei meus labios,  
 E com seu sangue sigillei meu pacto.

Quando, esgotada essa vizão terrível,  
 Vizão que a dor me realiza e a raiva,  
 Olhei-me a mim, desconheci-me quasi.  
 É bem real, Pythagoras, teu sonho !  
 O Démon que inspirava-te era um anjo.  
 Dos arcanos do ceu alguns tiveste.  
 As almas dos mortaes transmigram, passam  
 De corpo em corpo, ou d'uma essencia em outra.  
 Corpo nem alma os mesmos me ficaram.  
 Homem que fui não sou. Meu ser, meu todo  
 Fugiu-me, esvaeceu-se, transformou-se,  
 Vivo; mas acabei meu ser primeiro.  
 Labil reminiscencia inda me antolha  
 Fugazes sombras da passada vida.



Para maior supplicio, aqui n'um quadro  
 Esses dous tempos comparados vejo  
 Ante mim sempre, que os refuso em balde.

Eu te creio, Pythagoras, nos sonhos!  
 As almas dos mortaes transmigram, passam  
 De corpo em corpo, ou d'uma essência em outra,

Si eu não morri, sou transfuga da vida.  
 Dista, dista de mim minh'alma antiga.

A toga férrea que estreitou-me os artos,  
 Como azinhavré devorou-me as carnes  
 Osso, esqueleto, pelas fibras prezo,  
 Vou caminhando,— e caminhando rinjo.  
 Folga, Loyola: — eu preenchi teu mando.  
 Até te intrego o teu supérfluo «quasi.»  
 Eu sou cadáver, sou ! — Olha-me e julga.

É pouco ainda este soffrer tam duro  
 Feito por vós, hypocritas sagrados ?  
 Não basta aqui a conclusão das dores ?  
 Vossos tropheus, que em lagrymas se insoppam,  
 Innegrecidos, humidos de sangue,  
 Cruor gottejam dos rasgados peitos,  
 Que lancinados dos seus topes pendem,  
 —E a gloria vossa não se farta iniqua,  
 E não vos pode encher victima tanta ?  
 Polyphemos crueis, milformes hydras,

Monstros peiores que os horríveis monstros  
 Que a mão de Homero bosquejava o mêdo,  
 Portentos de terror — quereis mais pasto?  
 Pois sim! —Abri as leoninas garras,  
 E destampae vosso infernal sarcasmo !  
 De vosso instincto a furiosa insania  
 Vou talvez social-a. Ouvi-me ainda.

## VII

Marmóreo cárcere apertou-me os ossos  
 Carcomidos, esqualidos, sem fôrma,  
 — E o dom que extrema os animaes e os homens  
 Aqui perdi-o. Oh tu, filho do Eterno,  
 Ouve meu brado acrysolado e puro  
 No lar do coração — que afflicto o amaste !  
 Uma palavra te pulou dos lábios,  
 Gladio de fogo, omnipotente e sancta,  
 — E n'ella vôa a liberdade aos povos.  
 Uma palavra também salta em chammas,  
 Gladio de sulphur, peçonhenta e grande,  
 D'esse rival que Tantalo te emúla,  
 — E n'ella vôa a escravidão dos povos.  
 Filho do Eterno que impossíveis podes  
 Té quando em burla deixarás teu reino ?  
 Cai debaixo do inferno o mesmo Empyreo!

Deus ! em teu nome Satanaz impera !  
 Aqui nos claustros os demonios moram,  
 — E o monge verga ao desespero o collo,  
 E julga mão divina a mão que o toca,  
 E blasphema do Christo, e as aras cospe,  
 E a cruz e a Biblia entre delirios piza.  
 A crença augusta que no peito aperta,  
 Que no leite materno haurira infante,  
 Que nos crystaes da dor sahir procura,  
 Disse — Sois livres — indistincta aos homens,  
 E diz ao monge — Escravo! — E o monge insano  
 Piza mais uma vez a cruz e a Biblia.

Tal o furor que a escravidão excita!

Tal sou, tal è o monge,— ente não-homem  
 A quem privou-se a liberdade,— e n'ella  
 Privada topa a consciência em nada.  
 O crime e a raiva no seu peito habitam.  
 Cobrem-lhe a face mascarar de louça,  
 Onde um sorrizo angelico se imprime  
 Nos templos e nas praças. Em sua alma  
 Continuo instigações malvadas fervem.

Que sceleratos espantosos planos  
 Não têm nascido aqui! Frontaes annosos,  
 Tectos sombrios, seculares muros,  
 Respondei-me, fallae. Em vosso espaço  
 Co'o dia emenda-se a mudez da noute?

Oh! quanto prova este silencio eterno!  
Si eu fora ao mundo arremessado acaso,  
Em qualquer polo, no torrão, no gêlo,  
A estas horas meditara em crimes?  
Blasphemara de Deus perante a lua,  
Cujo orvalho. me queima ? O leito, o somno  
Ser-me-ia travado â meia-noute ?  
Mais afflictivo que o labor de escravo,  
Ocio infamante, eu te renego em balde!  
Geram-se os vicios em teu molle seio,  
E te beijando, e te cingindo o collo,  
Boceja, estira-se a lascivia,— e dorme.  
Trucida as almas solidão forçada,  
Barbariza, asselvaja. As pandas azas  
Bate a virtude, e nas familias poussa.  
Tenra plantinha, nos desertos nasce  
Um certo amor que abandonado expira,  
Ou torrentes de tóxicos dimana.  
Aqui o coração se volve em raio,  
Os ossos em punhaes, a mente em furia.  
Aqui em fel a inspiração se embebe.  
Aqui de opprobrio a candidez se mancha.  
Aqui converte-se a virtude em crime.

Mas ah! lá chama ás orações o sino!  
Um sacrilegio mais ! Senhor ! perdôa !  
Vou emendar imprecações com psalmos.  
Vai em teu templo reboar meu brado,  
Que aos ceus não sobe, cavernoso e rouco.

Minha voz, minha voz conspurca as aras,  
 Ironica e gelada. Em atro cofre  
 Ardem-me dentro renegados gritos.  
 Cada palpito maldições me clama.  
 Blasphemia pulsam-me as arterias todas.  
 Senhor! eu não sou reu,— tu bem o sabes,  
 De sacrilegio tal! Perdoa ao impio,  
 — Ao impio feito por mais impios que elle.

Agora ride, hypocritas sagrados !  
 Eis-aqui vossa obra. Algozes, vêde-a !  
 É cruel, como vós; mirae-vos n'ella.  
 Não mais clameis que edificou-a o Christo.  
 Contumelia infernal! — Senhor! teu filho  
 Fora teu filho, si creasse os males?

Na torre havia-se calado o sino,  
 E o echo apenas resoava ao longo.  
 Tambem o monge immudeceu com elle,  
 Fechou a cella, e caminhou soturno  
 Pelas naves afóra. Um som compresso,  
 Quasi carpido, na abafada cella,  
 Ficou ainda a reflectir-lhe as vozes.

E eu alli, imbevecido em âncias,

Fiquei chorando, —e lamentei-lhe a sorte.  
Aos montes do Senhor ergui meus olhos,  
E disse uma oração. Rezando ainda,  
Senti nas veias affluir-me a calma,  
— E cri que o monge a conseguiu commigo.  
Inda corria a viração da noute  
Com fresca madidez. Pedi-lhe as azas,  
E fui saudoso a meditar meus carmes.

# O APOSTATA

CANÇÃO DO CATHOLICO

Não sentes por sôbre a face,  
Como um raio inopinado,  
Esse anathema sagrado,  
Essa ferrea excommunhão ?  
Não sentes a espada nua  
De Roma no teu semblante,  
De Roma,— eterno gigante,  
Sustendo infernos na mão?

Ah! triste, perjuro infame,  
Que esqueces esse legado,  
Sancta herança do passado,  
Sancta crença de Jesus !  
Que a negras voragens desces,  
E julgas que ao ceu te elevas!  
Que por turbilhões de trevas  
Trocas um reino de luz !

Ah ! triste, que te abysmaste  
N'um precipicio insondavel  
Com esse orgulho execravel  
Que Lusbel inspira aos seus!  
Que duas vezes perdeste  
Esse dominio sagrado,  
Paraizo resgatado  
Co'o sangue puro de Deus!

Ah! triste, que espedaçaste,  
Com sacrilegio altanado,  
O juramento prestado  
Juncto á fonte baptismal!  
Co'o perjurio que fizeste,  
Tu, infante estremecido,  
Cravaste um punhal buido  
No coração paternal!

Ah! triste, que te desgarras,  
De queda em quéda passando,  
Como do monte rolando  
Costuma a pedrinha vir.  
Ah ! onde, christão perjuro,  
Parará teu baque infindo ?  
Ou irás sempre cahindo  
De um em outro nadir ?



Ah! triste, que insano clamas,  
Com teus sophismas cruentos,  
Que de livres pensamentos  
Preciza o espirito teu!  
E com Luthero te abraças,  
Tu, apostata ignorante,  
Na convicção protestante,  
Preludio certo do atheu!

Vai, apostata, perjuro,  
Com esse raio gravado,  
Esse anathema sagrado,  
Essa ferrea excommunhão!  
Não sentes a espada nua  
De Roma no teu semblante,  
De Roma,— eterno gigante,  
Sustendo infernos na mão ?

# O CONVERSO

## CANÇÃO DO LIBERTINO

Templo, abysmo de Deus, abre-me o seio.  
Quero arrojá-me a dedalos de trevas,  
A dedalos de luz. Precizam homens  
D'esses mysterios que a razão fascinam.  
Ainda que depois se cerre em noute,  
A face de um crepusculo me agrada.  
Templo, abysmo de Deus, abre-me o seio.

Salve, Religião, sublime idea,  
Que tanto incantas feiticeira as almas!  
Sobre teu inventor mil benções caiam!  
Propheta do Senhor! seja o teu nome  
Ainda além dos seculos bemdicto!  
Déste n'uma illusão um gozo aos homens.  
Templo, abysmo de Deus, abre-me o seio.

Em meu orgulho esmigalhei-te insano,  
 Pizei-te aos pés, incantadora crença!  
 Julguei achar na liberdade um muro.  
 Achei poeira, mais que a tua, etherea.  
 Tu, minha crença, tu somente és firme.  
 Espancas um remorso aos pés de um  
 padre.  
 Templo, abysmo de Deus, abre-me o  
 seio.

Mil sanctos teus, co'os corações de fóra,  
 Aos repulsos de Deus consolam mesmo.  
 Sempre seguro estou co'a crença minha.  
 Tenho, em falta de Deus, quem chame  
 ainda.  
 Com aureos seraphins, gentis archanjos,  
 Tu, minha crença, os erros me rodeas.  
 Templo, abysmo de Deus, abre-me o  
 seio.

Levado em turbilhões de excelsos  
 crimes,  
 Té'gora estive em barathros de inferno.  
 Não me lembra o que vi: mas sei que  
 errava  
 Por lagôas de asphalto, ares de enxofre.  
 Tu, de lá me arrancaste, oh crença  
 minha. Mais bellos sam teus insondaveis  
 erros! Templo, abysmo de Deus, abre-  
 me o seio.

Sou christão outra vez : sou teu :  
 venceste.  
 Quero arrojarme a dedalos de trevas,  
 A dedalos de luz. Precizam homens  
 D'esses mysterios que a razão fascinam.

Ainda que depois se cerre em noute,  
A face de um crepusculo me agrada.  
Templo, abysmo de Deus, abre-me o seio.

## ELLA

Eu lhe queria tanto, quanto os desgraçados  
querem aos que os estimam.

EUGENIO SUE.

Eu sei, oh virgem, que em teu peito innocuo  
Tenho palpites, lá. Sei que tua alma  
Ficou pensando co'as ideas altas,  
Que te inspirei profundo.

Inda em teus olhos reconheço ao longe  
Todo o meu pensamento. Alto gravada  
Em tua mente a minha mente existe.  
Pertences-me p'ra sempre.

Rasguei-te, sim, do coração mais imo  
Um veu cerrado de innocencia fatua.  
Mas não te nodei: quiz que ficasses  
Casta assim mesma,— e sabia.

Tal na floresta a candida pombinha  
Penetra o ninho do amoroso pombo:  
E como d'antes, nos rosaes florentes,  
Vai arrulando ainda.

Não, não temo de ti. O amor que sentes  
Não é da terra não,—nem segue o corpo.  
O amor que sentes, nem contigo expira.  
É mais que immorredouro.

Has de amar-me na terra,— e alem dos astros,  
Eu te ensinei um sentimento eterno.  
Mau grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,  
Oh ! has de amar-me sempre!

Não te forcei, nem te preendi com ferros.  
Tua vontade é, como d'antes, livre.  
Mas voluntária nem coacta podes  
Amar a outro amante.

Um vate, um vate colligou-te aos seios,  
Tu déste-lhe o perfume de teus labios.  
O nó do abraço te estreitou seu corpo.  
O mais foi um poema.

Tu recebeste os halitos de um vate.  
Tu lhe bebeste a inspiração aos tragos.  
O fogo que do ceu lhe desce em linguas,  
Mulher! tambem ardeu-te.

Para os homens de Deus foste sagrada.  
Podeste ser-lhes dos mysterios conscia.  
És, oh vestal, a cumplice divina  
Dos celestes oraculos.

Estás agora iniciada eterno.  
Amaste-me: eu te quiz. Julguei-te digna  
De sêres-me a Sybilla de meus cantos,  
O anjo de meus versos.

Has de amar-me na terra,— e além dos astros.  
Eu te ensinei um sentimento eterno.  
Mau grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos,  
Oh! has de amar-me sempre!

Eu sei que um negro, espantador phantasma  
Co'as asas bronzeas te apparece á noute,  
E te deixando a pallidez manchada,  
Te grita — Monge! — e passa.

Eu sei que involto na pancada aerea  
Do meio-dia te revoa um sylpho,  
Que no concavo d'alma se te inrola,  
Tambem dizendo — Crime! —

Listras de sangue, de manhan, te cortam  
O brando annil que náda-te nos olhos.  
E assim mais bella, temerosa e pavida,  
Pensas em mim,—e choras.

Em presença da aurora, aos raios d'ella,  
Lá do tremulo seio em que me escondes,  
Arrancas as canções que me inspiraste  
Travado co'as delicias.





Mau grado aos mundos, serás minha agora.  
Eu te ensinei um sentimento eterno,  
Has de amar-me na terra,— e além dos astros.  
Oh! has de amar-me sempre !

# SAUDAÇÃO

AO NATALICIO DO MEU AMIGO OLYMPIO MAXIMO CHAVES

O mundo antigo está ás  
garras com o moderno.

LACORDAIRE.

## I

Quebrae a lousa impura que vos fecha,  
Phantasmas do passado.  
Surgi da cinza, oh séculos de outr'ora,  
Ouvi, ouvi meu brado.

Deixae na campa esse sudario immundo,  
Essa toga da morte.  
Tomae da vida, do prazer, das galas  
O sobranceiro porte.

Vinde saudar a obra que sonhara  
Vosso espirito ardente.  
Vinde baixar a frente respeitosa  
Ao seculo presente.

Co'os olhos longos ao porvir que vemos  
 Nobre tortor soffrestes.  
 E os louros immortaes que não cingistes,  
 Olhae aqui,— sam estes.

Novos Baptistas, na soidão clamastes,  
 Clamastes na cidade.  
 E a vosso brado os cardines, rangindo,  
 Soaram — Liberdade!

Honrosa lucta, sublimado anhelos  
 Foi toda a vossa vida.  
 Mas não entrasles, ai! Moysés modernos,  
 Na terra promettida.

Assistiu-vos cruel o desespero  
 Á ultima extorsão.  
 Déstes ainda o derradeiro espirito .  
 Nas mãos da escravidão.

Não podestes pizar o bronzeo collo  
 De despotas collossos.  
 Mas armas de outra tempera forjastes  
 Para os vindouros vossos.

Esse phantasma atroz — vestido a crimes,  
 Seu nome... Assolação,—  
 Gahiu depois de vós,— e livre assoma  
 Do Christo a redempção.

Resuscitae: vosso ideal sublime  
Venceu, triumpha agora.  
E o semblante dos despotas que restam  
Atterra-se, descora...

## II

Este seculo ditoso  
Resume os bens do passado.  
Bebe a seiva dos arbustos  
Que mil campinas têm dado.

Tem a sciencia dos tempos  
Juncta com outro ideal,  
Como um tope variado  
De um jardim universal.

Tem um futuro mimoso  
Vizão de felicidade.  
Tem dous verbos incarnados  
— O Progresso e a Liberdade.

## III

E foi, Olympio, um seculo tam grande  
Que te deu o Senhor.  
Deu-te com elle um coração altivo,  
Cheio de patrio amor.

Deu-te a vida n'um seculo de vida,  
De luz e de verdade.  
Deu-te a missão de athleta denodado  
Da sancta Liberdade.

Encheu-te o coração de amor da patria  
No mais subido excesso.  
Encheu-te o coração das sympathias  
Dos crentes do Progresso

Assim teu peito inteiro apenas basta  
Para tam grande Nume.  
Alli não cabe mais. Tudo o que sóbra  
Extingue-se em seu lume.

Mas si acazo em seus intimos refolhos  
Um vacuo ainda existe,  
Grava-lhe alli co'a patria o pobre nome  
Do trovador tam triste.

O trovador também ama o progresso,  
Respeita o patrio amor.  
Si não queimasse-lhe esta chamma o peito,  
Não fôra trovador.



Mas nada d'isso em meu ardente peito  
Tantos volcões atêa de saudade,  
Como esta ausência necessária e dura  
Da docil amizade.

E tu, bardo feliz do sentimento,  
Gentil cantor das affecções suaves,  
— Doce, bem como o gorgear sonoro  
Das innocentes aves:

Tu, que sabes cantar tam sanctos hymnos,  
Como dos anjos as canções supernas,  
Deixas-me n'alma fervidas saudades,  
Saudades sempiternas.

Deixas-me em mar de anciedade infinda,  
Timido nauta — duvidoso, incerto:  
Deixas-me n'alma o vacuo da existencia,  
Deixas-me um vão deserto,



# A' PROFISSÃO

## De Frei João das Mercês Ramos

— Entretanto o ceu se levanta sereno  
e pomposo como para um dia de festa.

CARLOS LACRETELLE

Eu tambem antevi dourados dias  
Fesse dia fatal:  
Eu tambem, como tu, sonhei contente  
Uma ventura equal.

Eu tambem ideei a linda imagem  
Da placidez da vida :  
Eu tambem desejei o clastro esteril,  
Gomo feliz guarida.

Eu tambem me prostrei ao pé das aras  
Com jubilo indizivel:  
Eu também declarei com forte accento  
O juramento horrivel.

Eu tambem affirmei que era bem facil  
Esse voto immortal:  
Eu tambem prometti cumprir as juras  
D'esse dia fatal.

Mas en não tive os dias de ventura  
    Dos sonhos que sonhei:  
Mas eu não tive o placido socêgo  
    Que tanto procurei.

Tive mais tarde a reacção rebelde  
    Do sentimento interno.  
Tive o tormento dos crueis remorsos  
    Que me parece eterno.

Tive as paixões que a solidão formava  
    Crescendo-me no peito.  
Tive, em logar das rosas que esperava,  
    Espinhos no meu leito.

Tive a calumnia tetrica vestida  
    Por mãos a Deus sagradas.  
Tive a calumnia — que mais livre abrange  
    Oh Deus! vossas moradas!

Illudi-mo'-nos todos! — Concebemos  
    Um paraizo eterno:  
E quando n'elle sôffregos tocâmos,  
    Achâmos um inferno!

Virgem formosa entre vizão phantastica  
    Que tam real parece!  
Mas quando a mão chega a total-a quasi,  
    Lá vai, lá se esvaece!

Sonho da infância que nos traz aos labios  
 Um rizo mais que doce:  
 Mas uma voz, um som...— some-se o sonho,  
 Como si nunca fosse.

Tu filho da esperança! — tu juraste  
 O que tambem jurámos.  
 Tu accreditas, innocente ! — ainda  
 O quanto accreditámos!

Oh! que não soffra as dores que nos ferem  
 Teu joven coração!  
 Que o futuro que esperas não se torne  
 Terrivel illusão!

Que sobre nós — os filhos da desgraça —  
 Levantes um tropheu:  
 E que não aches, — como nós achámos —  
 Inferno em vez de ceu!

24 de outubro de 1852.

## CANTO

Offerecido aos Jovens alumnos do collegio de S. Vicente  
de Paulo, por occasião de festejarem o mesmo Saneto,  
a 23 de julho de 1852

Louvae, meninos, ao Senhor.

Psalmo.

Duas fileiras de brilhantes jovens  
Co'um doce rir nos labios,  
Abatendo co'os raios da eloquencia  
Os presumidos sabios:

A voz modesta do christão convicto,  
Sem odio, sem vaidade,  
Despindo os erros do sobbisma ornado,  
Laureando a verdade:

Os olhos limpo do divino athleta,  
Immovel, inspirado,  
Descortinando a negridão da infamia  
Do seculo passado:

A turba dos philosophos, submersa  
Nas vagas mais impuras,  
Abysmando no inferno, onde bebeu-as,  
As sophicas loucuras:

Parecendo tornado o mundo inteiro  
Um plano infindo, immenso :  
Só pelas duas alas dominado  
De exercito tam denso :

De um resplendor de archanjos e de luzes  
N'um throno divinal  
A cruz sublime,—como o sol que expande  
A luz universal:

Curvados todos ao sagrado aspecto  
Do symbolo christão :  
Todos, na fé do crente, murmurando  
Um hymno, uma oração:

Eis do futuro o prazenteiro quadro,  
O quadro consummado,  
Que pela mão segura d'estes jovens  
Terá de ser pintado!

Eis o futuro innevado e negro,  
Que já tememos tanto,  
Convertido em hosanna de alegria,  
Em jubiloso canto!

Si nossos pães fizessem no passado,  
Quanto agora fazemos:  
Si em nós, seus filhos, cressem,— como agora  
N'esses filhinhos cremos:

Não seria o presente uma palavra  
De lucto, magoa e dó:  
Nem o futuro um calculo provavel,  
Uma esperança só!

Não ! — este longo exercito de jovens  
Athletas da sciencia,  
Mau grado a muitos nos imprime n'alma  
O sello da evidencia.

Os filhos do porvir, na mesma taça,  
O mesmo leite bebem :  
A mesma nutrição no mesmo prato  
Seus corações recebem.

Este sustento equal, na flor dos annos,  
Na infância da sciencia,  
Ha de lhes dar ás innocentes almas  
Uma uniforme essencia.

Essência — como aquella que se fórma  
Lá no seio materno :  
Essência,— que já mais ha de mudar-se,  
Que ha de existir eterno !

Assim a vida inteira d'estes jovens,  
Athletas da sciencia,  
Será d'estes principios, que recebem,  
A certa consequencia.

As luzes da sciencia mais profunda  
 Serão seu elemento:  
 A crença pura do evangelho sancto  
 Será seu complemento.

Não é, por tanto, uma esperança apenas  
 A vizão do futuro:  
 É um verso prophetico e sagrado,  
 Um calculo seguro!

Eia, pois,— guerreiros  
 Do saber brilhante, Eia,  
 pois,— athletas  
 Da cruz triumphanle,  
 Levantae um brado,  
 — O brado de — avante! —

O brado de — avante —  
 Retumbe nos ares:  
 Transponha seguro  
 As terras, os mares:  
 Penetre nos bosques,  
 Nos invios logares!

O brado de — avante —  
 Atterre os descrentes,  
 — Os homens, que a vossos  
 Desejos ardentes  
 Apenas têm rizados,  
 Escarneos mordentes.

O brado de — avante —  
 Revele aos paizes  
 Os vossos trabalhos,  
 Fadigas e crizes,  
 Os vossos triumphos  
 Sublimes, felizes!

O brado de — avante, —  
 Qual balsamo sancto,  
 Qual doce palavra,  
 Qual fervido canto,  
 Aos crentes console,  
 Inxugue seu pranto.

O brado de — avante —  
 Retumbe nos ares:  
 Transponha seguro  
 As terras, os mares :  
 Penetre nos bosques,  
 Nos invios logares!

Avante, oh jovens! — que os esforços vossos  
 Deus os coroa. O heroe da charidade,  
 Vicente, o sancto, o amante da sciencia,  
 Philosopho tambem, que soube outr'ora  
 Confundir a philosophos,—extende  
 Seus olhos para vós. Lindo futuro  
 Impetrou para vós do Omnipotente.  
 Eu vejo-o mesmo sobre acceza nuvem  
 Baixar aqui, e abençoar-vos todos!



Sêde seguros do porvir, meus filhos,  
Que eu vol-o guardo cá.  
O Senhor inclinou a vista immensa:  
Compadeceu-se já.»

Foi elle, sim, que nos fallou: ouvimos  
O oraculo divino. Eia! o futuro  
Vosso não pode ser vizão que foge!

## SAUDADE

Ao meu amigo Frei Bento da Trindade Cortez,  
actualmente no Mosteiro do Rio de Janeiro

... porque lagrimas tambem sam amor.

DB. J. J. B. DE OLIVEIRA.

Em minhas horas de nocturna insomnia,  
Co'os olhos fitos no porvir longiquo,  
Eu penso em mim,— e na segunda idea  
Incontro-me contigo.

Eu te prantêo no arrebol da aurora,  
Que em teu exilio meditando esperas.  
Ihvolto n'um crepúsculo te inxergo  
A deplorar teus fados.

Nas nuvens tinctas de sanguineas listras  
Lagrimas verto que sôbr'ellas mando.  
Partem, — porém do caminhar cançadas  
Descahem no oceano.

Desesperado entam, maldigo o espaço,  
Maldigo o ceu e a terra, o vacuo e o pleno.  
Em cada criação deparo um erro.  
Nem acho Deus tam sabio.

E na minh'alma se desenha ao vivo  
 Melhor, mais bello, mais ditoso um mundo.  
 Tiro do nada,, sem ausência e males,  
 Um orbe todo novo.

O amor da patria que os tyrannos banem  
 Não choraria maldições e sangue.  
 Nem tu nem eu seríamos cortados  
                                           Por divizões de abysmos.

Mas quando ainda não acabo o sonho,  
 Divizo armadas que vam mar em fóra.  
 Desperto, e caio nos aereos braços  
 Da chymera sublime.

E mais amargo te lamento a sorte,  
 Tu, martyr feito pelas mãos dos bonzos.  
 Invoco o ceu que intornará sôbr'elles  
                                           Alabastros de anathema.

Ligando a mim teu coração dorido,  
 Que a teus amigos em penhor deixaste,  
 Tactêo n'elle as emoções tam vivas,  
                                           Que em teu destêrro soffres.

Conheço as afflicções que te saltêam,  
 Nobre proscripto. O sol, a lua, os astros  
 Cruzam teu ponto, e trazem-me sinceros  
 Tuas ingenuas dores.

Sim! para os claustros não nasceu tua alma.  
Teu coração não te palpita — Monge.  
Nem tam baixo teus Ímpetos serpêam,  
Que um carcere os contente.

N'esse vasto pallor que te orna a fronte,  
— Signal dos homens de profundo genio,  
Eu leio a grande e destemida idea,  
Que não cabe nos claustros.

Deserta, oh gênio, do covil immundo,  
Onde o leão dos vicios se alaparda.  
Ah! esta cella, onde a indolencia dorme,  
Não pode, não, ser tua.

Coral guardado nas flumineas urnas,  
Quem ha de te arrancar do equoreo fundo ?  
Não serias mais bello, em aureo ingaste,  
No collo de uma virgem ?

Bahia 5 de agosto de 1854.

## AOS TUMULOS

Pobre, grosseiro, não numeroso,  
que importa isso? Para pregar as  
tábuas de um ataúde qualquer pe-  
quena força basta.

ALEXANDRE HERCULANO.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!  
Choremos sôbre a lapida esquecida  
    Dos homens que já foram.  
O ceu acceita o pranto dos pequenos.  
Não te acobardes, não. Vamos, minh'harpa,  
Depôr tambem na lousa dos finados,  
Como a viuva, um obolo mesquinho,  
Mesquinho só na terra. Além das nuvens  
Um thesouro se torna aos pès do Eterno.  
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:  
    — Sagremo'-nos á morte.  
Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Da grimpa do mosteiro atrôa o bronze,  
E de funebres sons os ares pejam,  
Como a tremenda voz da eternidade,  
Que as nuvens baixa, e perde-se no immenso.  
Bem!—este som diz—morte!—e apraz aos tristes,  
Apraz a nós, minh'harpa!

Não te assuste, por tanto, a voz amiga,  
 Que ha de chorar por nós, mau grado aos vivos,  
     Quando não formos mais !  
 Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:  
     — Sagremo'-nos á morte.  
 Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Pobre instrumento,— as tuas aureas cordas,  
 Onde pulsavas o prazer e a vida,  
 Estalaram por si! — Estas que sobram  
 Sejam sagradas á tristeza e ao lucto.  
 Maguas somente restam-te. Immudece,  
 Ou canta, soluçando, as maguas mesmas.  
 Estás cançada de chorar tam joven ?  
 Já não sam tua essencia às grandes dores,  
     Teu alimento as lagrymas ?  
 Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:  
     — Sagremo'-nos á morte.  
 Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Não vêes aqui este sepulchro aberto,  
 Corno si a terra se estivesse rindo,  
     Para abraçar seus filhos ?  
 Vamo'-nos junctos debruçar sôbr'elle.  
 Nossos primeiros paes, cheios de susto,  
 Templos aos manes levantaram quasi.  
 Tinham razão, talvez. Christãos mais sabios

Amemos com recato a tumba ao menos,  
 Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:  
     — Sagremo'-nos á morte.  
 Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Assim, minh'harpa, a nossa vida inteira  
 Deveramos passar, cantando em threnos  
 Esse jazigo, onde se esconde a ossada  
     Dos seculos que passam.  
 Aqui também na podridão, nos vermes  
 Ha de o futuro em esqueleto immenso  
     Cahir, esvaecer-se.  
 Aqui tambem inspirações se bebem  
     No halito dos mortos.  
 Aqui se encontra inexgotavel messe  
     De solidas ideas.  
 Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:  
     — Sagremo'-nos á morte.  
 Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa !

Sim: fiquemos aqui.— Aquelle arbusto,  
 Que das frestas da lapida despona,  
 Nasceu talvez do peito de um cadaver.  
 A seiva humana em suas hasteas corre.  
 Aquella flor inda transpira sanie.  
 Lá para o meio da soidão nocturna  
 Talvez falle do ceu, talvez do inferno.

Sim: fiquemos aqui. D'aquellas folhas  
 Talvez saia uma voz precisa ao mundo,  
 Talvez algum recato aos vivos traga,  
       Talvez de nós careçam.

Sim: fiquemos aqui soturnos ambos.  
       Esperando seu brado.

Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:  
       — Sagremo'-nos á morte.  
 Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Não te apavore o aspecto das tumbas.  
 Esta bocca sarcóphaga que a terra  
 Aqui a nossos pés abriu medonha  
       Não é para ingolir-nos.  
 O nosso calix de abundantes dores  
       Não transbordou ainda.  
 Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande :  
       Sagremo'-nos á morte.  
 Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa !



# A MORTE NO CLAUSTRO

## Por ocasião da morte do venerando ancião, Frei Manuel da Piedade Borba.

Eu não sou um historiador das cousas humanas.

Bossuet.

### I

Eu vi-o, eu vi-o,— e o coração tranzido  
Retalhou-se-me entam nas fibras intimas.  
Eu vi-o, eu vi-o,— escancarando a bocca,  
Roncava na garganta ingasgo horrendo.  
Eu vi-o, eu vi-o,— em contorsões, em âncias,  
Estrebuxando os membros impotentes.  
Não lhe era aspecto nas feições mudadas,  
E a voz apenas lhe restava rouca.  
Elle pedia — o velho agonizante —  
Pedia ainda do prelado a bençãam.  
Tu só, consolo certo dos afflictos,  
Tu só religião, preciso culto,  
Tu lhe ministras varonil confôrto,  
E os paroxismos agros lhe minoras.  
Oh ! por que vem tam tarde, irremissivel,

Esse momento necessario e certo,  
 Em que teu brilho fascinante assoma,  
 Fatal verdade atterradora,— eterna !  
 Como fulmineo meteôro subito,  
 À frente esmagas, quando leve a roças!

Tremer fazia os íntimos dos ossos  
 O grave som do compassado sino,  
 Que do dioso incanecido velho  
 A agonia fatal annunciava.  
 Ungido foi co'o oleo sacrosancto:  
 E em volta ao leito supplices murmuran  
 Preces ardentes, orações piedosas,  
 Que seus irmãos sinceros lhe repetem,  
 — Pedindo a Deus e á Virgem mais que pura,  
 Pedindo aos sanctos martyres celestes,  
 Pedindo agora aos divinaes pontifices,  
 Aos confessores do affrontado Christo,  
 Ás puras virgens, e ás mulheres castas,  
 — Guardem-n'o pios da perpetua morte.

Eu vi-o, eu vi-o,— em convulsão serena,  
 — Quanto do justo o passamento é doce,—  
 Desprender seu espirito cançado  
 Da cadêa que o liga á vil materia,  
 E voar, e voar, com leves asas,  
 Emissão de Deus,— de Deus ao seio.

A derradeira paz — fraternos osculos  
 De seus irmãos já recebia o triste:  
 Oh! phantasma da vida! como passas  
 Rapido tanto ! oh tempo mentiroso  
 De existencia fallaz e momentanea!  
 Homem ha hi tam vão que inda confie  
 N'esses teus ouropeis de podre gloria ?  
 Ha hi quem seja de razão tam fatua,  
 Que eterno julgue teu brilhar ephemero,  
 Que a tuas breves decepções se abrace ?  
 Ha hi quem seja em seu olhar tam cego,  
 Que pretenda esquivar-se á natureza?  
 Loucos mortaes! —onde esconder-vos livres,  
 Que não vejais o cherubim da morte,  
 Galopando em aligero ginete,  
 Co'a fouce em riste, ás fauces apontando ?

## II

Pelos claustros soturnos estrugia  
 O grave e compassado andar dos monges.  
 Eu te quizera ter presente agora  
 A ti, vaidoso atheu, nas horas mortas.  
 Eu quizera notar com lynceos olhos  
 De rasgo a rasgo os vizos de teu rosto.  
 Eu quizera apanhar, uma por uma,  
 As contorsões doridas,— as angustias,

Que por tuas feições reverberassem.  
 Tomara a consciencia acovardada  
 Sondar-t'a sim,—porém proval-a, nunca!

Não vês, não vês? — silenciosos, quêdos,  
 Em dous extensos renques se dividem:  
 Talvez disseras que estes homens eram  
 Negras estatuas, que emblemassem morte!

Sonora voz levanta-se d'entre elles,  
 Convidando-se a virem contentissimos  
 Prostrar-se aos pés de Jehovah potente.  
 «Vinde,— cantavam,— vinde, e adorêmol-o.»  
 Cahiram todos, debruçados, curvos,  
 Ante a face de Deus ..... Tu, ente infame,  
 Torpe illusor dos próprios sentimentos,  
 Não te curvas,— sustens de Deus a vista?  
 Ah ! perdôa-me o excesso, irmão em Christo,  
 Atheu não és,— que não n'os ha no mundo !  
 Tu te prostras também — também cahiste  
 De joelhos em terra involuntario !  
 Interna violencia e força ignota  
 Obrigou-te a ser homem por momento,  
 Deixar de bruto a condição que ostentas!

Não achas não sei quê sonoro e mystico  
 No recitar monotono dos psalmos ?  
 Não achas não sei quê triste e pathetico,  
 — Um merencorio effluvio de dor terna,

Do miseravel Job nas proprias pragas ?  
 Segue esse não sei quê — por Deus soprado,  
 Que em teu intimo foro apenas sentes,  
 Mas que indizível definir não sabes.  
 Segue esse não sei quê da consciencia,  
 Que é certo a voz ingenita do Eterno.  
 Aprende aqui,— oh ente depravado,  
 A ter fé no Senhor que te creara.  
 Serás entam feliz,— si olhar quizeres,  
 Alem da vida ephemera da terra,  
 Outra vida nos ceus,— que não se acaba.

Ouve-as agora — as derradeiras preces,  
 O psalmo dos degraus, que ura rei propheta,  
 Sonoro dedilhando o decachordo,  
 Insuflado por Deus, cantara um dia.  
 «Do imo de meu peito (eil-os que dizem)  
 A ti, Senhor, clamei no mesmo abysmo;  
 Os meus prantos, Senhor,— meus rogos ouve!»

Pouco depois passasses por ventura  
 Pelo extenso salão e mudas crastas.  
 Em solemne calada distinguiras  
 O pizar do pilão pezado e ouco  
 Por estoicos coveiros manejado.  
 Depois o baque da sonora lapida,  
 Que fecha — esmaga o putrido cadaver.  
 Depois talvez uma oração ainda

Dos labios do christão baixou sôbr'elle.  
Depois mais nada alli — fôra o silencio.

### III

N'estes claustros, aqui, talvez,— quem sabe?  
Talvez n'este sepulchro immundo mesmo,  
Após alguns minutos mais escassos  
D'esse meu vegetar insulso e morno,  
Me pilarão — triturarão meus ossos  
Deshumanos tumbeiros.— Eu contigo,  
Podre cadaver, dormirei eterno,  
Feito meu corpo em terra e cinza e nada.

1851.

## CANTO FUNEBRE

Recitado na occasião de sepultar-se o cadáver do meu amigo  
Luiz da França Rebouças a 16 de Abril de 1853

A alma foi feita para viajar no ceu.

YOUNG.

Uh ! porque não ? — porque não posso agora  
Chorar-lhe a morte ? — Que poder tam forte  
Ha hí que pare a um coração de amigo  
No derramar as emoções que o partem ?  
Que mão ha hi tam ferrea que comprima  
Tam dentro em mim meus sentimentos de homem ?  
Quem manda á idêa que não pense angustias,  
Quem manda ao peito que não soffra maguas,  
Quem manda á voz que não se expanda em queixas,  
Quem manda ao pranto que não corra em fios ?  
Oh ! porque não ? — porque este gosto extremo  
Em lhe chorar a morte ham de tolher-me?  
Oh! porque não! — Hei de chorar-lhe a morte,  
Bem como outr'ora lhe cantava a vida.

Reminiscencia atroz ! que vario quadro  
Vens a meus olhos destampar agora!

Como os aneis de uma cadêa extensa,  
Prezos, cozidos, iocarnados, firmes,  
Os meus dias estam co'os dias d'elle.  
Um só minuto d'essa vida instavel  
Que vivo ainda, não correu na terra  
Sem um minuto d'essa vida innocua  
Que elle viveu,— e que findou tam cêdo!  
Entre elle e mim era partida a vida :  
Meia vida perdi co'a morte d'elle.  
Si adulto apenas, eu olhei ao mundo,  
E achei-o infame, e escarneci-lhe as pompas,  
E co'alma feita a um scepticismo innato  
Descri do amor que os homens divinizam,  
— Não descri da amizade! —Elle provou-m'a  
Elle foi meu amigo ! — oh nome augusto,  
Que sabe os homens remontar aos anjos!  
Quem sabe ser amigo em si resume  
As virtudes do ceu e os bens divinos.  
Elle foi meu amigo — único e último —  
Que tinha uma alma conformada á minha.  
Era-lhe braza o coração fervente :  
Assimilava a si minhas angustias,  
E, como o fogo, as consumia lento,  
E as minhas sensações purificava.  
Elle sabia compr'hender profundo  
O coração phosphorico do vate.  
Elle era vate!—Em floridos poemas,  
Em suaves canções, em ternas lyras  
Correu seu estro merencorio ou lindo.



Corria agora socegado e triste,  
 Como um regato em aridos desertos:  
 Corria agora mais travêso e alegre,  
 Como um barquinho velejando esbelto.  
 Nos aureos fastos da poesia patria  
 Ha de seu nome se inscrever eterno.  
 Desse-lhe Deus mais dias de existencia,  
 — Fôra seu nome o sol para os mais astros!

Reminiscencia atroz! que vario quadro  
 Tu vieste pintar ante meus olhos?  
 Que vale uma lembrança, uma saudade?  
 Elle morreu !... a sua gloria é morta !

Oh! que eu não possa lhe chorar a morte,  
 Bem como outr'ora lhe cantava a vida!

Ah! não devo chorar. Além dos mundos  
 Eu vejo o ceu, vejo o infinito, o immenso:  
 É o throno sem fim do Deus Eterno:  
 E a Deus lá em cima vam junctar-se os justos.  
 É lá que a vida parará perpetua,  
 É lá que os tempos, sem correr, immoveis,  
 Não succedem-se mais,— sam sempre eternos.  
 Lá — elle, o justo, o virtuoso, o amigo  
 A vida que de Deus tomou, nascendo,  
 Foi a Deus intregal-a, e unir-se a elle.

Não chorarei: — que essa terrena vida  
 É um crisol que as .sensações apura,

Para chegar a Deus mais casto o espirito.  
Não chorarei: — que a ocasião da morte  
É o degrau mais alto para o Eterno.  
Antes devo pedir ao ceu que appresse  
Meu momento tambem.  
Quero ir bem cêdo  
A Deus e a elle unificar-me eterno.

## POEMA FUNEBRE

**Dedicado a meu irmão Frei Henrique de Sancta Rosa Ribeiro,  
por ocasião da morte de seu irmão Raymundo Alvares Ribeiro,  
succedida a 23 de abril de 1853.**

Choraram Germanico até os desconhecidos.

TACITO.

### I

Choremos todos um amor de menos.  
Si uma flor, que murchou, sentimos tanto,  
É que faltou-nos seu odor suave,  
Que nos dizia — amor — quando exhalava.  
Choremos todos um amor de menos.  
Si lá se esconde no oceano a lua,  
E si nos parte o coração saudoso,  
É que sem luz os olhos nos ficaram,  
Sem esse amor que ella inspirar-nos sabe.  
Choremos todos um amor de menos.  
Si algum pharol não vemos na tormenta,  
E si nos fogem da esperança os raios,  
É que visâmos o naufragio urgente,  
E a perda amarga da visão da patria,

Que delicias de amor nos predizia.  
Choremos todos um amor de menos.  
Si a morte crua nos arranca o amigo,  
Si damos prantos á memoria d'elle,  
É que de nós p'ra sempre separou-se  
Um coração que concluia o nosso,  
E o gozado prazer não mais gozamos,  
E d'outro amor o nosso amor fallece.  
Choremos todos um amor de menos!  
Choremos todos o mancebo, o amigo,  
Que a nossos braços nos arranca a morte.  
Choremos todos uma flor crestada,  
Que não dá mais odor: a linda lua,  
Que se escondeu nas ondas do oceano,  
Que mais não luz: esse pharol brilhante,  
Que se apagou nas vascas da tormenta,  
E a patria desviou-nos: esse amigo,  
Que d'outro amor o nosso amor enchia.  
Choremos todos sua perda infausta,  
Choremos todos o passado gozo,  
Choremos todos um amor de menos!

## II

Era um dia formoso. — O sol brilhante  
Mais esplendidos raios diffundia,  
E mais ardentes jubilos mostrava.

Como do infante as faces que inrubeceem  
A mais e mais, quando a alegria augmenta.

N'um vaporoso sonho de poeta  
Tres formosas vizões eu vi — tam novas —  
Que mais ao ceu que á terra pertenciam.  
Séria matrona erguia-se a primeira  
Com magestoso porte e honesto rizo.  
Gentil donzella erguia-se a segunda  
Co'o timido pudor nos olhos ternos,  
— Anjo ineffavel de modestia altiva!  
Estava ante ellas um loução mancebo  
Co'os vivos olhos alongados, fixos,  
Respirando prazer, amor e pejo,  
Como n'um templo a vista indefinida  
Do crente que no peito as rezas volve.  
Internecido em amoroso arroubo,  
Fita á donzella, que, em pudor e rizo,  
No chão a vista invergonhada crava.  
Era um anjo de luz entre dous anjos,  
Que d'elle a luz primeiro recebiam,  
E seus raios depois communicavam,  
Como a dextra do Eterno a graça infunde.  
E onde era o centro fecundante e vivo,  
E onde era a acção do mobile primeiro,  
A humana vista distinguir não pôde.  
E cada qual d'estas imagens vagas  
Era fóco de luz, fonte de brilhos:  
Bem como o sol — vivificante fogo —

Seus proprios raios, circulando, espalha  
 Na vastidão do espaço, — e a luz que o cerca,  
 Vai reflectir pelos ethereos corpos,  
 Pelos astros do ceu — e o firmamento  
 Com extranho clarão pompêa á noute.

Eram assim minhas vizões formosas,  
 As tres imagens de meu vago sonho,  
 Que mais ao ceu que á terra pertenciam!

### III

O mancebo fallou. O norte intenso,  
 Que ia cruzando infurecido os ares,  
 Foi transformar-se em zephiro saudavel,  
 Quando o mancebo desprendeu seus labios.  
 O terreno vapor, que ao ether sobe,  
 Do chão, dos mares, torrido ou aquoso,  
 Que vai no espaço assimilar-se em nuvens,  
 Que o ceu em crepe mortuario inluctam,  
 Parou também a aspiração que tinha,  
 Quando o mancebo desprendeu seus labios.  
 As lindas flores dos jardins da terra,  
 Que pelo sol crestadas, estuavam,  
 Tentando em si desnatural esforço,  
 A seiva toda do âmago chamaram  
 Ao calix globuloso — e cheiro e balsamo.

Mais novo e activo respiraram todas,  
 Quando o mancebo desprendeus seus labios.  
 O sol tambem mais orgulhoso e ativo,  
 Subiu ao seu zenith — seu throno ethereo —  
 Para mirar na direcção dos raios,  
 Na baixa terra a imagem da innocencia,  
 A incarnação do espirito dos anjos,  
 Quando o mancebo desprendeus seus labios.  
 — O vento forte e as nuvens se sumiram,  
 Não exhalaram mais o mar e a terra,  
 Balsamo novo as flores respiraram,  
 O sol subiu ao seu zenilh sublime;  
 Parada, estanque, a natureza attende,  
 E o mancebo loução desprende os labios.

— Crê-me, oh donzella! a omnipotente dextra  
 Formou meu coração p'ra ser contido  
 Bem dentro do teu peito — qual se esconde  
 Thesouro immenso em urna pequenina.  
 Tua alma pura, candida, innocente,  
 Como o gemer de solitaria rôla,  
 Tambem foi feita para unir-se á minha.  
 Somos dous corações fundidos ambos  
 N'um coração que um sentimento eguala:  
 Duas felizes almas derramadas  
 N'uma alma só que um pensamento ajunta.  
 Quando teus olhos — como ardentes fachos —  
 Chammas de puro amor, em mim se fitam,  
 Não encontras tambem meus olhos quentes

Fitos nos teus em fogo de ternura ?  
Quando, depois de instantes de silencio,  
Depois de um lindo e passageiro arroubo,  
A ponto os nossos labios se desprendem,  
Não temos dicto tanja vez n'um brado  
As mesmas expressões, as mesmas phrases?  
Não pensamos tambem na mesma idea ?  
Quando um incerto e vago sentimento  
De amor, de timidez, de zelo ou magua,  
Ambos os nossos corações comprime,  
Não temos arrancado ao mesmo tempo  
Doridos ais ou tepidos suspiros ?  
Dous corações e duas almas somos,  
Que um sentimento e um pensamento ajuntam.  
Deus quer-nos juntos, porque assim formou-nos;  
Seremos junctos, venturosos, lindos,  
Como as aves do ceu no espaço livre.  
Deus quer-nos juntos — porque assim formou-nos,  
Quer-nos ditosos, venturosos, lindos!  
Não carecemos de riqueza immensa,  
Para gozarmos nossa immensa dita.  
Não carecemos de um solar vetusto,  
De um castello feudal, de um regio alcaçar,  
Nem de um palácio de riqueza immensa,  
Que nos devam conter a immensa dita.

Não carecemos do poder do mundo,  
De um diadema excelso de rainha,  
De um sceptro forte de riqueza immensa,



Que nos venham ornar a immensa dita.  
Não carecemos de renome ou fama,  
D'esses prestígios frivolos de gloria,  
D'essa vaidosa voz, geral, inutil,  
Que nos venha espalhar a immensa dita.  
Templo maior mais digno, mais sublime  
É nosso coração: immenso alcaçar,  
Onde pôde habitar o amor somente!  
Chegámos n'elle : — que elle é amplo, extenso,  
Capaz, bastante a concluir n'um fóco  
Duas vidas irmãs, eguaes, fundidas.  
É só no coração que a dita existe,  
É n'elle só que ser feliz se póde.  
Só do seu centro partem-se, despedem-se,  
Brilhantes raios de immortal ventura.  
E si meu coração co'o teu se eguala,  
Si junctos somos pela mão do Eterno,  
É que a ventura em nós tambem se dobra,  
E duas vezes mais felizes somos.  
Deus nos quer juntos — porque assim formou-nos,  
— Quer-nos ditosos, venturosos, lindos! —

Assim fallava o fervido mancebo:  
Seu coração pulsava arrebatado,  
Forte, ancioso, inquieto, ardente,  
Como o oceano em vagalhões revolto,  
— E parecia, entre os arfantes pulsos,  
Querer pular no coração da virgem.

E as pupillas da virgem rutilavam  
Saltantes, doudas, como incertos fogos  
No mar á noute co'o ferver das ondas.  
E do prazer a lagrima correu-lhe  
Do lado esquerdo pela face quente,  
E foi por ella tremula cahindo,  
Como um regato de cristal ao longe,  
E muito tempo lhe pendeu da face,  
Qual pende em flocos do penhasco o gelo,  
— E a tez ardente resfriou-lhe um pouco,  
E pelas veias circulou-lhe o sangue,  
Que todo havia concorrido ao rosto.  
E a seu estado natural volvida  
Era a donzella uma vizão celeste,  
Que vê-se em sonho, e se dizer não póde.

E a matrona surriu. E os fracos olhos  
Lagrimas raras de prazer manaram,  
Bem como gottas de ligeira chuva.  
E levantando a vista ao ceu sereno,  
E erguendo a dextra sobre a filha e o joven,  
E os abraçando em apertado amplexo,  
— Sublime, excelsa, qual no templo assoma  
Do sacerdote o divinal semblante, —  
De Deus a bençam derramou por elles.

## IV

E um disco enorme de ventura e gloria  
Cobriu minha vizão. E as três imagens  
Eram tres centros de brilhantes raios,  
De mysteríos de luz. Entam meus olhos  
De tamanho clarão feridos, cegos,  
Não viram mais esta vizão distincta.  
Perante a vista ainda restou por horas  
Um turbilhão de luz no mesmo estado.  
Depois de grau em grau foi-se apagando,  
E se extinguiu. — Um vortice de trevas,  
Imolando no ar, veio involvel-a.

## V

Entam a voz de uma verdade amarga  
A meus ouvidos resoou tremenda,  
Como o ribombo do trovão rolante!

Um grito extenso, querelloso, trémulo,  
Nos ares se partiu. — Como um rangido  
De ferro em ferro, o guincho desatou-se.  
Depois subindo lamentosa escala,  
Era de um doudo a gargalhada bruta,  
De vivo incêndio o crepitar nas matas,  
O som de um raio no escachar o tronco.

Por fim descendo em gradação medonha,  
Já muito ao longe terminou-se o guincho  
Na querellosa voz que começára.

Ave sinistra! — incredulos ou sabios  
Teus mortuarios canticos não temam!  
Eu não! que sei temer-te. — Instincto ou alma  
Existe em ti que prophetiza a morte.  
Talvez o Eterno te formou de modo,  
Que teu olfacto peregrino ou proprio,  
Do moribundo os hálitos perceba,  
Assim como formou-te a voz horrivel  
Para dizeres lóbregos lamentos.

Entam a voz de uma verdade amarga  
A meus ouvidos resoou tremenda  
Como o ribombo do trovão rolante!

Entam o lindo zephiro saudavel  
Transformou-se outra vez em norte intenso.  
O mar e a terra respirou vapores,  
Que subiram ao ar formando nuvens,  
Que o ceu em crepe funebre inluctaram.  
Entam as flores dos jardins da terra  
Esgotaram a seiva e a força e a vida,  
E o cheiro activo e o balsamo perderam.  
E o sol formoso, que eu sonhava ha pouco,  
Contra o nosso hemispherio a face tinha.  
Entam a voz de uma verdade amarga

A meus ouvidos resoou tremenda,  
 Como o ribombo do trovão rolante!

## VI

Torvos os olhos, trêmulos os labios,  
 Pallida a face em lagrimas banhada,  
 Rugada a testa juvenil — tão linda,  
 Cahida pelo collo a espessa coma,  
 Um lugubre ululado ao ar desata  
 Uma triste mulher. Chamou-se esposa  
 N'um instante sómente, — e n'outro instante  
 Da viuvez a sorte e as dores prova.

## VII

— Elle, meu Deus! o esposo da minh'alma  
 Aqui no coração viveu té'gora,  
 Como n'um templo. — Elle morreu p'ra sempre,  
 — E resta o coração que elle habitava,  
 Qual fica o templo a que se tira o Sancto.  
 E resta o coração... que é este agora ?  
 Taça vazia do licor divino,  
 Que outrora a encheu e a perfumou tam doce!  
 Amplo jardim de arbustos decepado,  
 Sem flores mais que imbellecél-o possam!  
 Taes para mim os meus amores eram!

Doce licor que o peito me imbebia,  
 Flores que a fronte ornavam-me em  
 grinalda,  
 Sancto que tinha na minha alma um templo!  
 Ah! meu amor se consummou tam cedo!...

A minha vida se acabou co'a d'elle,  
 Qual murcha a planta quando o pé lhe arrancam.  
 — Tira-me aqui, levae-me longe, amigas,  
 Levae-me longe as vestes do noivado.  
 Esta capella, que cingiu-me a testa,  
 Que eu tenho aqui tam natural, tam nobre,  
 Foi elle que m'a deu. Seus proprios dedos  
 Foram que em mim esta capella ataram.  
 Depois, de mim tres passos afastou-se  
 Para mirar-me assim, — e achou-me bella  
 Como sua alma, e me chamou «Divina,  
 «Vizão de Deus, ou seraphim, ou fada.  
 «És bella, oh minha irmã, — entam me disse,  
 «Como os anjos do ceu, — quando te adorna  
 «A fronte esta capella. — Em nossas bodas  
 «Irás ovante, presumçosa, altiva,  
 «De teu brilhante resplendor cercada.»  
 Levae-me longe esta infeliz capella,  
 Levae-me longe este presente, amigas,  
 Levae-me longe as vestes do noivado.

Tira-me as joias que este collo infeitam,  
 De que me ornei para agradar-lhe os olhos.  
 Não mais eu tenho o meu amor tam bello,

P'ra quem me infeite de luzidas joias.  
 Levae taes jóias para longe amigas,  
 Levae-me longe as vestes do noivado.

De meus dedos, aqui, vinde arrancar-me  
 Estes anneis de rutilos brilhantes,  
 Estes ornatos de alegria e luxo.  
 Mas este anel, que vedes mais pomposo,  
 Mais fulgurante aqui — bem como um astro —  
 Por compaixão! não m'o tireis, amigas,  
 Que foi de meu amor signal eterno,  
 Impresso pela mão do amante esposo.  
 Os mais infeites me arrancae, amigas,  
 Levae-me longe as vestes do noivado.

Fatal doença, que poder tiveste  
 Que de meus braços o levaste á morte!  
 Tam joven inda o meu esposo! Agora,  
 —Viver, agora, começava apenas,  
 Pois agora somente era que amava.  
 Quando lhe urgira o passamento extremo,  
 Luctando já entre mortaes transidos,  
 Essas tocantes phrases lhe escutamós:  
 «Morrer tam cedo! — e o seraphim que eu tenho,  
 «Esta esposa infeliz, que amo extremoso,  
 «Unico anhelo á vida ao pé da morte,  
 «Esta esposa infeliz tam cedo a deixou!»  
 Fui eu, fui eu seu pensamento extremo!  
 E n'essa convulsão que ultima a vida,

Quando a pallida bocca abriu forçado,  
 Quando lançou seu derradeiro expiro,  
 Inda tentou articular meu nome,  
 Que entre-partido lhe ficou nos labios,  
 E o fim, e o resto — transportou-o á campa !

Campa cruel, que p meu amor incerras,  
 Não lhe comprimas o mimoso corpo,  
 Que eu já cuidei para intregar-te agora.  
 Já que não podes reverter-lhe a vida,  
 Dá-lhe um socêgo placido na morte,  
 Campa cruel, que o meu amor incerras!

Elle não era para mim somente  
 Amor inutil, isolado, ou fatuo.  
 Co'o seu amor vivifico e fecundo  
 Queria a todos, como a si queria.  
 Choremos todos um amor de menos.  
 Choremos todos: que partiu tam breve  
 Da terra aos céus um coração de amigo.  
 Mas foi unir-se áquella Essencia eterna,  
 D'onde seu puro espirito partira.  
 Entre os anjos nos ceus elle revoa;  
 Que um anjo elle era candido e formoso.  
 Isto consola: — mas em quanto a vida  
 Na terra me durar, — continuo e sempre  
 Chorarei pelo amor que d'elle tive,  
 E com meu pranto copioso e ardente  
 A lamental-o insinarei a todos.  
 Choremos todos um amor de menos.



# NENIA

A FILHA DE S. VICENTE DE PAULO, FALLECIDA NA CIDADE DE HARIANNA

Si ella fôra mais afibrtnada, sua historia seria mais pomposa: mas suas obras seriam menos cheias, e com títulos suberbos teria talvez ap-parecido vazia diante de Deus.

Bossuet

## I

Olhae nos ares : lá sobem,  
Brilhando de accezas listras,  
Espheras aureas de nuvens  
Formosas, porem sinistras.

Sinistras, sim: que na terra  
Tal espectaculo existe,  
Que é alegre para os anjos, Que  
para os homens é triste.

É assim aquelle aspecto  
De nuvens de ouro e saphira: Tam  
prazenteiro que é elle! Não sei que  
pezar inspira.

Olhae nos ares: lá sobem,  
 Brilhando de accezas listras,  
 Esphas áureas de nuvens  
 Formosas, porem sinistras.

E lavas de ardentes hymnos  
 Rebentam dos bojos seus :  
 — Sam anjos lindos que intôam  
 Mysterios sanctos de Deus.

Sam musicas de outra patria, —  
 Sam do ceu,— sam anjos, sim:  
 A voz das virgens da terra  
 Não tem harmonia assim.

Que belleza não reflectem  
 Os ares, a terra, o mar!  
 — Mas que silencio que guardam  
 Tam proprio para chorar!

Olhae nos ares: lá sobem,  
 Brilhando de accezas listras,  
 Esphas áureas de nuvens  
 Formosas, porem sinistras.

Entes do ceu ! — quem inspira  
 Vossa linguagem canora?  
 Perdestes outr'ora um anjo,  
 Que vindes buscar agora?

Talvez que baixasse ao mundo  
 Algum de vossos irmãos:  
 Talvez que o ceu nos mandasse  
 Algum de seus cidadãos.

E completasse entre os homens  
 Sua divina missão:  
 E suba, em nuvens douradas,  
 De novo a sua mansão.

Olhae nos ares: lá sobem,  
 Brilhando de accezas listras,  
 Esferas áureas de nuvens  
 Formosas, porem sinistras.

## II

Quem és, virgem christan ? — qual é teu nome ?  
 Por pátria tua — que nação te cabe ?  
 Porque sobem-te ao ceu esferas de ouro ?  
 —D'entre os homens ninguem,— ninguem o sabe.

Foste — qual chuva argentea que, passando,  
 Fecundação pelos vergeis acorda:  
 Mas á vista do sol ninguem na terra  
 Das chrySTALLINAS gottas se recorda.

Assim, christan, passaste pela terra,  
Extranha ao mundo, e plácida, e quieta:  
Nem a lage que cobre o teu cadaver  
Molhou-a co'o seu pranto algum poeta.

Nem cahiu-te no feretro uma lagrima,  
— Nem uma só de sentimento grato:  
Lagrima a preço de ambição comprada  
Não n'a tiveste d'esse povo ingrato.

Não te adornaram a virginea frente.  
Inúteis louros de Stael famosa.  
Não manejava as aulicas intrigas,  
Que celebraram Maintenon vaidosa.

Não te coube o poder da grande Aspasia  
Pelos altivos sophos decantada.  
De Catharina o formidavel sceptro  
Não te pezou na dextra delicada.

Foste — qual chuva argentea que, passando,  
Fecundação pelos vergeis acorda :  
Mas á vista do sol ninguem na terra  
Das chrystallinas gottas se recorda.

Nem elegias ternas de saudade  
Sobre o tumulo teu disse um poeta.  
Do ministro de Deus a voz apenas  
Poude-se ouvir monotona e quieta.



Não é um canto sobranceiro — como  
     Aguia que os ceus devassa:  
 É a querula voz de homem affeito  
     Aos hymnos da desgraça.

Virgem christán! — tu que inxugasle em vida.  
     As lagrimas do pobre,  
 Aceita agora as lagrimas do bardo  
     Na lage que te cobre.

Tu has de ouvir no ceu, onde subiste,  
     Meu luctuoso canto.  
 A linguagem das lagrimas é tua:  
     Intenderás meu pranto.

Abaixa os olhos: — sôbre o teu sepulchro  
     Curvado está um homem :  
 Lagrimas verte,— e d'essas que, cahindo,  
     Seccando, se consomem.

Sou eu,— sou eu,— co'a lyra nos joelhos,  
     Co'a voz' tremente e preza:  
 Co'os vagos dedos affinando incerto  
     A corda da tristeza.

Dá-me, dá-me uma lagrima somente,  
     Oh virgem,— que eu precizo:  
 Uma lagrima, não! — lá não ha d'ellas.....  
     Dá-me, dá-me um surrizo.

Paráe, impios, paráe,— em quanto eu firo  
As cordas do alaúde.  
Mudos ouvi-me o cantico da morte,  
A nenia da virtude.

## IV

Oh virgem! — na campa que tem teu cadaver  
Estive inclinado,—joelhos no chão.  
Co'o triste alaúde coberto de crepe  
Tentei entoar-te funerea canção.

Minh'alma em sublime delirio voava,  
Minh'alma voava, sahia de mim.  
Meu triste alaúde coberto de crepe  
Ficou n'uma estatua de duro marfim.

Minh'alma voava suspensa no espaço,  
Minh'alma voava.— por onde — não sei.  
Aos lados e acima somente o infinito, Por  
baixo somente sepulchros achei.

E tudo deserto,— silencio de tumbas,  
Vastíssimo aspecto de immensa soidão:  
E tudo espirava bellezas horriveis  
De um mundo que de homens não póde ser, não.

Entam repentina no vago do espaço  
Não sei que harmonia que ouvi que rompeu;  
Não sei si partia de vozes estranhas,  
Não sei si partia do espirito meu.

O cadaver que jaz n'esta campa  
Esse mundo o não teve entendido.  
Esse mundo não deu o seu pranto,  
— Esse pranto comprado e vendido.  
É dos ceus o cadaver da virgem,  
Que esvoaça do mundo mentido.

O cadaver que jaz n'esta campa  
Sentimentos dos anjos conteve.  
Salamandra que vive nas chammas,  
N'este mundo esta virgem esteve.  
N'este mundo os preceitos do Christo  
Em sua alma ella sempre os reteve.

O cadáver que jaz n'esta campa  
Esse mundo o tractou com desprezo:  
Que esse mundo escarnece as virtudes,  
Quando d'ellas se sente surprazo.  
Lá nos antros escuros do peito  
Da verdade o louvor fica prezo.



Perguntais sua patria qual era?  
 — Perguntae-o aos dous polos da terra:  
 — Flor eterna que em todo o universo  
 As raizes profundas aferra :  
 — Povo de homens christãos que nos orbes  
 Nunca um despota enorme os desterra.

O seu nome quereis ? — Consultae-lhe  
 Que palpites seus peitos tiveram.  
 Sentireis, no cadáver gelado,  
 Que valentes, que sôffregos eram.  
 — Caridade ! — seus peitos palpitam:  
 — Caridade! — seus lábios disseram.

Foi seu astro esse nome divino,  
 Esse nome que o Christo insinou.  
 Para os cárdines longes da terra  
 Essa virgem christan se atirou.  
 Co'esse nome do Christo nos labios,  
 Mil ferozes nações arrostando.

Esses martyres loucos da guerra  
 Exhumou do cruor da batalha.  
 Foi pensar a familia do pobre  
 Na modesta cazinha de palha.  
 Foi as chagas limpar do mendigo  
 Com fibrosa e macia toalha.

Pelos trivios desertos da estrada,  
 Pelos sordidos cantos das ruas,

Recolheu os infantes expostos  
 Pelas mãos deshumanas e cruas;  
 Involveu em felpudas mantilhas  
 Suas carnes geladas e nuas.

Porem nunca prostrou-se nos thronos  
 Nem rojou pelos pés do monarcha.  
 Caridade ! — este nome sagrado,  
 Como as tábuas da lei dentro da arca,  
 Caridade! — entre o marmore e o colmo  
 Acepções differentes não marca.

Caridade! — evangelho em resumo —  
 Entre os homens não faz distincção.  
 Ama o pobre — que acima dos ricos  
 D'esse amor têm maior precisão.  
 Vale menos um sceptro p'ra ella:  
 Vale mais do mendigo o bordão.

Caridade ! — evangelho em resumo —  
 Nem senhores nem servos conhece.  
 — Como o servo estremece, morrendo,  
 D'este modo o senhor estremece.  
 E a nobreza comprada no berço  
 N'uma campa co'o pobre fenece.

Assim foi esta virgem.— Mil vezes  
 Os feridos colheu da batalha.  
 Os mendigos tomou pelas ruas,  
 Consolou na cazinha de palha.

Involveu os infantes expostos  
Em fibrosa e macia toalha.

Porem hoje o seu corpo é cadaver.  
Tem sua alma a celeste mansão.  
O Senhor a chamou por seus anjos,  
— Que completa viu sua missão.  
E partiu d'entre nós... E da virgem,  
Ninguém d'ella se lembra mais não.

Nos semblantes de infêrmos, de pobres  
Da ventura já brilha o retrato.  
O menino que a vida lhe deve,  
Esse mundo ao depois fêl-o ingrato:  
Por que o homem no leito de estofo  
Julga infâmia o que lembra o grabato.

E partiu d'entre nós... E não teve  
A canção funeral do poeta,  
— Do inspirado de Deus para o mundo,  
Do escolhido — terrestre propheta.  
Do propheta divino somente  
Ella teve uma prece quieta.

E partiu d'entre nós... E seus anjos,  
— Seus irmãos — uma nenia intoaram.  
E no ar assombrado e tranquillo  
Harmonias do ceu resoaram.

E de nuvens esphas douradas  
Para os altos de Deus a levaram.

E perante esse aspecto de gloria  
Toda a terra quedou-se serena:  
Como o triste, ante os rizo alheio,  
Sente mais augmentar-se-lhe a pena :  
Como a taça de nectar do rico  
As arterias do pobre invenena.

Mas a terra reflecte bellezas,  
Essa terra, esse vacuo, esse mar!  
Porém tudo — mudez e silencio,—  
— Atalaia que põe-se a espiar:  
Porem tudo assombrado e tranquillo,  
Como quem preludia chorar.

E partiu d'entre nós... E seus anjos,  
— Seus irmãos — uma nenja intoaram.  
E de nuvens esphas douradas  
Para os altos de Deus a levaram.  
E essa terra, esse vacuo, esses mares  
Na mudez da tristeza ficaram.

Tu, oh ceu, na escriptura dos anjos,  
Mais um anjo em teus choros registras.  
Tu mandaste-o buscar por teus anjos  
Sobre nuvens de fulgidas listras.

Mas a terra ficou merencoria,  
Qual gigante co'as faces sinistras.

VI

Tal foi repentina no vago do espaço  
Aquella harmonia que ouvi que rompeu.  
Não sei si partia de vozes extranhas,  
Não sei si partia do espirito meu.

1 de fevereiro de 1854.

# OS DOUS CADAVERES

Aos manes do venerando anelão — o Dr. Fr. José de Sancta Escholastica e Oliveira, fallecido a 22 de março, e do meu joven amigo Fr. Henrique de Sancta Rosa Ribeiro, fallecido a 22 do mesmo mez.

Felizes,— não só pela honradez da vida, como pela opportunidade da morte.

TACITO.

## I

As lamentaveis orações que escuto  
Dizem que é tempo de choral-os inda.  
Precizam certas dores longa ausencia  
Para tornar-se fortes. Nem no tempo  
É que se inxugam lagrimas de amigos.  
E as lamentáveis orações que escuto  
Dizem que é tempo de choral-os inda.

## II

Em dous dias somente á terra demos  
Dous cadaveres nossos. E essa terra

Duas fauces abriu para ingolil-os,  
— Duas fauces terriveis. Parecia  
Por duas boccas horrorosa rir-se  
Com sardonico aspecto.

## III

Entre as preces de morte aqui trouxemos  
Primeiro um ancião. Vivera um dia,  
Mas um dia completo. A sua aurora  
Fora risonha: o seu zenith mais bello:  
Mais bello o seu occaso.  
De sua historia as paginas douradas  
Todas n'um verbo apenas se resumem,  
— No verbo da virtude.  
E vós, filhos do mundo,— e vós, que tendes  
Menoscabado, ironizado os claustros,  
Vêde aquelle sepulchro. Alli na pedra  
Lereis vossa loucura, alfim vencida  
De pejo e confusão,— indo esconder-se  
Por entre as nossas orgulhosas palmas  
De funebre victoria.  
E esse quadrado, povoado ao longo  
De cadaveres mil, attesta aos impios  
Que esta insania da cruz não cai ainda.  
Vinde estudar na lapida dos tumulos  
A sorte do porvir. Aqui se enastram

Nas flores do martyrio immensos nomes  
Que figuram no ceu. Aqui lançâmos  
Ao mundo inteiro uma solemne prova  
Do que elle chama — as ambições do monge.  
Inclinae vossa fronte em nossas campas,  
Oh impios,— e apprendei! Aqui se escondem  
Do monge as ambições mortas com elle.  
Perguntae, perguntae ás mesmas campas  
— Quaes ellas foram ? — Uma prece humilde  
Depois de sua morte.

Taes do monge ancião, que inda chorâmos,  
As ambições na vida e além dos túmulos.

Foram cumpridas, ellas. Seu cadaver  
Entre as preces de morte aqui trouxemos.

Tinha troado luctuoso o bronze  
Gravosos sons de morte.  
De dobres e orações os ares pejam.  
Da dor o espectro, o genio dos lamentos  
Nos tectos pousa, em lagrimas folgando.

E o campanario immudeceu: nas auras  
De todo em todo o lugubre ruido,



Voando, esperdiçou-se em tenues ecchos.  
Somente as orações crebras susurram  
Pela extensão dos solitarios claustros.  
E tudo o mais era silencio e nada.  
Quando outra vez o acostumado bronze  
Mais outra morte clama :

Era um joven que um passo apenas dera  
No caminho da vida. Uma pégada  
Marcou somente nos degraus do mundo :  
Desceu,— e deu no tumulto a segunda.  
Um momento parará ante os altares  
Cantando o Eterno em maviosos hymnos:  
Foi toda a vida sua esse momento:  
E remontou-se ao ceu, findado o canto.  
Quando de tarde inter necida e meiga  
Falia entre as folhas dos rosaes a briza,  
Um som — quasi canção — se expande ao longo,  
Melodioso, sim: porém mais bello  
Era o seu hymno harmonioso e brando.  
Quando sobre a montanha aérea orchestra  
De altivos rouxinoes em fortes trinos  
De musica atrevida os ares enchem,  
Para os ouvir o camponez deserta  
O innocente tugurio,— e as feras bravas

E as torrentes caudaes e os nortes param:  
 Mas nada d'isso a sua voz copia.  
 Nem a harpa immortal tangida outr'ora  
 Pelo joven David nos regios paços,  
 Do possesso Saul calmando as furias,  
 Traduz o seu cantar. Já para a terra  
                     Era de mais ouvil-o.  
 Tinha excedido ha muito o ser de humano,  
 E já tocava á perfeição dos anjos.  
 Talvez que precisasse o ethereo throno  
                     Mais de um cantor, qual elle.  
 Ou d'entre os choros seus—Deus, por momentos,  
 Tirara um anjo que viesse ao mundo  
 Cantar canções do ceu,— dizendo aos homens  
 Como se adora a Deus na patria eterna.

## VI

Cantor, cantor do ceu! tu não morreste,  
                     Nem mudaste de patria.  
 Não pode, não, ser teu nem um dos orbes.  
 Si na terra passaste, oh sim,— viagem,  
 Missão de Deus foi isso em nossa esphera.  
 A patria tua é tam somente o Eterno!  
 Tu gemias, eu sei, eu vi-te, eu mesmo,—  
 Gemias, circumscripto em teu segredo,  
 Com saudades de lá. Cuidando ás vezes

A sós contigo e tua idea estares,  
Em quentes preces ao Senhor pedias  
Sua mensagem concluir contigo.  
Lá no Golgotha assim, na cruz suspenso,  
Entre dores ao Pae rogava o Christo  
                    Que lhe passasse o calix.  
Deus emfim te attendeu, cantor sagrado.  
Almas dignas de Deus — Deus sempre as ouve.

Não choremol-o, não. Um pranto esteril  
Sôbre os manes de um anjo — insulto fôra.  
Gravemos só em sua campa um nome,  
E o mais em nossos peitos.

22 de abril de 1854.

# AI !

**Pelo fallecimento do venerando anelão — Frei Marcellino do  
Coração de .Jesus, accontecido em junho de 1854 no mosteiro  
do Rio de Janeiro.**

Sam velhos que batalharam,  
E que jamais renegaram  
A sua divisa e fé.

MUNIZ-BARRETO.

Por que deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
Deixaste a tua cella?  
Para o baculo ainda um dia tinhas,  
Um dia para a mitra!  
Não tinhas mais que performar no mundo ?  
Esgotaste da vida o vário calix,  
Onde, a par do prazer que á tona sobe,  
Assentam magoa e fezes ?  
Saciaste-te bem de dor, de gozos!  
Fartaste-te da vida ?  
Por que deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
Deixaste a tua cella?

Era cedo, talvez. Ainda as faces  
Alardiavam mocidade e vida.

Na frente ainda o ébano luzente  
 Entremeava a prata.  
 Rija, sonora, da tribuna eterna,  
 A voz ainda estremecia as turbas,  
 Apavorava os grandes.  
 Podias espalhar mais bem no mundo,  
 Si fosses mais um dia.  
 Porque deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
 Deixaste a tua cella?

Fôras um homem necessario agora.  
 Precizavam de ti victimas tantas,  
 Ai! tantos desgraçados!  
 A mão iniqua de sagrados odios  
 Sobre o collo innocente alçou de novo  
 A secure de Herodes.  
 Co'a garganta infantil cozida ao cêpo,  
 Do algoz romano pavidos ouviram :  
 — Obediencia ou morte! —  
 Obedeceram.— A tortura, o açoute,  
 O ergastulo, o patibulo, as pantheras,  
 Dos impios Neros foram.  
 Hoje ha Neros christãos mais brutos que elles.  
 Sam de todas as epochas os typos  
 De crime, de ferocia.  
 Não ha, porem, amphitheatro e féras.  
 Conhecem mais o sofrimento, as dores,  
 O que mais damna os homens.  
 Dam-nos apenas cárcere e destêrro!

Ah! o desterro!... prolongada estatua  
 De morte que do ceu se prende ao inferno,  
     — De morte que não finda! Ai!  
 para tantos mizeros agora  
     Que necessário fôras!  
 Por que deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
     Deixaste a tua cella?

Não viste as salas humidas do pranto  
     Dos mizeros proscriptos.  
 Não viste o panno dos sagrados muros  
     Transudando de lagrimas.  
 Não viste o corucheu do templo annoso  
 — Testemunha da dor,— curvar-se a ella,  
     Em respeito á desgraça.

Não viste á noute nos soturnos claustros,  
 De par em par fendendo-se os sepulchros,  
 Rangindo os ossos, levantar-se os mortos  
 Brandindo maldições em férreos carmes  
     Sobre os filhos sacrilegos.

Mui agra fora a teus provectos annos  
     Uma scena de sangue.

Ah! tanto horror te causaria infernos!  
     Foste feliz: — morreste.

Quando os pequenos, tam do Christo amados,  
 Fossem vistos de ti,— pallidos, tristes  
 Co'as faces cavas do soffrer profundo,  
 Castigados sem crime, em hostia á raiva  
     De phariseus hypocritas...

Uma lagrima tua, um gesto, um brado,  
De balsamo lhes fôra.  
Por que deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
Deixaste a tua cella?

Tambem foste proscripto. A dor do exilio  
Não era-te ignota.

Ah! quantas vezes desejaste em âncias  
Voltar á pátria cara!

Na pedra tumular da avita gloria,  
Sobre o pó dos tropheus, pobre, aviltado,  
Seus maus destinos Portugal prantêa,  
E pranteando dorme.

Ossada de nação co'os pés em terra,  
Co'as mãos a custo sustentando o craneo,  
A cada sôpro do suão vacilla.

Mas inda assim amavas-lhe os destroços !  
Lá o teu berço estava.

Mas ah! os toques matinaes não soam  
Nas cupolas da Arrabida.

Jazem seus claustros pavorosos êrmos.  
Murmura ainda nas extensas naves  
O ruido do sangue.

Nas vácuas cellas estampado impera  
O crime de seus filhos.

Só esta idea te rasgava as veias,  
Te amargurava o peito.

Receaste, avistando-lhe as ruinas,  
Desfallecer chorando.

Mas esses prantos que o sublime excita  
 Contêm suave gozo.  
 Por que deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
 Deixaste a tua cella?

Hoje de lá do ceu a vista inclina  
 Para a dor dos pequenos.  
 Uma prece de ti merecem, querem  
 Tam innocentes almas.  
 Roga por elles ao Senhor que os ama.  
 Prostra-te ainda d'ante o solio eterno  
 Orando pelos impios.  
 Talvez o Christo lhes perdoe o crime,  
 Dizendo ainda ao Pae, qual disse outr'ora :  
 — Não sabem o que fazem.  
 Talvez subiste ao ceu por impios tantos.  
 Seria lá precisa a prece tua,  
 Para abrandar-se a cholera divina,  
 Que já baixava em laminas de fogo  
 Nas mãos do archanjo que assolara o Egypto,  
 Sobre a cabeça grávida de crimes  
 Dos phariseus modernos.  
 Por que, sinão por isto, ao ceu subiste ?  
 Por que deixaste o teu mosteiro, oh monge,  
 Deixaste a tua cella ?



## MAIS UM TUMULO

Pelo fallecimento do venerando ancião—Frei José de S. Bento  
Damasio, a 10 de setembro de 1854.

### I

Mais um tumulo aberto ! Amada lyra,  
Tempéra as cordas de tristeza e lucto.  
Ah! não te esqueça teu dever funereo !  
    Nossa missão é esta.  
Internemos na pedra um ai, um carne,  
    E alabastros de preces.  
Cantemos sempre os males que se findam  
    No liminar da morte.  
Merece cantos uma dor que expira.  
Quem hoje desce á profundez do nada  
    Foi infeliz,— foi monge.

### II

Mas ah! que imagem me arrebatá extranha  
    A tetricos abysmos!  
Quem és ? — archanjo ou fada ? — As longas vestes

Vitreas, tam de crystal, os ares quebram  
E refrangentes choques!  
Que cor, que face transparente, annilea,  
Qual índigo de louça!  
Que cor, que face, que platíneos olhos,  
Quâes pallidas estrellas !  
Onde me arroubas, ai! que cahos, que abysmos  
Que gelos glaciaes, que moveis plagas,  
Que campos fluctuantes!  
Quantas campas aqui quebram-se e correm !  
Quantos craneos,—que horror! — de sánie sujos,  
Surgem medonhos d'ellas!  
Eis! de um lado levantam-se, frangendo,  
De negras togas adornados todos,  
Altivos esqueletos!  
Ah! esfoutros, porem, forcejam, luctam,  
Tremendos uivam, por querer debalde  
Transpôr-se do sepulchro,  
Algum grilhão, talvez, lhes prende as plantas  
Lá na raiz da rocha,  
Anjo, demônio, deusa, incanto, ou fada,  
Ah! dize-me o que vejo!  
Que crâneo immundo em desespero apponlas,  
Demonio, deusa, archanjo!  
Não reconheço-o não. A patria minha  
Não é aqui. A região dos mortos,  
Zona do ceu, do inferno, elysio, averno,  
Gurgite infindo, tenebroso ou claro,

Pegos de luz ou turbilhões de trevas,  
                                 Não me pertencem inda.  
 Outra nação, aqui, de essência extranha,  
                                 Este logar occupa.

Deixa-me, pois, voltar demonio ou anjo.  
 Transporta-me outra vez ao ser que tinha.  
 Não tenho ainda o meu dever completo.  
                                 Minha missão me chama.  
 Concede-me um instante, um verso, um canto,  
                                 Uma improviza nenia.  
 Quem hoje desce á profundez do nada  
                                 Foi infeliz,— foi monge...

### III

«Não cantarás,» atterradora brada  
                                 A meu ouvido a furia.  
 «Não cantarás» me repetiu, inchado,  
                                 E rebentou, tinnindo.

| FIM.

## NOTAS

*Meditação*—pag. 14.

Eu conheço o ingenuo descarnado e commum d'esta peça poética, si seu nome é este. Tenho vergonha de chamar isto — meu. Não é por orgulho que o digo, nem por falsa modéstia: é pela verdade, que eu amo, pela verdade, a quem eu gosto de sacrificar toda a exterioridade ridicula, toda a convenção puramente social que a possa incobrir. Não posso me alargar muito n'estas notas,— e me perdoarão alguma cousa pouco desinvolvida, porque a brevidade não traz sempre a clareza. Si me fosse licito deixar de fazel-as, seria melhor. Para quem leu somente o prologo, sam ellas inuteis. Quem, porem, teve a paciência de ler socegado,— o que eu acho difficil,— todas essas composições, a qual mais contradictoria em apparencia, esse precisará de alguma cousa mais. Eu não o saciarei entretanto, porque não posso.

A peça presente foi impressa ha dous annos ou mais no *Noticiador Catholico*. As poucas pessoas que lêem este periodico, applaudiram — *as Paginas do coração*,— nome que lhe dei entam, e que, por extravagantemente romantico, risquei agora. É por isso que estas poucas pessoas gostaram, que eu também o deixo ir ahi.

*O apostolo entre as gentes* — pag. 25.

Esta composição era bem indigna de ser offercida ao Sr. Dr. Gonçalves Dias; Entretanto, ha dous annos, tive o arrôjo bastante imprudente de lh'a dedicar! Hoje, sepultado conscienciosamente na com- vicção de meu nada litterario, devo pedir-lhe o perdão de minha in- solencia.

Quanto ao pensamento geral d'esse poemêto, dirão que ha hi pantheismo.

Não o sei. Confesso que não tinha essa intenção. Como cousas peio- res terão de assacar-me ainda, caio-me aqui.

*Milton* — pag. 63.

O pensamento d'esta composição é bebido, quasi inteiramente, no auctor que canto.

Eu a dedico ao meu amigo — Odorico — Octavio — Odilon. Tam pobre offerta ! — Não lhe peço perdão, comtudo. Sua alma de poeta está mais acostumada a amar, do que a perdoar. Conheço-a bastante.

*O Renegado* — pag. 111.

Não faço mais, n'esta composição, do que desimpenhar como podia o papel do judeu. Pobre povo ! orgulhosos da predilecção de Jehovah, que julgam que ainda lhes assiste, erram ás porções por todo o mundo, mas não ha fundirem-se em nem uma nação ! Ah ! uma lagrima siquer sobre elles... O primeiro dever do christão é chorar o desgraçado.

Eu espero que muita gente se arripie com um sancto horror do que diz o pobre judeu ahi. Mas era-me preciso pintar a verdade, ou renunciar a impreza.

E o caso de dizer com Beranger :

Mais il prêche en sot,  
Moi, je ris en sage.

O Monge —pag. 122.

Eu não devia dizer-nada acerca d'esse meu reverso dos *Claustros*.  
O exposto no prólogo vale para aqui.

Devo, todavia, confessar que em uma e outra composição ha por de mais. Dizem que Napoleão, no rochedo de Sancta Helena, exclamara que — não era atheu quem o queria ser.— Ha pouco tempo tambem o grande Kossuth ern um celebre — meeting— disse que — si estivessem em seu lugar, veriam que tinha febre, quando era obrigado a repetir discursos.— Eu digo uma e outra cousa do poeta, talvez com mais verdade. A inspiração ou a razão, segundo o profundo Cousin,— profundo apezar dos padres,— a inspiração ou a razão não é voluntaria. A Poesia, isto é, o pensamento inspirado não vem segundo o desejo. Espera-se mais, e dá menos: espera-se menos, e dá mais. Ha por isso, duas linguagens para o poeta: uma da inspiração ou da razão : outra do raciocinio ou da intelligencia. Ha alguma cousa de machina cartesiana na primeira : porém que machina sublime!

*O Converso*—pag. 144.

Quem se horripilou pelo pobre—judeu— horripilar-se-á, com melhor razão azaco por este pobre — converso.—

Minha intenção aqui é fazer o libertino, apezar de seu tom de satyra, apezar de si mesmo, dar claramente a preferencia á religião christian. Eu acho que o poeta lyrico,— não só o epico, como queria Chateaubriand,— deve incerrar o universo. E por essa convicção que en, em minhas composições, faço-me,— não sceptico, como dirão, não pyrrhónico sublimado, qual Montaigne,— mais apenas encyclopedico, tome que tem-se tornado tam escandaloso, que se tem hoje modificado pelo de eclectico. Eu confesso-me, pois, eclectico: quero dizer que tenho a ambição de abarcar o mundo, não como Alexandre em seu todo, mas como os Apicios em seu melhor. Si divizo lá n'um ponto do ceu um crepusculo de poesia, tomo o pegaso de Homero, ou o anjo de Milton, e para lá me arrójo. Si sonho que n'uma caverna do abysmo esconde-se uma figura poetica, para lá me incaminho tambem pela mão de quem guiou Orpheu, ou pela mão de quem guiou o Dante.

Eu sei que os hypocritamente devassos devotos,— segundo a bella phrase do Sr. Lopes de Mendonça,— não gostam d'isso. Ficam todos com os cabellos irriçados, como si vissem o tal monstro de Virgilio. Esses mesmos, que não poderão ouvir sem horror alguma de minhas insignificantes e mortas canções, estariam preparados para assistir com toda a satisfação religiosa a um auto de fé, hoje, agora, mesmo. Ai! quantos d'elles não estarão me olhando de revéz, sentindo sanctas saudades da boda Inquiisição.

E com effeito, meu livro, Jano de duas faees, figura versátil de Protheu, que vai-se metamorphoseando a cada pagina, estatua prophetica de Daniel forjada de não sei quantos metaes, e finalmente de barro,— meu livro, pedra de escandalo, insanias de impio, ignorancia de libertino, que entre-tanto faz mal,— meu pobre livro merece bem a fogueira, e com elle o renegado, ou o apostata, que o fabricou.

Eu o reconheço.

Si fosse possível, porem, que os homens piedosos me ouvissem, eu lhes diria que meu primeiro tentamen poetico, assim como apresento, não é de nem uma sorte um livro philosophico nem dogmatico: eu lhes pediria que não se assanhassem a ponto de alevantar-me cada-falsos, como o infurecido De-Maistre, que lhes serve de norma : que, com quanto eu receba com toda a paciencia propria de meu espirito o epitheto de — impio—que elles me dam, lembrem-se todavia de que Helvecio, segundo elles mesmos, foi muito impio, e foi um bom-homem, etc., etc., etc.

Este meu livrinho não é, como disse já, sinão um acanhado ensaio. É uma pequenina messe, tal qual é possível com a idade ainda em flor. Os fructos da mocidade sam sempre temporãos; mas ha de se perdel-os, quando o sol tem obstinadamente espedrido tanto raio para amadurecel-os á força ?

Transparece, portanto, aqui, um estudo rapido e passageiro, mais como uma ambição versatil, multicôr, incerta, do que como um trabalho methodico, sereno, profundo,— apanagio da idade madura. Ha mais desejos, que pensamentos: mais crepusculo, que luz : mais duvidas, que proposições : mais presentimento, que fê. Ha uma vocação ardente, indeterminada, insaciavel, quasi infinita, para uma imagem, que não se define ainda,— para um incognito, que, qualquer que seja, deve ser grande. Ha uma contemplação do immenso,— um desespêro talvez.

Creio que o estado de solidão monastica, por espaço de tres annos, me fez algum mal....

Assim, este livrinho tornou-se um labyrintho, onde eu mesmo custo a achar o fio. O que eu sei dizer, é que foi uma colheita do que, segundo meu gosto, achei de bello em tudo. A religião do Christo,— este pensamento verdadeiramente digno de Deus,— abastava-me de inspirações.

Não sei si as recolhi todas, mas sei que as copiei bem mal. Nem todos tudo podemos, segundo a bella expressão de Virgilio. Ao mesmo passo as outras religiões, mais ou menos theologicas, mais ou menos philosophicas, adereça,vam-se cada uma com seu bello, e desafiavam-me com elle.

Não me senti bastante forte para lhes resistir. Foi n'esse periodo, — quem sabe si de tentação?— que escrevi —*A Religião do poeta*, — impressa no *Noticiador Catholico*. N'essa espécie de bosquejo, que fiz entam, das religiões, percebe-se bem o estado de meu espirito.

Julgo que, ao dizer isso, sou verdadeiro e franco.

*Deixas-me!* — pag. 157.

O joven a quem é dedicada esta mesquinha composição, conta apenas dezeseite a dezoito annos. Eu deposito sobre o talento d'este moço as mais formosas esperanças. Nem uma de suas poesias viu ainda luz publica. Entretanto tem já em sua voluntaria obscuridade produzido algumas que lhe merecerão o salve de poeta, logo que apparecerem.

Eu ardo por saudal-o primeiro que todos. Ao menos, si nem um merito tenho por mim, contentar-me-ei com o que resultar, para minha consciencia, acclamando um genio.

Sou pontual aqui no dever sagrado, que Pope nos impõe, de favorecer o mérito de pressa.

*Saudade* — pag. 168.

Dirão que sou cabeça de motim, e que, como precipitei-me no abysmo, quero arrastar a todos em minha queda. Inda bem — que eu sei a linguagem dos devotos.

Eu não me atreveria a dirigir esta poesia ao meu antigo companheiro de claustro e de soffrimento, si não conhecesse que sua alma está muito acima da alma do frade. Com isto tenho respondido a todos. Talvez mais tarde eu tenha de provar com factos o que acabo de dizer, em uma obrita que tenho planejado.

*A morte no claustro* — pag. 175.

Esta composição tinha outro titulo, com o qual foi impressa. Substitui-o por este pela justa critica de um amigo.

Não obstante é uma d'essas composições, de que me invergonho. Imprimo-a, porém, — porque pode agradar ainda a algum, como agradou já uma vez. Ha algumas pessoas de um gosto tam exquisito...

Eu assisti á morte d'este monge, — e pela primeira vez á morte de um homem. Fui tam impressionado, que corri a escrever, com ancia, esse spectaculo medonho. Sahiu uma cousa commum, e entretanto, monstruosa.

Aqui começam minhas composições funebres. Careciam ellas de muitas notas, de muitos esclarecimentos, impossiveis n'este livrinho. Eu me reservo para melhor menção.

É-me preciso, todavia, dizer uma cousa. No canto funebre á morte do meu melhor amigo França-Eebouças, digo que tenho uma alma feita a um scepticismo innato. Ha hi quasi uma hyperbole poetica. Meu scepticismo não é um pyrrhonismo absoluto, mas essa duvida que Descartes aconselhava, essa duvida do Dante:

Che non men che saper, dubbiar m'aggrada.

Isto sou eu, e não mais. Que importa, porem, o que eu seja ?

# INDICE

Prologo do auctor .....	V
JUÍZO critico.....	XI
Porque canto ? .....	1
O Remorso da Innocente .....	6
Pedido .....	11
Meditação.....	14
O Apostolo entre as gentes .....	25
O Jesuita.....	34
A flor murcha do altar .....	36
O Incenso do altar.....	41
O Misanthropo .....	46
A orphan na costura.....	53
Meu filho no claustro .....	57
Milton.....	63
Pobre e soberbo.....	66
Os claustros.....	74
Soror-Angela .....	92
A Freira .....	96
A Devota .....	104
Frei Bastos .....	108
O Renegado.....	111
O Monge .....	122
O Apóstata .....	141
O Converso .....	144
Ella.....	147
Saudação .....	152



Deixas-me .....	157
Á profissão de Frei João das Mercês Ramos .....	159
Canto oferecido aos jovens alumnos do collegio de S. Vicente de Paulo.....	162
Saudade.....	168
Aos tumulos .....	J71
A morte no claustro .....	175
Canto funebre.....	181
Poema funebre .....	185
Nenia.....	199
Os dous cadaveres .....	212
Ai! .....	218
Mais um tumulo .....	223
Notas.....	227